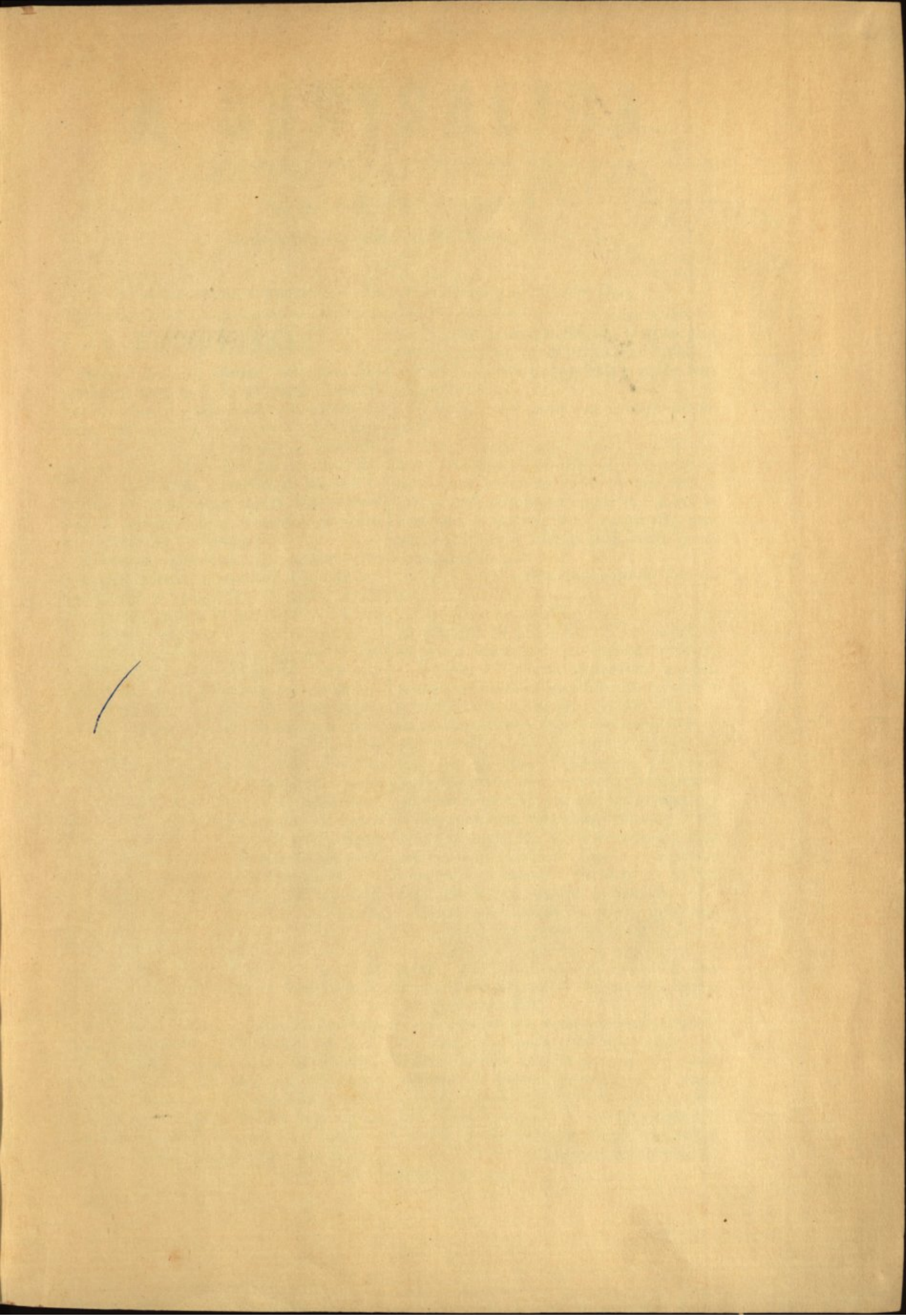
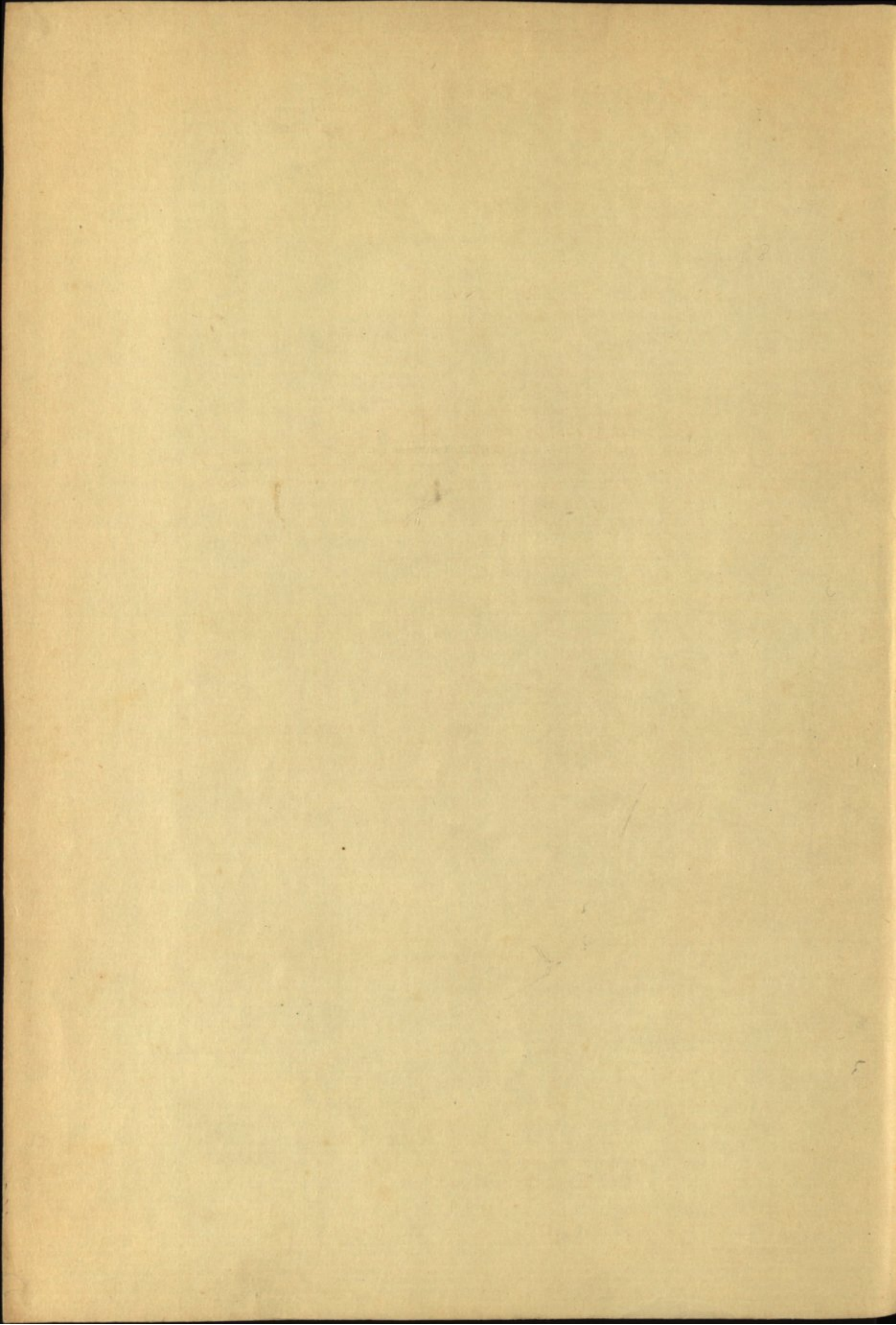


ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA

10
9
7





A CHRYSALIDA

JORNAL DE LITTERATURA

(ACADEMICO)

ADMINISTRADOR — Duarte de Vasconcellos

REDACTORES EFFECTIVOS — Theophilo Braga, e J. Simões Dias

INTRODUÇÃO

Desde o momento solemne, em que a immensidade ouviu da bôcca do Eterno o maravilhoso *fiat lux*, e a vida começou a estremecer no gigante, como no verme, a luz da sciencia rebrilhou nos horisontes do Eden, e continuou cada vez mais intensa nos horisontes da vida: até que um homem, semi-deus da luz — Guttemberg — repetiu o *fiat*, e para cada extremidade do universo atirou as estrellas da sciencia — descobriu a Imprensa!

É bello ver como desde então surdem novas e variadas cruzadas a empenharem-se com reiterada força na grande liça, em que se debatem os dois fortissimos athletas — a luz e a ignorancia, o progresso e o obscurantismo.

Passou o tempo em que o Anjo da luz contemplava de dentro da sua guarita o raio que o Anjo das trevas guindava á cabeça do rei, que, desmaiando nas ancias do crime, pegava a febre contagiosa a todas as cabeças do rebanho! Era então a idade bronzea contra quem não tinha a luz calor bastante, que a fundisse.

O nascer hontem, e o morrer amanha podia ser existencia; mas vida nunca: assim como não era vida a ignorancia completa de d'onde vimos, que fazemos e para onde vamos. Agora que ja sabemos o que foram nossos paes, o que somos hoje e que para a luz caminhâmos, congratulemo-nos pelo esplendoroso dia do nosso *resurrexit*, e communguemos todos na mesma mesa social como irmãos e artifices na mesma Babel, que não é monumento de vaidade humana e porisso não ficará em meio; muito embora os nossos successores no trabalho a tenham de reformar.

Mas cumpre estarmos certos de que amanha, os que depois de nós vierem, hão de cobrir de bençãos a obra, que por nós foi começada hoje: e que não cobrissem, que importava isso? Sirvamos nós á instrucção popular, como Antigo ao Deus dos povos sem o pacto *accipiendi mercedem*. Não seja justo somente o que nos convem, tambem o povo tem direito á

luz da sciencia, como ao Sol, que Deus fez para todos. A eschola *egoista* surgiu com Hobbes, e morreu: a perfeita confraternidade nasceu com Christo, e viverá.

O *docete omnes gentes* seja a nossa estrella polar.

Como a abelha embryonaria na cellula, demore a *Chrysalida* na seda, que vae tecendo, para cobrir juvenis espiritos, até que um dia se desprenda do estado de *nympha*, e á luz de uma nova primavera, possa metamorphosear-se em borboleta ao sahir do casulo, como Venus da espuma do mar.

Seja o jornal o filho bemquisto de Guttemberg.

Seja elle o thermometro do calor scientifico de cada dia, até que o livro possa comprovar ao povo a exactidão do seu augmento gradual.

O jornal é o oraculo da sciencia, que não procura a bibliotheca para fallar do presente e providenciar para o futuro; de cada uma casa faz elle um templo: de cada bôcca um intérprete: de cada homem um amigo: e de cada familia um auditorio de admiradores, que vêm á porta a recebê-lo com o sorriso da bemquerença, como a um filho, que de longe se esperava. O livro, pelo contrário, senhoril em tudo, e em tudo aristocrata, não se dá tão bem nas mãos callosas do trabalhador; procura as almofadas e os dedos do litterato: cria-se ao pe dos jardins, não desce ao tugurio do campino.

É para elle sustento de menos sabor, embora mais delicado. Querem os *espiritos-creanças* rações menos pesadas. O leite da sciencia pouco e pouco espremido, que os não suffoque. Seja o jornal preparativo do banquete, fique o livro para rematal-o.

Sentemo-nos pois á mesa do festim litterario e d'aqui trabalhemos todos neste edificio da litteratura, para onde se arrastam os grandes materiaes da sciencia europeia. Que os braços nos não cansem: nem o espirito vacille como o de Chatterton, em face dos improprios do desdem. Somos jovens em forças, mas velhos no desejar o nivelamento social pela instrucção.

O trabalho póde regenerar-nos: a elle, pois os, que, como nós, desejam o bem-estar da nossa familia — a humanidade; da nossa patria — o mundo inteiro.

A sciencia é cosmopolita: os sacerdotes d'essa religião devem trabalhar na vinha universal; embora os braços pendam cansados antes do brotar do renovo.

Avante! seja a estrella da sciencia a ante-mañhan da felicidade.

Coimbra, 30 d'Outubro de 1863.

J. Simões Dias.

O SOLITARIO

Não me deixes morrer sem ti, meu anjo,
Dá-me essas azas qu'eu levanto o voo.
Do auctor.

Onde vaes por ésta hora
Solitario vagabundo?
Tudo é calado!... e caminhas
Sosinho por esse mundo?
Que pena que a lua agora
Não deixasse ver teu rosto!...
Onde vaes por ésta hora?!...

Pareces barco vagando
'Numa lagoa quieta
Sem remador, sem alguém!...
Pareces ave inquieta
Que alta noite vae bolir
Na ramagem do arvoredó
Com gemebundo carpir!...

Vaes bater a alguma porta?
Não, não vaes... tu suspiraste?!...
Aqui é ermo... e tristonha
A lua em quem tu fitaste!
Teu olhar não disfarçou!
Gemeste... Ai!... foram saudades,
Saudades de quem te amou.

E choras?... Meu Deus!... Coitado!...
Lembranças tristes?... bem sei:
Amores sanctos que foram?!...
Faz pena... também amei...
E ficas olhando os ceus!
E ficas scismando ainda!...
Adeus, solitario, adeus!...

Aleixo dos Sanctos.

ESTUDOS SOCIAES E MORAES

FUTURO DO TRABALHO

O homem ao destacar-se do último elo da cadeia dos seres, sentiu-se forte e senhor da terra. A natureza offerencia-lhe por toda a parte

seus peitos uberantes, e este regosijo da harmonia ligava a sua existencia á vida pantheistica do universo. A grandeza do homem 'neste cyclo genesiaco, symbolisaram-na os escriptores sagrados pelo reflexo da graça e da innocencia que descia das alturas sôbre sua fronte; os escriptores profanos, menos inspirados pelo idealismo espirital, retrataram-a na plastica, nas fôrmas gigantes do corpo e na magestade homérica d'uma estatura cyclopica. 'Neste primeiro dia foi o homem como os anjos, via e falava face a face com a divindade; 'neste primeiro dia foi um gigante da terra, dominou pela fôrça herculea. Ambos os dois mythos têm um fundo de verdade revelada pela inspiração e intuição do passado aos prophetas da historia.

Senhor e rei na criação, o homem deixou-se enleiar no seio voluptuoso da natureza. Admirou, e cahiu adorando. 'Nesse instante descobriu a sua nudeza, e escondeu-se; sentiu a fome e a sêde, e as dores do destêrro; o outro mytho, mais violento e terrivel, para filiar d'essa quêda o naturalismo e antropomorphismo, fal-o *mergulhar no bruto* (*), e o satyro, o minotauro, é o homem a confundir-se na categoria inferior da sua ordem.

A quêda succedeu a ideia da re-habilitação, como ao occaso a nova aurora de luz. Era a lei eterna das antitheses. Foi o trabalho o signal da reabilitação, sera o caminho para a apotheose. *Sic itur ad astra*. Na mythica do oriente, tenebrosa e profunda, o trabalho é um stigma impresso sôbre o homem, é a dor, a atribulação, é a terra produzindo cardos e espinhos, fecundada pelo suor do seu rosto. É o enigma da vida a ser iniciado pelo soffrimento, e o soffrimento a retratar a vida nomada da raça primitiva na sua passagem atraves do deserto.

No mytho do occidente é sublime o ideal do trabalho. O trabalho, ahi, é a gloria dos semi-deuses, é a vida errante mas heroica. Chiron ensina o mysterio da fôrça.

Os trabalhos de Hercules, os trabalhos de Theseu, eis outros tantos passos para a elevação do homem, perdidos hoje completamente nas sombras imprescrutaveis do mytho. Nos trabalhos de Jason e dos Argonautas está symbolisada a inauguração do commercio da Grecia.

No oriente é o trabalho como uma fatalidade religiosa, um anathema do primeiro passo do homem. O christianismo, creado no berço de todas as religiões, vindo da Asia, transportou comsigo o mesmo dogma doloroso, mas como

(*) Expressão profundissima de V. Hugo na *Legende des Siècles*.

expição. Suavisou o golpe da espada flamejante, que lançou o homem fóra do eden. Exaggerou a culpa para moderar o castigo; suscitou no interior do homem uma lucta, lucta escura e tremenda, um *eu* a combater com outro *eu*, a carne a revoltar-se contra o espirito, a confusão e o cahos onde havia a ordem e a harmonia, e para este dualismo desesperado apontou como panacea—o trabalho. D'esta ideia proveio um diluvio de sangue para rehabilitar a raça futura—foi o sangue dos martyres; a arca fluctuante— a Igreja; e o ramo de oliveira symbolizando a paz universal e fraternidade futura— a cruz. Mas taes symbolos tarde foram comprehendidos; foram como o enigma da Sphinge, que devorava os que iam passando. O christianismo ao ideal do trabalho ligou a universalidade.

A vida aventureira e incerta das guerras, vulgarisou o pensamento que Aristoteles descobriu na sua *Politica*; que havia no homem duas naturezas, uma activa destinada a mandar, outra escrava destinada a obedecer. A fraqueza foi o primeiro signal da escravidão; é por isso que no mundo antigo a mulher era abatida quasi á qualidade de máchima. Roma, a escrava dos Cesares, pelo acaso da conquista adoptára o pensamento do Stagirita. Tinha o orbe a seus pes; repousava o sceptro ensanguentado na cerviz das nações, para involver-se depois descuidada na orgia dissoluta da saturnal do imperio. D'este modo a grande prostituta que se espreguiçava sobre sete collinas, Roma, não podia subsistir sem a escravidão, que era como o musculo da républica, ou os membros d'esse corpo, como sophismou o subtilissimo Agripa. Os senhores do orbe não procuraram outro plano de organização social, davam-se bem com aquelle, á custa da angustia dos outros. Mais tarde, quando o verbo do Christo entrou na cidade eterna, ergueu-se o alarme por toda a parte.

Os politicos, ainda os de maior alcance, como Tacito, viram abalado nos fundamentos o edificio social. O christianismo falava de egualdade, era força repellil-o como um attentado contra a ordem. A philosophia stoica nos seus proverbios juridicos preparava a vereda para a religião nova. Quem ha de trabalhar? era a pergunta e o argumento que apresentavam, como irretorquível, ao christianismo nascente; era por onde Tacito o combatia. O christianismo não abolia o trabalho, abolindo a escravidão; proclamava a egualdade e consequentemente a universalidade d'elle. As suas vistas iam mais longe: estreitando os laços da vida social, entre-

vira a multiplicação da força pela união, e o modo maravilhoso de lançar sobre a natureza o trabalho que o homem na quèda recebera d'ella.

São as máchimas, que vão realisando pouco a pouco esta posse da realza do homem sobre a natureza. Na idade-média a ordem social era classificada pela propriedade territorial; a posse era a característica do senhor, o trabalho da cultura o stigma do servo.

A idade-média é uma antinomia na historia; a influencia manifesta do christianismo é a communa. O abraço dos povos pelo trabalho do commercio e da industria, eis o segredo das riquezas de Pisa, Gand, Genova, Veneza, Bruges e Florença ao pe da barbarie dos estados-feudales. (*) *Virtus unita fortius agit*. No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força da agua, foram outras tantas fadigas de que alliviou seus hombros, sobrecarregando-as sobre a natureza. Hoje o trabalho não é o sello da culpa, como na antiguidade biblica, não é o signal da escravidão, como na idade média, nem o tributo dos parias, como o concebia Aristoteles; hoje é o symbolo da dignidade do homem.

O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte; poetas como Pelletan, Victor Hugo e Michelet, vão perpetuando as strophes ao estrepito das grandes descobertas de Galvani, Fulton, Watt, Pascal. Pelas máchimas ganha o homem tempo á custa de força; mas força dependida pela natureza. Virá uma epocha em que o homem se liberte do trabalho material; abre-se então outro horisonte mais vasto— o trabalho da intelligencia. Prometheu ergue-se dos fraguedos caucasicos, não para roubar o fogo celeste, porque é Deus, mas para atear aquelle que occultou longo tempo no peito. O homem desprender-se-á da animalidade para absorver-se no anjo.

Esta theoria explica ja a prodigiosa actividade e precocidade intellectual d'este seculo.

Theophilo Braga.

A VIDA!

A vida leva-a o vento,
A vida é folha, que cae!
J. de Deus.

A vida é d'haste cahida
Folha que o vento levou;
É vaga esperança perdida;
Nota que a lyra soltou.

Onda de sangue revolta
'Neste mar de pranto e dor:

(*) Pelegrino Rossi, *Ec. Polit.*, t. I.

A vida é lagrima solta
Do tenro calyx da flor...

A vida é prysma dourado
Que a mão da morte quebrou;
A vida é sonho acordado;
Pharol que o vento apagou

É negra noite sem lua —
—Lua que brilho não tem.
É alma de crenças nua —
—Nua de esperança tambem!

A vida é o *nada* da terra!
É *tudo* o que *nada* é!
O *nada* que *tudo* encerra!
Tudo em que *nada* se lê!
Coimbra, 18..

Duarte de Vasconcellos.

FEIÇÕES

Cada epocha tem um caracteristico particular, porque em cada uma ha novas tendencias, novos gostos. Em cada seculo ha uma virtude ou um vicio predominante, que dão um nome a essas eras.

Houve um tempo, em que o amor da patria era uma virtude, que mais nobilitava o homem. Aquelle, que pretendia occupar uma página brilhante na historia d'esses annos, sacrificava-se em prol da terra, em que recebêra o primeiro ciciar da aragem da vida. Foi ésta, sem dúvida, a origem primitiva de muitos heroes que hoje reconhecemos ainda, e venerámos admirados. 'Nesses dias a affeição pela patria fazia calar no coração qualquer outro sentimento; o amor da mulher de nossos sonhos era supplantado ante esse novo affecto; a amizade sacrosancta, que nossas mães nos mereciam, era sacrificada em frente das exigencias da terra, que nos vira nascer. A patria era o idolo mais querido do nosso coração; a esperança mais faqueira, com que nos abraçavamos; o primeiro somno, que nos embalava no berço; a última inspiração ao desabar na campa. E nossas mães então desinvolviã contentes no espirito de seus filhos essa religião, essa virtude. Eis um dos caracteristicos das eras, que ja la vão.

Hoje porém essa virtude perdeu de voga; foi permutada por outras, que o seculo actual endeusa com mais firmeza. Antigamente o homem, que esquecia tudo, por se lembrar da patria, practicava um dever, era um heroe, se as suas acções o agigantavam; hoje esse homem sera um portento, que veneraremos, uma raridade, que faremos trepar ao throno mais

elevado da gloria, dando-lhe na historia contemporanea uma página mais resplandecente.

Eis uma differença entre os tempos, que ja passaram, e os que se volem agora; eis talvez o motivo principal por que o egoismo pretende julgar-se o caracteristico do nosso seculo. Seja-nos, todavia, permittido o não accedermos voluntarios a esse juizo. Que um dos caracteres de nossos dias é o indifferentismo e a descrença, não o contestaremos; mas que o egoismo é privativo de nossos dias, não o admittiremos por enquanto. Antigamente e agora, hoje e sempre esse vicio existiu e existirá entre a humanidade.

'Nestes tempos porém o egoismo é mais pronunciado, porque não é tão involvido na cobertura reprovada da hypocrisia. Outr'ora o homem era egoista, mas hypocrita: morria satisfeito, com tanto que seu nome passasse á posteridade; arriscava essa existencia por uma ideia, por um pensamento; morria pela patria; e a sociedade, ao contemplal-o, admirava esse prodigio de abnegação; e a historia, ao escrevel-o em seu livro gigante, maravilhava-se ante esse desapêgo! Hoje o ente racional trabalha mais desassombradamente para seu bem estar, sem que se esforce, todavia, por indicar á sociedade, que sua mira é o bem geral. Antigamente a ambição do ser humano era uma morte gloriosa, que o fizesse reviver na lembrança dos vindouros: hoje o aspirar constante do homem é o prolongamento da sua existencia no mundo, para que por mais tempo seja comparte nas delicias, que a vida lhe prodigalisa. O homem de outros tempos encarava a morte com alegria, porque, atraz da sua figura descarnada vira a gloria bonançosa e resplandecente; o homem da actualidade, em geral, visa a morte com horror, porque atraz do sepulchro ve somente po; porque a reputação para alem da campa não a julga a felicidade.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

O NOIVADO MYSTICO

Nas regiões do Emyreoo
la onde o sol rebrilha,
e aonde Deus perfilha
os filhos do martyrio!

aonde o occulto amor
vae consumir seu fado
em mystico noivado
nos braços do Senhor,

a esses mundos d'oiro
os Anjos te conduzam:

e em roda se produzam
do virginal thesoiro,

que levas no teu seio
ao teu divino espôso,
que delirando em gôso
a receber-te veio!

Que o mundo mais não veja
quem hoje se encaminha
a trabalhar na vinha
da celestial Egreja!

Vae, doce esposa, vae
sagrar mystico laço
'num suspirado abraço
na casa de teu pae!

Jerusalem se ergueu
co'as suas filhas todas...
vem assistir ás bodas
no dia do hymineu.

As portas 'stão em par
e o leito preparado...
mysterio recatado
vae dentro celebrar...

Por ti á espera deve
de estar o teu amante
no thalamo olorante...
vae, pomba côr de neve,

vae, lyrio de Sião...
das vestes a candura
realce a formosura,
retrate o coração!...

Abaixa o branco veu
por sôbre o lindo rosto
sejas como o sol posto,
que em nuvens se escondeu!...

Vae, doce esposa, vae
sagrar mystico laço
'num suspirado abraço
na casa de teu pae!

Ja mal se escutam passos
La dentro do sanctuario...
Abrira-se o sacrario,
fecharam-se os abraços...
Languesce a branca flor...
no esposo se descança...
na desatada trança
involve o seu Amor.

Descêra alfim o veu...
o templo se fechou.
Mulher que tanto amou
Surgira para o ceu!

J. Simões Dias.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

I

Eram quatro e meia da manhan d'um bello dia d'agosto; e eu encontrava-me então em Penacova. Felizmente que ja não era pela primeira vez que me achava 'naquella tão linda e tão pitoresca villa, na minha opinião uma terra de fadas, um Eden de poesia! Para surprehender o nascer do sol, fui sentar-me por detraz do Castello sôbre o Penedo da Pena. A poesia, que alli se sente rebentar n'alma, mal pôde exprimir-a a minha penna tão pouco costumada ainda a traçar voos de tal guiza: quanto pôde dizer-se em lingua de homens, do muito que a alma sente alli, assim como em outros muitos pontos d'aquella terra de encantos, bem o disse ja a penna d'ouro de um joven orador-poeta d'aquella villa, hoje um dos primeiros ornamentos da nossa Tribuna Sacra, e não ha muito, um dos mais doces cantores do *Cysne do Mondego*, etc. Quer da imprensa, quer do pulpito, o sr. Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro bem tem mostrado até onde é capaz de elevar-se nos arrojados voos da sua penna d'aguia! Que posso eu dizer pois de algum interesse a respeito d'estes sitios a quem leu ja — *Umas férias passadas em Penacova?* De certo pouco. Deixemos então o poetico penedo da Pena, e vamos pela primeira vez até Lorvão.

O sol, que agora nos dá de chapa pelas costas, é mais um incentivo que nos obriga a tornear com ligeireza o Reconquinho, a deixar com saudade os viçosos milhares de Carrazedos; e que nos colloca como que por magico encanto no cimo do valle do Bravo. D'aqui sim; d'aqui é que se desenrola ante meus olhos um panorama como jamais hei visto de ponto algum da terra. Não ha sol por mais ardente, que me faça proseguir ávante, sem ler um pouco no livro que a natureza aqui me offerece. Tudo em tórno de mim é poesia, que me seduz e me prende; em tudo vejo um poderoso talisman que me encanta e me enfeitça.

La em baixo pela esquerda se nos mostra o preguiçoso Mondego recostado em leito d'ouro, bordado por duas largas e longas fitas de verdura, dormindo ao som melodioso do suspirar das noras; alem pela direita, os alcantis do Ca-

ramulo, gigantes arrojados, que pretendem sustentar o ceu com a fronte; mais perto o doce marulhar dos ribeirinhos; e em frente la em baixo, como eremita, que procura a solidão para rezar; la se esconde na profundidade dos vales o venerando convento de Lorvão; por toda a parte emfim a magnificencia do Creador.

Mas quebremos por um pouco os laços magicos que aqui nos prendem; deixemos a terra para nos elevarmos um pouco até ao ceu; deixemo-nos seduzir pela voz da solidão; voemos nas azas d'esta poesia mystica, e vamos até ao convento.

(Continúa).

F. A. Duarte de Vasconcellos.

VERSOS

No dia da primeira missa d'um joven sacerdote
offerecidos pelo sr. Rolão Preto

Dia do teu triumpho... eil-o chegado!
depois do mui remar eis-te no porto
co'as benções da familia por confôrto,
parentes e amigos a teu lado!

Nos rostos o prazer e dentro d'alma
leda esperança por ti la no porvir
são rosas, que começam de florir
entrançadas no pe da tua palma!

Como ao nauta reluz por sôbre os mares
a luz incerta d'ignorada praia
nas ancias d'uma esperança, que desmaia,
—refulge a tua cruz sôbre os altares.

Recolhe a bem fadada do Senhor
e leva-a 'té subir ao teu calvario,
involto nos incensos do sacrario
e sanctas benções de fraterno amor.

Mas se os hombros vergarem, sem abrigo,
ao péso d'essa cruz, que ergues ao ceu,
teras ainda os braços d'um amigo,
serei teu Ceryneu.

J. Simões Dias.

CHRONICA

Que difficil missão me incumbiram 'nesta sancta cruzada! De certo que não era para meus hombros esta cruz! mas ja que a tomei, por esta vez hei de leval-a ao monte! Amaveis leitoras não me hão de crucificar 'nella d'esta vez, pois não?! Eu assim o espero da vossa angelica bondade. Mas, antes de principiar a *chronicar*, (ai! so este verbo me faz tremer na mão a penna!), permittam-me v. ex.^{as} uma innocente pergunta de que não exijo resposta.

Tomar banhos de mar não é hoje um remedio; é uma necessidade para se ser senhora, porque é moda; logo v. ex.^{as} ja tomaram banhos do mar; agora, depois de saber esta verdade, que eu ja suppunha, é que tem logar a minha pergunta innocente, e de que por certo v. ex.^{as} ainda se não esqueceram. Lembra-se, minhas senhoras, d'aquelles calefrios, d'aquelles tímidos receios que sentiram, quando entraram pela primeira vez em lucta com as ondas; lucta de que v. ex.^{as} por certo fugiriam, se não fôra o braço audacioso do intrépido baneiro que as impellia para o mar? Pois é exactamente o que eu sinto ao incetar a minha primeira chronica. Mas impellido pela fôrça d'um dever, vou arrojar-me ás ondas; se naufragar, a bondade de v. ex.^{as} sera minha unica tábua 'neste naufragio; se ainda ella me não poder valer; adeus! tambem ca não voltarei mais incomodar os leitores. E posto isto como *razão d'ordem*, vamos entrar ja na chronica.

Coimbra, a Agar do deserto, que ainda hontem solitaria e pensativa, espalhava pelas margens do seu rio as saudades que tinha por seus filhos, mostra-se hoje risonha e alegre, porque ja sente em seu seio quem lhe dá vida e amor.

A academia mostra-se contente e satisfeita com o seu novo Prelado, porque conhece que tem á frente de si um homem que sabe comprehender bem que ser Reitor é ser Pae! Conhecedora dos sentimentos essencialmente progressistas d'este homem, reuniu-se ja em assembleia geral para felicitar o seu chefe e expor-lhe por esta occasião as suas maiores necessidades. A substituição completa do processo academico — um processo *velho, barbaro, inquisitorial*... — por um processo novo, feito á luz da civilisação do dia d'hoje, é sem dúvida a primeira necessidade academica.

O academico ouve e repete por muitas vezes nas aulas d'esta Universidade, que — *a todo o cidadão é permittido o direito de defeza*; e todavia o academico é punido sem ser primeiro escutado; o seu nome é-lhe riscado do livro da matricula, e com elle muitas vezes o futuro de uma familia, sem que o estudante sequer o saiba, senão na hora, em que é intimado para se pôr fôra de Coimbra. E isto é infelizmente um facto que custa a acreditar; mas é um facto. E isto não se compadece com a altura da civilisação dos nossos dias! Esperámos que d'esta vez sejam ouvidos os brados de quem soffre.

Mas a academia pede mais. A academia quer a refôrma d'hábito, porque aquelle em que se ve *amortalhada*, é negro e feio, como o remorso

do precito; e a academia, que quer um traje que seja a expressão viva de seus nobres sentimentos, tem uma alma candida e pura como o sorriso dos anjos!

Em quanto a este ponto julgámos a reforma boa de mais para ser levada a effeito.

Mas quando nos não seja concedido para o tempo lectivo; ao menos para o tempo de férias não nos neguem uma petição tão justa! Com um hábito exclusivamente academico, exclusivamente nosso, poupámo-nos todos os annos a despesas, com que a maior parte não podemos. Com um hábito academico fugimos aos caprichos das modas, e andámos sempre decentes!

Com o nosso hábito definimo-nos em qualquer parte do mundo; e mostrámos, apresentando-nos, o que somos e valemos. Com um hábito academico finalmente, incurtam-se despesas, promovem-se commodidades, e desperata-se o amor pela sciencia.

Os nossos brados são justos; o ceu ha de escutar-nos piedoso, e nós havemos de ser attendidos. A um MONARCHA ILLUSTRADO, e a um Reitor attencioso, que pedirá com justiça — a briosa academia de Coimbra, em que não seja attendida?!

—E então não nos fala senão de coisas academicas?!

—É verdade minhas senhoras, quasi me ia esquecendo do officio de chronista. O *espírito de partido* quasi sempre nos leva por largar digressões, quando nos deixamos voar nas azas do enthusiasmo.

Vou pois dizer mais alguma coisa d'esta terra.

Hontem (28) houve récita pela segunda vez este anno no theatro de D. Luiz. O officio de que me encarreguei, e a sympathia que me inspira aquelle theatro levaram-me la. Representou a companhia dos *Meninos Florentinos* — que se acha n'esta cidade, e que segundo ouvi dizer pretende dar oito récitas.

Desde ja declaro, embora me censure essa gente que por ahi ha que timbra em dizer mal de tudo; declaro, repito, que gostei muito, e que me maravilharam as creanças! Creio que a maior parte dos espectadores vieram possuidos dos mesmos sentimentos.

Somos d'opinião que andaram muito bem, e que são de muito merecimento. Executam partidas gymnasticas difficultosissimas, e que na verdade não são para esperar de creanças — algumas de 7 annos ainda. Alem d'isso, dansam em geral com muito gosto e elegancia, conservando sempre uma regularidade e ordem

tal na formação dos grupos e dos quadros, que não pôde deixar de ser resultado d'um trabalho insano da parte d'elles e d'uma paciencia prodigiosa da parte do professor.

A lei da symetria nunca ahi se viu alterada no mais pequenino ponto. Em jogos d'uma variação espantosa, nunca se notou o mais passageiro engano.

No primeiro acto, *Il Columela*, distinguui-se principalmente *Eduardo Pons*, ja como actor ja como cantor; e todos os mais agradaram muito. A cavatina é de gosto e apropriada.

O — *passo a dous* — é de pouco merecimento em si, mas é de muito em relação a uma interessante menina, que pouco mais pôde ter que sete annos, e que alli executa o papel de *mullher do poeta*. Como aquella borboletinha se move! com que graça se deixa cahir no chão desfalecida pelo borborinhar da walsa! Aqui é de notar a maneira porque o *homem* a faz voltar á vida, e dansar de novo. E não cuide o meu caro leitor, que é com algum remedio de botica; não senhor; é um remedio caseiro e muito simples — com uns poucos de borrifos de vinho está outra vez prompta. Uma lembrança assim so de poeta; e tão raras virtudes so do vinho!.

A menina *Natalini Innocenti* foi pois freneticamente applaudida, e com razão; em tão tenra idade não sabemos que se possa revelar mais merecimento artistico.

No baile — *a flauta magica* — distinguiram-se principalmente *Mariana Flori* no papel de Laurelia, camponeza, e *Gustavo Valdechi* no papel de Nardino, camponez e amante de Laurelia.

Tambem merece verdadeiros applausos *José Tiroco*, desempenhando o papel de rival de Nardino. É moço de muito talento comico, e que pôde vir a ser muito grande neste genero. A plateia fez-lhes justica.

A *flauta* merece-nos menção especial. — Quem nos dera uma *flauta* de tão magico poder.

A de Orpheu arrebatava as pedras dos montes; aquella não sei se faz mais ainda. De que apuros ella livra a Nardino e a Laurelia! Quanto não devem áquella flauta aquellas duas creanças!

Nardino é encontrado em amorosa entrevista pela mãe da sua amante, que os reprehende com aquella severidade propria de velha rabugenta; Nardino soccorre-se á sua flauta; a velha, não podendo resistir á *magia* d'aquelles sons, salta e dansa de contente.

Nardino vae para ser condemnado, por ter commettido o crime de *amar*, e a sua *flauta*

livra-o das mãos da justiça. D'isto é que o chronista muito se admirou!

Que a *justiça* d'hoje se deixa muitas vezes seduzir pelos sons de *outros* instrumentos que *têm attractivos e são convenientes*,... ja elle sabia, mas aos sons de uma flauta campestre, era o que ainda ignorava! É progresso!

A moralidade da peça, cremos nós, que tem por fim rebater um dos peiores vicios da nossa sociedade actual. A mulher a *tróco d'ouro* é que todos os dias por ahi vemos, a mulher alli — mas é so alli — calca o ouro aos pes, e mostra á sociedade que não ha ouro que a pague.

Esperámos que as nossas leitoras hão de reparar 'neste grande exemplo de moralidade, e convencerem-se por uma vez, de que *a virtude vale mais do que o ouro*.

A enchente na plateia era quasi real.

Os camarotes estavam pouco concorridos, mas alguns bem ornados.

Mereceram ao chronista especial attenção tres da 1.^a ordem.

No n.º 6 sobresahia com especial graça, com aquella graça que no meio de tantas é so d'ella — de poetisa — a mimosa cantora do Mondego. Vestida de branco, como os anjos, mostrava 'naquella singeleza, que a alma desprendendo-se da terra lhe paira continuamente pelas regiões do infinito. É que sabe que na terra ha poucas almas afinadas pelos sons da sua!

Mais tres camarotes para diante e la se viam duas mulheres, que para as descrever seria preciso ao chronista ter-se chamado *Abrahão*, ou *Bernardim Ribeiro*. Quem sabe se a mulher que pôde despertar 'num coração de cem annos sentimentos do mais vivo amor, quem sabe se essa mulher tinha uns cabellos louros; ou se aquella que fez d'um poeta um *peregrino* tinha assim altiva e nobre a fronte sôbre que assentava o diadema de rainha? talvez.

Logo adiante, n.º 13, la estava a mulher do romance; a mulher d'hoje — a mulher que sente, que soffre... e que não sabe porque soffre nem porque sente — a mulher descrente; que não supporta um olhar, que nunca descerra os labios 'num sorriso; mas a mulher anjo, a mulher fada, a mulher vaporosa, a mulher linda como a virgem que o poeta ve nos seus sonhos de ventura... E ella era 'naquella noite mais encantadora do que nunca; porque ella era triste e pensativa como a virgem da solidão.— Era o anjo da ternura *reclinado ao pe da cruz!*

Basta de chronica até ao número seguinte, se d'esta vez for bem recebido,

Coimbra, 29 d'Outubro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

A CHRYSALIDA

Assigna-se em Coimbra — rua de S. João na loja do sr. Sanches; — rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita; — na Calçada na livraria da V. Moré.

Em Castello-Branco assigna-se e paga-se em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marques.

PREÇOS

Coimbra (por semestre) *pago adiantado* 720
Provincias (por semestre) *pago adiantado* 800

Publicam-se e agradecem-se todos os escriptos que forem dirigidos á redacção, com tanto que se lhe reconheça merecimento, e não offendam susceptibilidades d'alguem.

Toda e qualquer reclamação deve ser dirigida — porte franco — ao administrador, rua da Trindade n.º 3.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

RELICARIO

OU O MUNDO INTERIOR

POESIAS

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

AVISO

Declarámos aos srs. assignantes que uma boa parte dos escriptos inseridos 'neste número não foram previamente vistos pelos redactores; mas nos seguintes obviaremos a taes inconvenientes.

J. Simões Dias, e Theophilo Braga.

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

I

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

O mystico para exprimir a elevação do espirito, o júbilo interior, a aspiração ardente, materialisa a ideia na imagem, sacrifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrismo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinivel, é ás vezes frio, monotono, obscuro; e quando é suscitado pelo enthusiasmo, toma o caracter da inspiração hymnica, objectiva, onde na essencia permanece a mesma monotonia pelo tropel de imagens semelhantes que fluctuam em volta d'uma mesma ideia. Na fórma, apparece a variedade, a novidade, que seduzem o ouvido. S. Francisco de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pela vertigem do amor divino, sem pôder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, descreve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. S. João da Cruz, na *Noite Escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, como pôde sentil-o um coração fervoroso, symbolisa a alma que no silencio do ermo se remonta a Deus, na Virgem que desce a escada do lar paterno, na hora mais remota da noite, para vir abraçar o amante que a espera. Nos versos de Sancta Thereza de Jesus, Sapho delirante do christianismo, que se precipita num pelago d'amor e morre por não poder morrer, ahí é sublime o delirio d'esse amor do ceu; parece ás vezes um amor carnal, insaciavel, que a fatiga. Depois eleva-se nas azas diaphanas do spiritualismo e paira na serenidade do extasi, para receber a coroa de esposa nas nupcias do Cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um caracter differente. Quem abrir o livro das poesias do monge austero da Arrabida, ou as encontrar dispersas pelos chronicons da sua ordem, e respirar nellas o perfume de melancholia, parecer-lhe-á sentir a expressão elegiaca de Bernardes; descobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da terra, o outro canta a saudade do ceu; um atira-se ao bulicio do mundo fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma van sombra; o outro embrenha-se na solidade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, e na vigilia continua, como a luz vinda da alampada nocturna que se vae consumindo lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida

monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido. Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Francisco, o Seraphim de Assis, os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não têm aquella paixão vertiginosa, e ás vezes quasi sensual das palavras de Sancta Thereza de Jesus, a sua alma não delira como a alma de S. João da Cruz, quando busca pelas selvas o espôso. Estes são os poetas do extasi; Agostinho é o poeta da penitencia, cada verso é um gemido de mortificação. Como todos os poetas mysticos fraternizam com a natureza; elle reprehende a corça que o visita, como Francisco de Assis reprehende os passarinhos, estreita os laços da amizade como os solitarios com as feras do deserto.

É nestes sentimentos que o christianismo se mostra poetico e sublime, elle mesmo ensinava ao povo os dialogos com que havia dirigir-se ás alimarias da terra, como se ve d'esta fórmula tirada de um manuscripto de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas.

É assim que se havia falar á abelha mestra: «Adjuro te, mater aviorum, per Deum regem coelorum et per illum Redemptorem, filium Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec longe volare, sed quam plus cito potest, ad arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo genere, vel cum sociâ tuâ; ibi habeo vaso parato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis, etc. (*)»

Este pantheismo caracteriza toda a poesia mystica. Frei Agostinho da Cruz canta a infancia de Jesus; é o ideal da pobreza, como o não excedera Lope de Vega no dialogo da Virgem quando adormece nas palhas o Menino.

Os seus sonetos tendem para aquelle spiritualismo a que os elevára Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A fórma classica do *bucolismo* não dá realce algum aos seus dialogos espirituaes; foi o contagio da sua epocha. A alegria da alma e do espôso em S. João da Cruz é toda biblica, eleva-se quasi sobre a pastoral de Sulem.

De todos os poetas portuguezas é Frei Agostinho da Cruz o menos lido; e é nos seus versos que mais se encontra o esforço da poesia do christianismo para desprender-se das ficções do velho d'Areza. *Theophilo Braga.*

A VIDA!

Ainda este phantasma ensanguentado
diante dos meus olhos a erguer-se!

(*) Batuze, *Capit. t. II, pag. 663.*

Ainda este demonio, este mau fado
'neste peito ja morto a remexer-se!

Ainda o som blasphemo da cidade
no sepulchro d'est'alma a retinir!...
Pois não é permittido á orphandade
ao menos no sepulchro em paz dormir?

Não é?! Quero ser livre... ao menos la
c'os mortos abraçado gozarei
delicias, que eu na terra não achei,
mas que Deus, que é bom pae, não negará.

Vida! negrã furia! brasa ardente
nas fornalhas do abysmo retemperada...
dizem-me que no mundo não és nada...
mentira!... és o inferno incandescente!

Quero em vão fugir-te e não me deixas
sombra mofina, que meus passos segues!...
Ouve sequer propicia as minhas queixas...
ser livre!... quero-o ser... oh! não m'o negues!

Não m'o negues por Deus que a ambos formou
a nós ambos 'naquelle triste dia...
Oh! que dia fatal, em que elle baixou
a por-me dentro d'alma ésta agonia

Quero-a d'aqui pôr fóra... quero sim
tragal-a 'nestes dentes esfaimados!
que fiquem seus grilhões despedaçados...
quero moel-os 'néstas mãos por fim!

Quero rasgar a lista dos teus crimes
e mostrar-te o sudario ao mundo inteiro!
Hei de ser sôbre a terra o pregoeiro
da fereza brutal, com que me opprimes!

Hei de sel-o, repito, e juro-o hoje
pelas dores, que tantas me has causado
que um dia me verás inda vingado
d'aquella, que eu procuro e que me fuge.

J. Simões Dias.

FEIÇÕES

(Continuado do n.º antecedente)

Diversas epochas diversos pensares. É por-
isso que em nossos dias o egoismo fulge mais
esplendorosamente, pois á mascara, que o co-
briu, rasgou-a o homem ante as tendencias do
nosso seculo. O amor proprio é um elemento
necessario ao ser racional, e (podêmos dizel-o)
uma das fontes do progresso, porque aquella

sentimento traz consigo uma aspiração conti-
nua, um desejo inextinguivel de conquistar. O
amor proprio, porém, pôde ser um vicio ou uma
virtude. Se é tão excessiva a força d'esse sen-
timento, que desejâmos attrahir a nós o bem
estar, embora calquemos a felicidade dos ou-
tros, embora tenhamos de rojar nossos simi-
lhantes ao tremedal da miseria, então commet-
temos um crime ante Deus e os homens: o
amor proprio degenera na avareza.

Se, porém, mirâmos o nosso interesse em
desejarmos sacrificar o dos outros, se concor-
remos para a nossa felicidade, sem tentarmos
desflorar a de nossos irmãos; o amor proprio
conserva a pureza, com que o Creador o em-
bellezou; o amor proprio é uma virtude, por-
que reflecte de si a *emulação*. O amor proprio,
por tanto, pôde ser um veneno ou um refrige-
rio, sendo, em si mesmo, uma tendencia para
a civilisação. O egoismo sendo pois filho mais
velho d'esse sentimento levado a um excesso,
jamais sera uma virtude: sua existencia, toda-
via, não pode contestar-se tanto nos nossos tem-
pos, como nos ja volvidos.

Porém,— admiravel testemunho da Providen-
cia! incontestavel attestado da harmonia, que
rege o mundo! O homem jamais se esforçará
por adquirir um bem, por avantajarse ante
seus semelhantes, sem que os outros lucrem com
seus esforços, sem que seu trabalho o conduza
a promover o bem geral! Eis uma verdade que
o mundo reflecte em cada acção: eis um prin-
cipio innegavel, que Bastiat, economista e phi-
losopho, leu na vida da sociedade.

Eis mais um argumento para que esses mi-
seraveis scepticos, esse exército de descrentes
reconheça o poder assombroso do Omnipotente.

Eis finalmente a razão porque a sociedade,
apesar do seu egoismo, progrediu sempre na
estrada da maior perfectibilidade.

Attentas por tanto as tendencias de nossa
epocha, comparando á vista d'ellas, esse facto,
que Alberic Second nos descreve em seu ro-
mance, seremos forçados a lançar um sarcas-
mo á frente da sociedade. Hoje o homem que
se alista nas fileiras de nossos exercitos, não é,
em geral, o guerreiro d'outros tempos, que cor-
ria gostoso aos campos da batalha; é sim ou
um ente que procura uma posição social, ou
um filho de que a patria exige mais esse tri-
buto de sangue.

A egualdade sera talvez um direito, mas ne-
nhum poder humano poderá convertel-o em fá-
cto, como disse muito bem Balsac. Que todos
egualmente façamos mais esse sacrificio pela
terra que nos viu nascer, comprehendemos nós,

pois que todos nós somos compartes eguaes nos beneficios que d'ella recebemos.

A. G. da Silva Sanches.

O CAPTIVO

Sentado em fria pedra, em plaga estranha,
O velho, d'olhos fitos na torrente,
Sentia 'nalma a dor, — que dor tamanha —
Ao esperar a estrella do oriente!

Soltas cans de propheta fluctuando,
Ao vento, e ja da vista extinto o lume,
Tornavam seu aspecto venerando,
Davam mais vida ao intimo queixume.

Contemplava das tribus a ruina,
Com que esperanza no futuro dia!
E, ao ver que extranha raça as contamina,
Cantava assim, 'num cantô de agonia:

«Nunca mais se ha de ouvir a harpa saudosa
Do filho de Israel!

Pendida no salgueiro hão de feril-a
As brisas em tropel!

De espaço a espaço, na soidão do exilio
Seu ecco soará!

Talvez suavise o seu cantar humilde
A ira de Johova!»

Calou-se! Muda lagrima fervente
Nas faces murchas, pallida deslisa!
Encosta a fronte á cithara plangente,
Segredos ao passar murmura a brisa.

O voo d'aquella mente foi altivo,
Perdida no infinito immensuravel!
E sorria, sorria o ancião captivo,
Vergado sob a angustia incomportavel:

«As Virgens de Israel, colar de perolas,
Que mão impia soltou,

São como os lyrios que no fundo vale
A rajada tombou!

De Virgens suas candidas grinaldas
Nem sequer deixam pôl-as!

Oh! como silenciosas me parecem
Do sacrificio as rôlas?»

Mas como o tropear d'asperas hordas,
O tufão restrugiu nos arvoredos!
Desde esse instante nas quebradas cordas
Não dedilharam mais os mortos dedos.

Theophilo Braga.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

I

A doce alegria da pobreza não se alojou nunca debaixo do tecto de colmo, onde vivia a triste familia do operario. O sol beijava-a suavemente, quando ia esconder-se no tópo da montanha, a cujas faldas jazia a casinhã solitaria; as aguas murmuravam-lhe em roda, despenhando-se dos rochedos agrestes; as comas das oliveiras escuras, agitadas pelas auras vespertinas, suspiravam-lhe o adeus do dia e o adeus da luz; e a pallida fome assentava-se então ao limiar da sua porta entre-aberta.

Elle erguia-se todos os dias ao desabrochar da aurora, trabalhava até ao cahir da noite, e não tirava do mesquinho salario o quotidiano sustento de seus filhos.

Em quanto a mãe pôde espremer dos seios fecundos o orvalho para as flores do berço, ninguem chorou na casa do operario; mas o leite esgotou-se sob os labios sequiosos, e o pae ao recolher do trabalho não viu, como d'antes, a alegre familia a estender-lhe os braços, os innocentes amores de sua alma a amimar-lhe os cabellos, cobertos do po da montanha, empastados do suor da fadiga.

D'antes via-os todos alegres, no ruidoso folgar da meninice, a esperal-o á entrada da choupana; um a saltar-lhe nos braços, outro a pendurar-se-lhe do pescoço, outro a apertar-lhe a mão calejada, e o pae com o riso nos labios assentava-se no meio d'aquelles anjos, esquecia á sombra das arvores do seu paraíso as duras penas do trabalho, e abraçava a mulher com a alegria no coração.

À noite reuniam-se á lareira; as creanças de pe para occuparem menos lugar, e se aquentarem melhor; alli comiam o pão abençoado do ceu, desentranhado dos seios do amor de mãe, e dos suores fecundos do trabalho.

Aos domingos alumiava a sancta pobreza um raio de Deus: la ia o ninho dos filhos conchegado ao manto amoroso dos paes, aquecer-se ao bello sol da montanha, aspirar os ventos perfumados do valle, e ver o azul esplendido do ceu.

Foram aquelles os dias mais felizes do operario.

Depois veio um tempo, em que a pobre mãe esgotou as forças e o leite para um filhinho do berço...; definhou pouco e pouco, perdeu a seiva vigorosa, a frescura da mocidade, e não pôde resistir a tantos sacrificios ignorados.

Até ahí havia soffrido só, resignada, consolando-se com o sorriso e com as lagrimas da manhan da sua felicidade: era outra vez mãe por uma ironia da Providencia, e succumbia ao faltar-lhe o calor da vida nos seios do amor.

E não se lastimou o anjo! o desgraçado pae sentiu a mão negra da miseria a apertar-lhe dolorosamente o coração.

O que sobretudo lhe escureceu a luz de sua alma foi a ausencia dos filhos, no limiar da cabana, quando elle vinha do trabalho.

Á segunda ausencia d'esses unicos amores — empallideceu, abriu a porta, e entrou sem dizer nada. Os filhos achegaram-se á roda d'elle calados e tristes, e a mãe voltou o rosto para esconder as lagrimas.

— Então, que tristeza é ésta? perguntou elle com a voz a pegar-se-lhe na garganta, sequiosa da fadiga do dia e da afflicção da fome.

— Não é nada; respondeu a mulher, anciosa por não poder alegrar-se. Tu esqueceste-te de me abraçar...

O operario sentiu humidos os olhos, e correu ao abraço de sua amada mulher, que ainda desejava esconder as lagrimas.

— E a mim não me abraça, meu pae? disse com um sorriso celeste a mais bonita de suas filhas, a innocente Leonor, apenas desabrochada, mas ja exhalando os deliciosos perfumes d'uma formosura divina.

O pae abraçou a filha. — Como ella é bonita! exclamou elle. E como me consólo d'estes dias d'afflicção! E eu que julgava dar-lhe cem moedas d'ouro no dia do seu casamento.

— O meu casamento, murmurou a doce Leonor com um sorriso de tristeza; eu sonhei que havia de morrer solteira. (Continúa).

Guimarães Fonseca.

DISTICO

(A THEOPHILO BRAGA)

A creança, que chora neste mundo,
Vae no seio da mãe lançar as lagrimas,
É tão doce o chorar!

Uma lagrima, é um anjo, que se esconde
Por nos ter compaixão, dentro do peito
E nos manda esperar!

Aleixo dos Sanctos.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. M. A. P. C.

I

O BAILE

la-se espreguiçando a aurora, corada dos pri-

meiros rubores, por cima das copas das arvores, e sôbre os arbustos enredados e floridos, d'onde os rouxinoes emboscados nas folhas, desatavam em gorgeios e requebros, os canticos matutinos. A aragem de uma fragrante brisa, embalsamada pelas exhalações da campina, brincava doudejando por entrê as ramas inclinadas. Quanto é magica e saudosa aquella luz de indecisa claridade, que fecha a noite e annuncia o dia!

As últimas lagrimas do orvalho, perolas congeladas, tremem scintillando nas pontas das folhas. As flores, sentindo os osculos do sol e das abelhas, abrem o calyx e sacodem todo o torpor do somno. A rosa e mil variadas plantas despertam com os sorrisos da madrugada, expirando perfumes, e attrahindo de ramo para ramo, de petala em petala, a louca mariposa, que volitando e fugindo, ora timida, ora inconstante, não acerta em preferir uma d'ellas para amante.

A natureza acordando bella, cheia de júbilo e ataviada de galas, despe o veu das trevas, e recobrando-se dos ardores do clima, surge reanimada do regaço d'uma d'essas frescas noutes de estio, que o luar acompanha quasi até alvorecer, e no qual as estrellas para se despedir, aguardam os primeiros clarões do dia, os primeiros hymnos das aves, e o incenso que se eleva com as preces da infancia á patria dos archanjos e cherubins, seus irmãos em innocencia e formosura.

Mais tarde, quando o zumbido dos insectos se avivar, callado o papear dos ninhos e o pipitar dos passaros, pousados nas arvores frondosas e sequiosas, mais tarde, quando o astro esplendido tocar o meio da sua abrasada carreira, as alegrias da manhan; os mil ruidos da vida e do renascimento, irão esmorecendo a pouco e pouco, até de todo se converter em siuencio, tristeza e quasi solidão!

Estamos em julho.

Em o Praso, vistoso e ameno passeio, que olha sobranceiro para a villa de Arganil, passeavam dous mancebos: Eduardo de Aguiar e Julio da Rocha.

Aquelle, filho de paes abastados e nobres; este, ainda mais nobre, mas tendo por herança so ideias e crenças, porque seus proximos antepassados, soffrendo quebras, roubos, e sendo victimas de partidos, ficaram sem esse pedestal de opulencia, que na actualidade so endeusa o respeito e a consideração da sociedade.

Ambos frequentavam a universidade de Coimbra. Estavam em ferias, gosando as delicias, que lhe prodigalisa a Beira, nucleo de grandezas na-

cionaes, e tão abundante em cabalísticos episodios, como em aventuras graciosas e burlescas.

Tinham sentimentos austeros e nobres. Unidos pelos estreitos laços d'uma amizade sacrosancta, d'aquella amizade, que vive immortal sôbre a esphera da mudança, onde não chega a jurisdição do tempo, e que se não esfria com a ausencia, viviam como dous arbustos nascidos da mesma planta.

As suas habitações ficavam alguns kilometros distantes d'Arganil, encontrando-se aquelle dia na mesma terra para fins identicos.

Enthusiastas pelos encantos da natureza, tinham combinado na vespera levantarem-se da cama mais cedo que o usual, para admirarem e gosarem os esplendores e perfumes da manhã.

— Não será mau apresentares-me antes da noite á senhora D. Guilhermina — disse Eduardo a Julio, continuando a passearem.

— Quando quizeres.

— O baile deve estar animado e concorrido, não te parece?

— Oh! se deve! respondeu Julio com mysterioso entusiasmo.

— Que me dizes a respeito de D. Leopoldina? Acho aquella senhora romantica e com aspirações a litterata — perguntou Eduardo.

— Da sua conversação tenho concluido que é uma senhora, digna de figurar entre as damas de Paulo de Kock — respondeu Julio rindo-se maliciosamente.

— Aquelles olhares meigos e demorados, que hontem fitou em mim, provam o que acabas de communicar-me. Ella dança bem?

— Com muita perfeição e donaire. É sôbre tudo apaixonada pela walsa, como quasi todas as senhoras das suas ideias.

— O calor esta ja bastante intenso; se te parece vamos ver ao correio se temos cartas dos nossos amigos, e ler os jornaes.

E sem mais detença se dirigiram para a villa.

Algumas horas depois se encaminhavam para a estalagem; e passando pela rua onde morava D. Leopoldina, e como não apparecesse á janella, que frequentava com assiduidade, fez com que Eduardo dissesse ao seu companheiro:

— Admira-me não estar á janella?

— Provavelmente está-se preparando para o baile. As senhoras necessitam d'um dia inteiro para se arranjarem para uma noute.

Na estalagem destinaram outro passeio.

Ao pôr do sol, cujos raios tenues e esmorecidos desmaiavam de momento para momento no cupulas dos penedos, respiravam a aragem

fresca e balsamica do fim da tarde, sentados de baixo do enredado tóldo d'um chorão na Fonte de Amandos.

A luz tibia e indecisa do crepusculo ia-se transformando no pallor da noite, tão amena e cheia de serenidade, que a lua ja alta no firmamento precedia com as primeiras estrellas, de que se acompanha, apparecendo ainda sem brilho no azul finissimo do ceu.

A viração ainda tímida e inconstante, ora brincava ao de leve com os ramos, que fazia rumorejar, beijando-os, ora se escondia medrosa nos massiços dos arbustos, e aonde parecia adormecer até de novo se levantar e volver mais viva a destoucar as arvores e as plantas, que um veu de sombras transparentes vestia de enlevada melancholia.

Os dous mancebos, porque ambos estavam ainda na invejada aurora, em que a vida se esmalta de illusões, um pelo braço d'outro, se recolheram finalmente do passeio longo, mas agradável, pelos sitios mais solitarios e agrestes das proximidades d'Arganil.

Traziam nas mãos os ramos de flores alpestres, colhidas durante a poetica romaria.

Vestidos com esmero e perfumados com aromas recendentes se apresentaram no tão suspirado baile.

Depois das aulicas saudações exigidas pela etiqueta d'hoje, foram sentar-se no lugar mais ermo da sala para mais escrupulosamente verem e analysarem os esmerados gostos dos vestuarios das senhoras. D'alli admiraram tambem a destreza e affabilidade, com que D. Guilhermina fazia as honras da casa, provando a sua continua frequencia nos salões da alta aristocracia. Vestia com simplicidade e sem pedrarias, mas com attractiva elegancia e irresistivel sedução. As senhoras perdoavam-lhe a belleza por causa da sua graça; os homens perdoavam o seu rigor por causa da sua formosura; consideravam-se todos indignos de um sorriso d'aquella bôcca, que parecia ter tocado em sonhos, os labios de um cherubim.

As salas resplandecentes da luz, deixavam ver as louras deusas do Olympo na sua nudez suberba: os vasos de flores cruzavam os seus perfumes; as janellas abertas aspiravam a frescura da noite, e a distribuiam por todas as salas.

Alfredo, depois de trocar com D. Leopoldina alguns olhares meigos e significativos, decidiu-se a convidal-a para uma walsa, o que agradeceu D. Leopoldina com uma effusão de prazer ja anhelado.

Acabada a walsa, Eduardo foi ter com Julio

que se achava no vão d'uma janella, aspirando a brisa da noite, e lhe disse:

— Dança maravilhosamente: trazia-me enlevado a tal ponto, que mesmo walsando intentei desperdiçar-lhe algumas finezas!

— São ellas o grande Tarquinio das mulheres. Tarde ou cedo nenhuma lhes resiste.

— Boa é a theoria, mas a occasião?

— Descansa. Eu vou lembrar aos nossos amigos, que se devem convidar algumas senhoras para cantarem, porque nem sempre se ha de dansar. Ella canta magicamente, e eu vou propor-te para seres nomeado intérprete dos nossos desejos juncto d'ella, e póde acontecer que depois se te offereça algum ensejo para a tua declaração.

E se dirigiram para o gabinete de fumar, onde se achavam quasi todos os convidados. Julio, propondo as suas ideias, que foram acolhidas com enthusiasmo, conseguiu a nomeação do seu amigo.

Eduardo foi logo convidar D. Leopoldina que accedeu ufana ao honroso pedido; e dando-lhe o braço a conduziu para o piano, conservando-se a alguma distancia em pe.

Depois de cantar, sendo phreneticamente applaudida se levantou, e dando o braço a Eduardo, se encaminharam ao lugar menos concorrido da sala, e se sentaram ao pe um do outro. Eduardo, vencendo a timidez natural, rompeu o silencio emfim:

— Faltaria ás leis da urbanidade, se não tributasse a v. ex.^a os mais expressivos agradecimentos pela sua amavel condescendencia. Acredite v. ex.^a que não tenho tido em minha vida um momento mais feliz, que aquelle que seu talento acaba de proporcionar-me. É de baixo de palavra d'honra que posso affiançar a v. ex.^a que meu coração jamais tem experimentado as doces emoções, que o seu delicioso canto me fez sentir!...

— Lisonja!... acudiu D. Leopoldina com afavel sorriso.

— Á fe que não sei mentir... Demais, o geral applauso com que todos hão recompensado tanto talento, tantas graças e formosura, justifica a minha opinião. Tenho tido a honra de contemplar por vezes a admiravel belleza de v. ex.^a; á tempo que anhelava o prazer de poder tributar-lhe as mais sinceras homenagens da minha admiração: julgue porém v. ex.^a qual tera sido minha surpresa ao ver unido aos attractivos d'uma incomparavel belleza, esse talento magico com que v. ex.^a sabe avassallar as vontades. Perdão, senhora, se acaso me excedo em fazer-lhe uma declaração que deve segura-

mente ser intempestiva: não sou eu por certo quem deve aspirar á felicidade de ser correspondido por v. ex.^a V. Ex.^a com tantos attractivos, ha de ter mil admiradores, não poderei duvidal-o... algum d'elles tera a felicidade de ser fielmente correspondido por v. ex.^a: mas isto não é por certo um obstaculo para que deixe de adorar a v. ex.^a como a propria Divindade!...

— Sem dúvida está zombando!... respondeu D. Leopoldina, orgulhosa por ter ja um lugar predilecto no coração do amigo de Julio.

— Zombar! isso seria uma detestavel profanação... Deus me preserve de tal... mas faz bem em desprezar o meu amor... primeiro disse a v. ex.^a... seu coração tera ja cedido um lugar distincto a outra pessoa mais digna. Não sou eu pois quem deve aspirar a tanta fortuna...

— Meu coração está livre: mas, vós os homens, custa-lhes tão pouco prodigalisar lisonjas!...

— Eu sinto que v. ex.^a me confunda com a generalidade dos homens, e sinto mais ainda que não possa ler o que se passa 'neste angustiado coração: é um fogo que me abrasa, e todavia ésta chamma inextinguivel faz as delicias da minha alma.

Não teve tempo para mais, porque teve de levantar-se á voz da senhora da casa, que lhe pedia tirasse par para completar o segundo turno de uma quadilha de lanceiros. Offereceu o braço a D. Leopoldina, que accitou, e foram collocar-se no seu lugar respectivo. Durante a quadilha trocaram mais algumas palavras, bafejadas pelo amor, se é que o era.

Acabada a contradança, Eduardo foi ter com Julio para contar-lhe o que passára com D. Leopoldina; porém foi logo interrompido por D. Guilhermina, que pedia a Julio animasse a respeitavel concurrencia com alguma das suas produções poeticas.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

...

Nossas rosas de maio la ficaram
Entre a relva do prado emmurhecida!
Tu lembras-te mulher? fugiu a vida
E as flores e os suspiros desbotaram!...

Que paramo azul! que ceu dourado!...
Que estancia percorremos a sonhar!
Accordámos; o sol ia a tombar
E deixava o horisonte annuciado.

Não dá o abril, Amelia, as nossas flores,
E a barca adormecêra na corrente!

Ja hoje me não leva docemente
A cythara festejada dos amores.

Vejo-a d'aqui ainda a remirar-se
No espelho da corrente crystalina,
Como a virgem celeste desmaiando
Aó lampejo *do amor*, da luz divina.

Na senda tortuosa e sombreada,
Onde o sol penetrava debilmente
Que vezes no meu braço reclinada
Te esquecias commigo, anjo *dolente!*...

Mulher, tenho saudades d'esse tempo
D'esperanças, d'amor, e de alegria,
Do teu pe tão gentil e tão pequeno!
Do rosto divinal que me sorria!

Se eu pudesse outra vez volver ainda
À estancia, que deixámos venturosa,
Por la me demorára eternamente
Com a nossa mocidade *tão saudosa!*

Mas as rosas de maio la ficaram
Entre a relva do prado enmurchecida,
Como o raio do outomno, ja sem vida
Nossos sonhos ridentes desmaiaram!

Luiz Jardim.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

(Continuado do n.º antecedente)

II

São dez horas do dia. A voz da religião levada nas azas d'uma briza tepida como a de uma manhan d'estio, depois de chamar ao côro as virgens do Senhor la vae perder-se suspirosa nas quebradas das montanhas! Porque é que assim nos faz estremecer a alma o sino do mosteiro?!

Melancholico trovador da soledade; a tua voz é sempre triste e saudosa como as trovas d'um poeta namorado; harpa de David, teus sons tristes e plangentes são ternos e suspirosos como os queixumes da rôla da solidão; doces e encantadores como o balsamo da religião que difunde. Quem pôde escutar-te sem sentir tremer-lhe a alma de saudade?! Quem pôde ser indifferente aos teus gemidos, ó echo da solidão?!

Mas entremos ja na casa do Deus vivo. O templo que alli se esconde na vastidão d'aquelle

immense edificio é dos mais sumptuosos que temos visto e admirado; alto, comprido e bem illuminado, conta por cada lado (se me não engano) quatro altares; sendo os dois mais proximos do altar-mor — um d'um lado e outro d'outro — os das irmans Sancta Thereza e Sancta Sancha, filhas ambas da ordem de S. Bernardo, e cujos milagres têm por mais de uma vez assombrado a pertinacia dos incredulos.

São alli veneradas — em carne — em ricos mausoleus bordados a prata em relêvo. Cobrem-nos dois amplos veus bordados a ouro; alfaias de muita arte, riqueza e luxo, e obra das mãos de uma religiosa que alli ja não existe, e que foram offerta sua.

O côro, onde ja fizeram oração junctas mais de cem filhas do Martyr do Calvario, é espaçoso e alegre, como que inculcando que para louvar a Deus não é necessario esconder o rosto; hoje vão apenas alli cinco, cuja prelada é ainda uma senhora de excellentes qualidades, e das mais virtuosas que alli foram trocar os caprichos da moda pelo escapulario. À sua tão rara delicadeza e bondade devemos a felicidade de ter ouvido e admirado os sons do orgão; os mais harmoniosos e suaves que o gôsto d'homens ha podido inventar. São hymnos que se sentem, mas que se não traduzem em palavras.

São vozes afinadas pelos coros celestes que nos fazem sentir n'alma um não sei que de vago estremecimento que nos vem persuadir de que alli — naquelle doce morrer de saudade — ha mais de divino que d'humano; ha mais do ceu que da terra; mais dos anjos que dos homens.

(Continua).

F. A. Duarte de Vasconcellos.

LANGUET FLOS

(A ALEIXO DOS SANCTOS)

Na tua alta janella,
Que olha para o occidente
Tinhas uma flor tão bella,
Graciosa confidente.
Sem sol, pendida n'haste
Murchar-se alli, bem viste?
Assim a ausencia faz-te
Andar languido, triste!

Theophilo Braga.

CHRONICA

As promessas d'um chronista são sagradas:

é por isso que aqui volto outra vez, minhas senhoras.

Despedi-me de v. ex.^{as} até ao número segundo se me não crucificassem no primeiro. V. ex.^{as} não me *crucificaram*,—como era de esperar!—e eu appareci. Mas temos hoje tão pouco em que cavaquear!

A moda é um phantasma terrivel, sahindo do inferno para tormento das almas que ca andam por este mundo de Christo predestinadas para escravas dos seus caprichos. E que atrevido phantasma! entra por toda a parte não respeitando sequer o sagrado templo do jornalismo litterario; e depois que lhe transpoz os humbraes, a chronica ficou sendo o inferno do chronista.

Ora digam minhas senhoras que querem que lhes conte d'uma terra litteralmente esteril de novidades como Coimbra?! d'esta terra, cujo estado normal é o somno da monotonia, o enôjo da insipidez?! onde o dia d'hoje é sempre o dia que hontem foi?! Vou dizer-lhe que esta *desengracada preguiçosa*, apenas uma vez, so depois que tive o gôsto de falar com v. ex.^{as}; se ergueu do seu costumado somno de *pasmaceira* aturdida pela harmoniosa hilaridade das *crianças florentinas*, que com a sua segunda récita a despertaram por uma noite.

O chronista não foi la d'esta vez, e a razão dou-a a v. ex.^{as} em latim, para ver se nem todos me comprehendem—*nec semper lilia...* (*traducção livre!*)

Por informações soube que as creanças continuaram a encantar os espectadores. Amanhan voltam pela terceira vez á scena; e eu volto á plateia se o *nec semper lilia...* se não der repetido. Depois diremos mais alguma cousa do theatro, que é quando o chronista tem mais que dizer.

Hoje acabo por noticiar ás leitoras, cuja curiosidade o não tiver ja presentido, que SS. MM. passam aqui até ao dia 20 do corrente.—Vêm visitar as provincias, e assistir a duas grandes festas; grandes por que são ambas do trabalho,—a exposição de Braga, e a distribuição dos premios aos alumnos mais distinctos da nossa academia.—A respeito de festejos o chronista so sabe que Coimbra ainda dorme—pena tem elle de que a briosa academia, que toma sempre uma parte tão distincta 'nestes actos solemnes, durma tambem com ella. Ja vêem queridas leitoras, que d'aqui por alguns dias temos muito sôbre que conversar, e por isso desculpem-me por ésta vez e até ao número terceiro.

Coimbra, 6 d'Outubro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

A CHRYSALIDA

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.

Em Castello-Branco assigna-se e paga-se em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marques.

PREÇOS

Coimbra (por semestre) *pago adiantado* 720
Provincias (por semestre) *pago adiantado* 800

Publicam-se e agradecem-se todos os escriptos que forem dirigidos á redacção, com tanto que se lhe reconheça merecimento, e não offendam susceptibilidades d'alguem.

Toda e qualquer reclamação deve ser dirigida—porte franco—ao administrador, rua da Trindade n.º 3.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

BELICARIO

OU O MUNDO INTERIOR

POESIAS

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

Advertencia

Assigna-se e paga-se em Vizeu—Em casa de Joaquim da Costa—livreiro, Rua da Cadeia.



PHILOSOPHIA?

INTRODUÇÃO

«... intellectus vita veritas,
«MORS CITOT.»

SR. ALBINO JACINTHO, *Dissert. Inaug.*

A citação que ahí deixámos é uma sentença; um dito conceituoso e brilhante, que, fallando eloquentemente á intelligencia e calando fundo no coração, prova por si, e sobejamente, a utilidade do assumpto e reflecte a sublimidade da materia, que ora vae discutir-se.

E longe de nós o dizer que havemos tractar uma discussão bem regrada, — longe, bem longe de nós, a ideia de sujeital-a a todo o rigor da arte; porque, dada, mas não admittida, a nossa competencia, mais proprio seria isso d'outro, que d'este lugar. — Estimular outras capacidades com ligeiras considerações apenas, atrahir outros ingenhos e chamar-lhes a attenção sòbre o assumpto, sem descurarmos, em tanto, completamente os preceitos da critica, e nunca as leis da modestia, que nos guia a penna, é e sera o nosso principal intento.

Se o censeguirmos, ja isso sera muito, e menos mau.

Adiante.

No campo da philosophia, á luz dos bons principios, todos o sabem, a verdade é sempre o norte da intelligencia humana; e o erro, onde ésta encalha, é o escolho mais perigoso na vida do pensamento.

Evitar este, pois e demandar aquella, para fazerem-se as devidas applicações ao positivismo da nossa actividade, é o fito que o ser intelligente e racional deve mirar constantemente; não so porque a verdade é a unica base solida em que o homem póde firmar seus passos, qualquer que seja o ponto a que os dirija, mas porque a verdade é ainda o esteio seguro da razão humana, que muitas vezes calcando ja bom terreno, arreceia-se comtudo de progredir e vacilla, so porque a sua condição de finita e debil lhe não permite ver para logo e ao mes-

mo tempo, os limites do horisonte que percorre.

É por ventura 'nestas circumstancias, que a verdade, quando, de madura, chega a ser arvorada em principio supremo das nossas cogitações, se torna conjunctamente base solida e esteio seguro, que dá estabilidade ao pensamento, e animando a razão a progredir com bons auspicios, a dirige e encaminha com firmeza ao porto desejado.

Mas devassar todos os arcanos da sciencia, não é tarefa de um so homem, nem de um so dia; é de todos os homens e de todos os dias: foi sempre assim, e ha de ser, em quanto á humanidade toda não competir de direito e quadrar com justeza o verdadeiro titulo de *sábia*; pois cremos piamente que sempre ha de haver quem, e que se aprenda.

So assim irá minguando o vacuo immenso, em que se fina o grande *desideratum* da humanidade inteira; so assim ainda se poderão ir realçando, em maior ou menor escala, as aspirações ardentes de todos os genios da philosophia!...

Attingir o infinito, alcançar a verdade absoluta pela comprehensão nas raias do finito, e fazer entrar no espirito fraco e limitado a subjectividade infinita, que nunca póde ser para ésta senão mera objectividade, não como objecto proprio, mas como objecto da subjectividade propria, — isso não, que é cousa mais séria!... Quando tal se dêsse, o homem seria de si e por si necessariamente; — seria Deus! — Impossivel metaphysico, por tanto, para o espirito analytico, cujo corollario necessario e immediato é a perfectibilidade humana ou o aperfeiçoamento constante e omnimodo do homem, ora mais ora menos bem graduado.

A perfeição do homem pois é por isso mesmo sempre finita, porque é do homem perfectivel por seu espirito analytico, — e sempre relativa tambem, porque tem um typo absoluto, Deus, para o qual tende e tenderá, sem que jamais as qualidades, as propriedades e attributos d'um se possam vir a confundir com as do outro ser, ainda que as suas relações, as relações entre Deus e o homem muito se estreitem, como estreitam, entre a infinitidade, que caracteriza o primeiro, e a indefinidade, que caracteriza o segundo.

O saber, por consequencia, d'ambos estes seres, como corollario indispensavel da natureza de cada um, fica sujeito ás condições respectivas; o de um á necessariedade, o do outro á contingencia: Deus sabendo, porque é synthetico, o homem, porque é analytico.

E o homem é assim. Finitudes e relatividades constituem e resumem ao mesmo tempo todo o seu ser.

Mas isto so não basta, é antes um motivo ponderoso, para que a humanidade não descreia completamente do seu futuro d'esperanças.

A perfeição infinita; — o principio supremo e o fim último de tudo, Deus, de que o mesmo sceptico é uma testemunha insuspeita, porque em meio de suas torturas e delirios ainda crê na affirmativa — que não sabe se sabe, nem sabe se não sabe; — a perfeição infinita, dizemos, não tira, porque não destrua a ideia, que a perfeição finita se va approximando d'aquella, posto que não seja possível attingil-a completamente; *por que não ha*, nem pôde haver, senão um Deus, como muito bem ha dicto um sabio mancebo da nossa terra.

(Continuar-se-á).

P.

A CRUZ

Poesia apocalyptica

Ao longe o ribombar de enraivecidos roneos embate e rugé iroso ao pé dos grossos troncos, que monges similhando erguidos 'num pinaculo contemplam em silencio esse horrido espectáculo!

Mas taes phantasmas vêde ao longe como vão de valle em val' cahindo ao som do furacão!

Pasmae vendo-os ruir, bem como um gram penedo, que um dia se soltou do cimo d'um rochedo!

Parece que anda alli o genio das tormentas em noites involvido espessas, nevoentas a desfazer, prostrar c'os pes agigantados o roble e os matagaes no fundo dos vallados!

Depois erguendo a juba e os olhos retorcidos ao ceu, que lhe restruge em cima dos ouvidos os membros alongando estende ao firmamento, e logo o ceu desaba em terra 'num momento!

Confundem-se 'num mar, que a mente nos atterra as ondas, ar e ceu e quanto aqui se encerra!

'Num cahos se dilue o *Todo* e em nada jaz!... O que em seis dias fez 'numa hora se desfaz!

Mas não desfez; que o pae que tem na sua mão os mundos, quantos ha por toda a criação, não quiz que 'num momento volvesse ao exterminio de todos o mais nobre, o mais rico dominio!

E andava assim o mundo! O crime era o gigante!...

Qual manda em seu solar o mais bravo imperante mandava em seu imperio ao homem sonogado mais que um Deus... senhor de quanto se ha creado!

Maior que em mole immensa os Titans so erguidos scallar pretende os ceus c'os braços atrevidos!

E nem o raio vi... e nem igual portento o insano fulminar la do ethereo assento!

E em troca ouvi rugir desesperadas vozes de victimas sem conto ás mãos dos seus algozes!

E o inferno estremeia ao ver so canibaes sem se fartarem inda entre o chorar e os ais!

E andava assim o mundo, e o mundo era um abysmo aonde o homem louco em torvo paroxismo cahia sem que houvesse alguém, que fôsse erguel-o d'aquelle eterno somno, eterno pesadelo!

E as fauces la no fundo abertas sequiosas de horrifico dragão de garras sanguinosas metiam medo!...

E ao vel-o erguer-se la do fundo e vir ao cimo a olhar por esse grande mundo!...

E mais era de ver librar-se pelo espaço e abarcar a esphera em seu comprido abraço!

E esse monstro enorme, assombro de gigantes ja novo, ja edoso, e as forças mais possantes não era de honte' ou de hoje: ha annos quatro mil fechava, qual pastor o armento em seu redil, a velha raça humana afflicta, agrilhoada ás gargalheiras d'oiro, á servidão amada!

E d'oiro era o seu idolo, e torpe o seu altar, que se avistava erguido alem no lupanar.

E o homem e a mulher e o velho e a creança depunham la sua *vida* a unica esperança, que herdaram de seus paes no dia da partida p'ra estancia mais incerta e mais desconhecida.

«Desconhecida! ai! como?!... e Deus, que descobri? «A natureza o viu com ella eu bem n'ô vi!...»

— E Deus?! Quem fala 'nelle ao pé d'esse dragão — que não teme a voz e o genio de Platão?! —

E ja nem voz havia ao menos, que dissesse — se eu fôsse um Deus e ao fundo agora la descesse traria ao porto e á luz o nauta sem phanal, que se revolve em baixo em lucta desigual!...

E os annos vi passando e a noite sempre a mesma sem paschoa appetecida ao cabo da quaresma!

Depois (como o direi?) eu vi por mim passando mil gerações, correndo unidas 'num so bando, cubrir a Palestina ebria pelo sangue d'um homem, que era mais que um Nazareno exangue!

Vinham como a tremcr c'os olhos semigastos de tanto meditar nos sibyllinos fastos.

Traziam d'entre as mãos mil versos e augurios 'studados na cidade e mesmo nos tugurios!

Olhavam para o ceu e o ceu lhe respondia em lingua segredosa o quanto por la ia!

E eu estava so, callado, e contemplando no que essa gente vinha alli fazer em bando senão quando radiante assurge o sol jucundo allumiando ao longe a vastidão do mundo!

'Splendoroso vinha a mais não poder ser, os anjos a cantar e o sol a amanhecer.

Os astrós pelo espaço a reluzir, saltar e o homem stupefacto ao ver um tal brilhar!

Insolita era a luz!... e mais espanto havia

em ver nascer o sol d'uma mulher—Maria! —
a flor de Jericó, e lyrio dos palmares,
thuribulo do ceu embalsamando os ares!

Era um folgar sem fim, um prazer sem medida
o ver brotar da terra a árvore da vida!

E eu ouvindo o hossanna, o hossanna triumphal,
que a natureza toda erguia á celestial
morada, parecia estar-me a um tal encanto
a mente a endoidecer ouvindo aquelle canto.

E puz-me a ver de donde um tal cantar provinha,
que bem pensava eu, que d'alli perto vinha!

Que vi? Palhas no chão o leite offereciam
ao rei, que os reis da terra em casa não queriam.

E 'nesse humilde feno um throno se elevou,
e em cima o rei do mundo — o mundo contemplou.

Depois, quando esses veus, que os orbes enluctaram,
dos porticos do ceu á terra se rasgaram,
que viram 'nesse instante os cimos de Sião?
As gerações aos pes da cruz da redempção!
Coimbra, 9 de Novembro de 1863.

J. Simões Dias.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

1.^a

D'onde se origina o sentimento? perguntas
tu: a resposta é obvia — da consciencia.

Quando o ente racional haure os effluvios da
atmosfera vivente acha-se dotado de uma certa
sciencia innata — Eis a primordial consciencia,
o embrião da racionalidade.

Depois a educação — Eis o grande problema
das sociedades. A educação é o pedestal sôbre
o qual se ergue o homem: e a um augmento
maximo de sciencia corresponderá uma ausen-
cia — no minimo da ignorancia. E é esse o pa-
drão para a avaliação do homem de san cons-
ciencia, e não escravo da atmosfera asphy-
xiante do servilismo e do crime.

Suppõe mais uma sociedade illustrada com
san consciencia isto é com san sciencia, ós mem-
bros d'essa sociedade serão todos eguaes perante
o tribunal da consciencia.

Que resultaria d'essa egualdade?

Um paraíso! Nenhum membro era pobre,
embora uns fôsem millionarios e outros não
possuissem um seutil.

Mas este delineamento sera uma phantasma-
goria?

Affianço-te que sim.

Quasi dois mil annos têm decorrido, desde
que Christo deu o último suspiro pela redemp-
ção da humanidade nas escabrosidades do Gol-
gotha, e antes d'isso mais de duplice tempo se
tinha escoado no philtro da eternidade: a cons-
ciencia têm sido mais ou menos ruda: mais ou
menos barbara: mais ou menos sanguinaria
sendo que os mestres da sciencia não têm sido
escutados. E appareceram homens no horisonte
dos seculos esplendentes, como a aurora boreal,
mas terriveis depois deixando tudo em trevas:
pois esses esplendores olhados mysticamente,
encarnaram nos espiritos imbecis a sciencia ma.

E hoje sobrecarrega os hombros d'este se-
culo essa sciencia anti-christan! É um medo-
nho volcão, cuja cratera se some aqui para
engulir alem milhares de victimas, tapando-se
e reabrindo-se de novo mais amaçadora — in-
definidamente no exercicio d'esse labor maldicto.

Mas não havera influxo potente para a ex-
tincção d'esse abrir de crateras?

O influxo seria sobrenatural: essa extincção
associa-se ao desaparecimento da miseria do
proletarismo, da injustiça, do misantropismo,
da vingança, do odio entre homens, sociedades,
nações e imperios!

Essa axtincção levaria o homem ao infinito.
E podes tu por ventura total-o?

É irrisoria a interrogativa!

O mundo ha de ser sempre mundo: o crime
uma necessidade, a virtude um predicado raro,
a vaidade sotterrando victimas; a ambição alle-
goriada no fio vibrante d'uma espada, ou na
pena philosophica destruindo — Polyphemo myo-
pe — os domicilios da probidade e da ventura:
a egualdade um mytho — uma harmonia, um
canto, que mil vezes nasce entre a toada liber-
rima do canhão, e mil vezes expira na quebrada
da montanha com o último echo abafado pela
tyrannia ou pela oligarchia!...

Ao menos valham á humanidade esses pou-
cos que *sentem!*

E é magestosa palavra, amigo, ésta de sen-
tir! — Ser democrata, ser progressista, ser
justiceiro, ser benigno philosopho para certas
transgressões de lei é sentir: é ser Christo; pois
ha allí uma cruz que é a sociedade e um cal-
vario, que é o coração!

Esses predestinados pelo Senhor — para es-
tancarem algumas lagrimas, para atalharem a
alguns pezares, para abafarem alguns gritos com
o fim, quiçá, de que essas lagrimas não inun-
dem o planeta moral com o fim, de que essas
amarguras sejam o livro, pelo qual aprenda a
viver o neophito na vida, esses predestinados
pelo Senhor — são tão raros!.. raros como as

palmeiras do Sahará. E como ellas soffrem a miragem: pois quantas vezes a sociedade stigmatista com o ferrete da ironia o caridoso que cicatrisou as pustulas de quantas familias!

Mas quem sente soffre e soffre devéras! A seus olhos se offerece o lugubre painel das gerações passadas, o inferno do presente e o — que — do futuro! A seus ouvidos ressurtem os ecchos gementes e excruciantes do mendigo, do proletario, do escravo — todos escravos d'uma lei, que os homens sancionaram olvidados das maximas de Christo!

É por isso que para quem sente — uma singela historia arranca lagrimas, um facto expresso aridamente commove!

E quantas boas noites — boas porque choravamos — não passámos nós em Coimbra em vesperas de feriado, philosophando a nosso modo, contando historias, estudando nós o meio do bem-viver!

Essas noites aproveitaram-me muito. Esse teu sentimento para o bem, essa tua intelligencia, que em momentos d'extasi parece distillar da tua frente, me ensinaram a sentir!

Por ventura viste tu as lagrimas que eu furtivamente limpava quando me falavas com todo o carinho de bom filho, com triste saudade de tua sancta mãe, que tu vias em sonhos abençoando-te e cingindo-te a frente com a aureola da felicidade e da resignação?

Ah! amigo! Nada ha mais nobre e elevado do que o amor de mãe! É um amor sem cálculo e basta. O homem ordinariamente ama a virgem ou porque ella é bella ou porque é rica. De individuo para individuo, ha apenas a amizade, quantas vezes effeito de uma gratidão, de uma obrigação social, de um cálculo! Ora no amor de mãe ha so o cálculo de uma felicidade, a desejar para o filho, de uma surpresa, a offerecer, de um beijo a imprimir.

Foi uma noite célebre essa, amigo.

Pois como me lembraste na carta que me escreveste, fizeste um pacto duplamente sancto — escrevermo-nos nestas ferias exercitando-nos em litteratura. Tu encetaste a obra grande para nossas aspirações escrevendo-me essa tua carta toda philosophica: eu principio por te contar como poder a historia de um d'esses homens que *sentem* demais para se perderem. Gustavo com effeito foi victima do seu coração: ás vezes é como o louco que esmaga o craneo nas fragas da cumiada, precipitado no abysmo estúpido attrahido por aereas e doidas imaginações.

Eis o unico perigo para o homem que sente — o *sentir de mais*.

Conheceste tu esse Gustavo?...

Deves possuir algumas reminiscencias do academico que me acompanhava muita vez para o *Penedo da Saudade*, e que possuia um sulco profundo cicatrisado no osso coronario, espaçoso e enrugado. Sua face, realmente bella, attrahia as vistas as mais indifferentes, por via de uma *negra melancholia*, que fatal lhe transparecia ahi. Mergulhado sempre em cogitações tomal-o-ias, ora pela estatua do desespero, ora pela da tristeza! Davam-lhe um certo realce á physionomia os supercilios azevichados e os anneis do cabello annellado que lhe cahia pelo frontal negligentemente. As vestes talaes academicas eram de um philosopho. Por mais d'uma vez era avisado pelos archeiros para andar *secundum ordinem*. Mas aquelle desalinho externo, aquelle esquecimento de si mesmo denotava uma continua tesmpestade, que lhe rebramiam sobre o craneo.

Gustavo era para mim então um mysterio.

Tentára um dia decifral-o: elle estendendo-me sua mão, murmurou:

— És meu amigo?

— Dedicado.

— Respeita a dor do amigo!

Desde essa intimativa nada mais indaguei. A amizade, que me unia a elle, me levava a procurar-lhe passa-tempos.

E sabes que passa-tempos elle preferia? Encafuar-se nas espeluncas dos botequins, e alimentar a sua existencia de *cognac* e *genebra*!

Eu estudei Gustavo na embriaguez!

Era original.

Ordinariamente as bebidas alchoolicas nos conduzem o espirito para a galhofa, e temporariamente se olvidam as dores, se as ha.

Gustavo pelo aspecto mais parecia soffrer.

E jamais se trahiu a si mesmo. So ás vezes como que illuminado subitamente suspirava:

— Oh! vou abraçá-la!...

E rapido se levantava e me obrigava a acompanhá-lo até ao limiar do seu domicilio.

Num d'esses transportes consentiu que eu entrasse no quarto d'elle, onde ninguem entrava, e eu esperançado em contemplar alguma huri clausurada, pasmei, quando elle me disse, apontando para um esqueleto:

— Eil-a!... Oh! como eu a amo!

— A quem? lhe perguntei eu.

Gustavo dirigiu-se a uma mesa: recostou a frente sobre suas mãos. Pareceu meditar um pouco depois abriu um bahu, e tirando uma pequena caixa me disse entregando-a:

— Saberás tudo!... e mesmo é necessario que o saibas... Lê esses papeis, e amanha m'os

entregarás de novo, e contar-te-ei o resto. Confio na tua amizade. Deixa-me a sos.

(Continúa).

Manuel S. Alegre.

DESCANSA

Então o dia todo na costura!...

Para que, braços lindos, tanto afan!...

Basta... Deus não descansa por ventura,

Quando aponta nas serras a manhan?...
Toda a noite, que luz, que maravilha,
Vae elle derramando pelo ceu!...

Trabalha, e para quem?... Descansa, filha

Quem te admira, tambem adormeceu.

Era o cravo tenrinho, que seu cofre

Ja fechou, todo aroma, todo amor

Para teu coração. Não vês, que soffre

Com tanto trabalhar a pobre flor?...

Hoje nenhumas telas as ondinas

Ergueram do oceano — o seu tear:

E tu, formosa, o rosto ao chão inclinas,

Inferna o dia todo a trabalhar!

Bem sei, linda, que Deus não te hembfada,

E a pomba não tem dotes eguaes.

Podéra ser meu seio uma almofada,

Que recebesse o aroma de teus ais.

A quanto aspira o coração d'um louco!

Agora quer a concha, logo o mar!

Mas teus dedos se cançam por tão pouco;

Quem ignora, que um ceu nos possam dar?

Basta, filha, descansa, apparecendo

Os astros pouco a pouco em cima vão.

Olha, assim a mortalha estás fazendo,

Com que hei de sepultar meu coração.

A. A.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

(Continuado do n.º antecedente)

II

Leonor tinha a pállida e encantadora belleza da mulher formosa das cidades, que nasceu em berço doirado, e pisou tapetes de Susa; tinha esses olhos azues, velados de longos cilios ne-

gros, que são o ceu no inferno; a bôcca de graciosa e fina malignidade, como o espirito, mas eloquente, e amorosa, como a paixão; esse perfil ondeante e acariciador, que desespera o esculptor mais ingenhoso, e arrebatava o amante ás doçuras do extasi.

A pobre menina so aspirava a engrinaldar-se debaixo do ceu das suas quinze primaveras; mas como havia de florir a desditosa, vendo a macerada doença a arrebatava a formosura de sua mãe, o trabalho duro e pesado, curvando para a terra o infeliz pae, e sete irmãos que brincavam e choravam, sem se esquecerem da fome?

E depois, Leonor era na humilde casa do operario um anjo da guarda, uma segunda providencia; — occupava-se todas as horas e instantes a beijar com o seu amor tres irmãos e quatro irmans, que lhe queriam, como a segunda mãe. Era a deliciosa mestra d'aquelles innocentes. Nos dias de menos penuria, a mãe ensinou-a a ler; ella repartia a lição e o amor.

E ainda assim, atarefada com incessantes fadigas, soffrendo muitas vezes as duras privações da miseria, Leonor guardou a sua formosura debaixo d'aquella atmospha de morte.

Se passava a nuvem negra d'alguma afflicção profunda, vinha logo a luz doirada de seus alegres annos desfazer o veu entenebrecido.

E que deliciosos momentos de sonhada poesia, ao ver ás doces horas da tarde a campina illuminada dos esplendores do ceu, e o mundo tão formoso, onde ella esperava ainda um lugar no banquete da vida, entre as rosas da mocidade; ou quando mirava, atormentando os lustrosos cabellos, em penteado caprichoso, aquella rosto d'uma alvura desmaiada, ao espelho quebrado, o unico amigo, que lhe imitava os sorrisos de sua alma!

De manhan, para começar alegremente o dia, cantava com a voz suave e melodiosa dos anjos as doces cantigas, com que sua mãe lhe embalára o berço; á noite adormecia contente, pedindo a Deus os sonhos da felicidade, e descansando no seio da noite, como nos braços da sua patria.

A pobre cabana do operario, o santuario de tantos amores e de tantas tristezas, era uma loja terrea, que servia de cosinha e casa de jantar; e dous pequenos quartos sobradados, um dos quaes pertencia a Leonor, e a seus innocentes irmãos.

Nos maiores dias de penuria e indigencia, o sacrario de Leonor exhalava um perfume de mocidade e formosura, que suavizava em delicias.

Era um vestido de chita, do trabalho primo-

roso de suas mãos, que enfeitava a trave nua e defumada; além um chapelete de fina palha, que ella tecêra para a irman do berço; um lenço de lan azul e verde, que seu pae lhe havia comprado dos minguados recursos para ao domingo levar á missa; e os dois leitos brancos de neve, com a sua innocencia e simplicidade, a alegria do coração, — e a pequena janelle, que deitava para a campina esmaltada, e para o limpido ceu, aos raios do sol nascente...; e depois, quando Leonor apparecia la, cantando ao desabrochar da aurora, penteando os longos cabellos, seu unico adôrno, e sua unica riqueza, não se via a mocidade e a formosura naquella bonita apparição?

E muitas vêzes chorava em suas longas tristezas as soledades de sua alma, e advinhava os gosos do mundo, que ella apenas entrevira ao longe na vida animada da cidade, onde tinha ido duas ou tres vezes, em dias de festa, na companhia de seu pae; e presentia tambem os grandes prazeres, que a taça uberante da fortuna e da riqueza espalha caprichosamente sôbre os felizes da terra. Até ahi que tinha ella gozado? A benção de mãe e a benção de Deus.

E aquellas damas formosas, que passeavam em suberbas equipagens, todas cobertas de seda e veludo e pedrarias; e aquelles palacios cheios de ruido, musicas e festas; aquelle grande banquete deslumbrante de luxo e opulencias, que tinha passado diante de seus olhos fascinados na mysteriosa intuição das grandezas do mundo?

Todas as noites sonhava com estes esplendores phantasticos; no dia seguinte, ao ver o interior nu e humilde de sua choupana, chorava pela visão dos sonhos, e mais ainda pela realidade dos prazeres.

A serpente, reptil astuto, que reconhece á primeira vista as filhas de Eva, tinha-lhe desenrolado diante da imaginação ardente todas as vestes mais queridas da vaidade feminil: a seda ondeando, realce da gentileza do corpo; o chale brilhante, matiz das mais bonitas côres e dos mais finos bordados; os enfeites primorosos, coroas lindas para o seu cabello formosissimo; e o ouro, que prende a mulher pelo dedo e pelo braço com a fórma do anel e da pulseira, e os diamantes, que são os olhos de fogo do tentador.

— Porque vivo eu 'nesta choupana humilde? perguntava ella a si mesma.

Que fiz a Deus, para que elle me condemnasse a esta fria sombra, a esta escravidão dolorida, quando la fóra brilham as galas do luxo?

E a serpente respondia-lhe:

— Deixa teu pae e tua mãe, sae para longe

d'esse tecto defumado, atravessa com o teu pe ligeiro a campina florente; eu te levarei ao banquete, onde se canta e ri; a arvore da vida tem fructos doirados para ti, como para os outros.

Ella presentia vagamente, que a sua pureza e virtude seriam o preço do logar no banquete da vida; e indignava-se contra a tentação, e abraçava com ânimo novo as pesadas cadeias da miseria. (Continúa).

Guimarães Fonseca.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. A. M. P. C.

I

O BAILE

(Continuado do n.º antecedente)

Julio accedendo a tão difficil, como honroso pedido, foi sentar-se ao pianno.

Elevou-se áquella altura do genio, que faz o poder da sedução! a sua voz sempre energica e angelica tomou então aquelle encanto, que divinisa a palavra humana! Era digno de ver-se como as senhoras suspendiam os seus sorrisos nos labios do poeta inspirado! Como seus olhos respondiam com chammas ao seu ardente improviso!

No meio de tanta embriaguez, as mulheres escarneciam os maridos. Aquelles hymnos e melodias provam ás mulheres, que seus maridos rojam sôbre a terra, quando os outros homens cantam no ceu!

O romper do dia veio pôr termo a tanta animação e enthusiasmo.

O sol acabava de surgir do seu berço d'ouro e purpura, alegrando com os raios ainda frouxos a linda paisagem d'Arganil, que, namorada e cheia de encantos ao sahir dos braços da clara noite, em cujo regaço adormecêra, despertava radiosa com ardentes sorrisos a realçar-lhe a formosura.

Os nossos heroes deixaram saudosos aquelle marulhar de delicias. Eduardo trazia fogo na fronte, febre no coração e o delirio no espirito.

Em quanto Julio e Eduardo estão desafogando as impressões, que receberam durante o baile, esboçaremos o caracter de D. Leopoldina.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

CHRONICA

A chronica d'esta vez vae quasi toda escri-

pta com uma penna *ensopada em fel*; porisso o leitor, ou leitora que tiver mais melindroso o paladar, póde ja deital-a fora.

Hoje vamos fallar *quasi so* do theatro de D. Luiz, e temos muito que dizer.

Temos tres récitas a *chronicar*, todas dadas pelos *meninos florentinos*, que continuam a ser o unico entretenimento de Coimbra, e o vasto assumpto da chronica. Tambem é o que nos vale para termos alguma coisa de que fallar; so porisso, ainda que por mais não fósse, não podiamos deixar de ter sympathisado, e sympathisado muito com os *meninos* e... com as meninas; mas não é so porisso; é tambem porque lhe reconhecemos no geral, merecimento artistico relativo.

Digam o que quizerem do chronista; digam mesmo que elle ou não tem gôsto ou não sabe o que é theatro; digam tudo... que elle nunca sera capaz de dizer que é preto o que a sua consciencia lhe representa como branco, que é encarnado o que ella lhe diz que é azul, ou que é mau o que ella ve que é optimo.

O chronista da *Crhysalida* nunca ha de dizer,—porque não sabe porque não póde mesmo — que os *meninos florentinos* não prestam, como lhe soou ja por muitas vezes ao ouvido. Póde sim notar-lhes defeitos, e aconselhal-os, como hoje o pretende fazer, mas nunca dizer que não prestam. Não; que isso seria mentir á consciencia, e ir contra a opinião de milhares de pessoas que os têm em toda a parte admirado!

Não temos por *estupido* systema dizer mal de tudo, nem por *louca vaidade* deprimir os outros, para nos elevarmos na sua quêda. Somos imparciaes; e havemos sel-o sempre: nem havemos de dizer absolutamente bem do mal, nem absolutamente mal do bem. Ésta é a nossa bandeira, que sempre arvoraremos.

É porisso que não podêmos deixar de censurar a maneira covarde e miseravel porque a plateia — em parte — se portou para com a menina *Flori*. Que ha 'naquella creança que vos mereça censura como artista?! Não vos recompensa com beijos as palmas que lhe daes?! não lh'as deis: olha-vos com desdem e com indifferença?! Que mais vos deve ella alem da arte?! Fazer chorar uma creança que devieis animar no ardor do trabalho, é, senão uma malvadez, uma miseria inclassificavel. Enganaes-vos redondamente, quando dizeis que todo o homem tem *direito a patear* em theatro publico.

O direito é uma coisa muito sagrada para se junctar a uma palavra tão feia. O homem não póde ter nunca direito a fazer mal, nem

ao seu proprio inimigo, quanto mais a innocentes que tanto cultivam a flor do trabalho para não deixar emmurcheçar a da virtude.— Que mais podêmos esperar de creanças, algumas das quaes, como diz Julio Cesar Machado, «apparecem tiradas do berço e atiradas para o palco, mal embrulhados no roto pedaço de uma bambolina, que lhes sirva de coeiro!...»

Á direcção do theatro tambem cabe parte da culpa das scenas de *miseria* que se deram na plateia, nas récitas de domingo e terça-feira.

Entendemos — e cremos que bem — que a ninguem extranho ao serviço do theatro deve ser permittida a entrada para alli em dias de ensaio; e muito menos para o palco em dia de récita. D'outra maneira hão de dar-se sempre d'estes funestos desaires para o theatro — o serviço ha de marchar sem ordem e sem regularidade, e o palco — o que é mais de temer — póde vir a tornar-se de eschola de moral que deve ser, em lupanoso bordel... A mulher requestada torna-se vaidosa, e a vaidade... não captiva, repelle.

Á menina *Flori* cabe-nos recommendar que não desanime no meio do seu talentoso merecimento.

Chore, e chore muito, que as flores do palco regam-se com lagrimas, e d'estas lagrimas hão de brotar flores ainda mais bellas, que a hão de ensinar um dia — quando não for creança — que no meio d'ellas ha espinhos que não consentem vaidades, e esses espinhos serão os despertadores que hão de advertir-a de que com o público não se brinca; de que á plateia se não devem recompensar as palmas com *gargalhadas sarcasticas que a infidelidade dos bastidores, não sabe encobrir...*

Lembro-lhe que tome por guia no seu mar, essa estrellinha tão meiga, cujo brilho tanto sobresaes no meio de todas.—Veja com o entusiasmo delirante com que ella recebe as palmas, as coroas, as pombas que lhe lançam. Os beijos d'uma creança são sempre frios como o sorriso da innocencia, mas quando dados como aquella creança os sabe dar, arrancam-nos da terra, e transportam-nos em effluvios da-mais delirante poesia, ás regiões do paraizo.

Natalini Innocenti, estava predestinada para o palco elle foi e é ainda o seu berço cremos que sera tambem o seu mundo e o seu tumulo.

A graça com que aquella menina sabe quebrar-se por todas as articulações quando dança aquella languida *morbidez do afago*, que ella exprime 'num olhar dos seus, não é filha d'arte, que uma creança possa aprender na idade

de 7 annos: alli ha mais que arte, ha a condição essencial do artista e do poeta; ha a natureza.

No segundo acto da *Vivandeira* distinguiram-se muito ésta menina, e as outras duas companheiras, cujos nomes ignorámos.

Tem-se tornado sempre distinctos os meninos *Valdechi* dansarino, *Eduardo Pons* cantor, e o talentoso *José Tiroco* dansarino jocosos. Além da immensa graça com que sempre se apresenta, é talvez o que alli melhor comprehende o papel que desempenha.

Aconselhámos ao sr. D. Jose Soldaini que reprehenda o menino que desempenhou o papel d'escravo na *Revolta do Serralho*. — Accções d'aquellas não são para parte alguma, e muito menos para o palco que é tambem eschola de educação.

Aquí ficou a plateia socegadissima.

Mais uma prova de que as suas manifestações são movidas a capricho, e não impellidas pela consciencia! Mais uma demonstração de que a plateia de Coimbra — que devia ser por todos os motivos o contrario — é quasi sempre injusta nas suas apreciações; applaude quando deve stigmatizar, e stigmatiza quando deve applaudir!

Melhor sera até supprimir aquelle papel, a não haver outro menino que melhor se saiba ou possa appresentar.

A escravidão não confunde tanto o homem, que o reduza á condição de petrificada estatua. É necessario uma inflexão de voz mais energica, aliás o canto do escravo torna-se monotono, e causa somno aos espectadores.

A musica n'esta última récita estava insupportavel — duas vezes foi interrompida pelo sussurro da plateia, e com razão; porque os musicos não merecem contemplação — alem de tocarem mal, não são creanças.

Damos agora uma breve revista pelos camarotes; breve porque não posso demorar-me por la — as mulheres são como o sol; podem ver-se mas não fixar-se por muito tempo.

Nas récitas de sabbado e terça-feira, nada por la viram os oculos do chronista que lhe mereça fazer menção.

Na de domingo vamos ver.

Camaroté n.º 8, 1.ª ordem, la estão duas mulheres, que sendo irmans, fazem a authitese uma da outra — uma é a mulher corpo, outra a mulher *espírito* — uma a mulher *mulher*, outra a mulher *anjo* — uma a mulher *realidade*, outra a mulher *illusão* — uma a mulher que se *ve*, outra a mulher que se *idealisa* — uma a mulher da *paixão*, outra a mulher do *soffri-*

mento — e senão perguntae-o ao fio de lagrimas que lhe bordam o toucado, ou ás *violetas* que lhe circumdam aquelles olhos de fogo.

Olhae para diante na mesma ordem n.º 10. Quem vêdes la? aquellas duas mulheres de que vos fallei ja na minha primeira chronica; — andae com o curioso binoculo, dois camarotes mais para a direita; no 12, ahi; detende-vos ahi um pouco, la está uma menina que não é feia, e a que até talvez podersemos chamar linda, se não foram dois enormes *ramalhos* que nol-a furtam á vista um que lhe encobre do lado esquerdo mais de metade da cabeça, outro que elevando-se-lhe do peito, nos esconde parte do rosto.

Recommendámos áquella menina mais mimo na selecção das *suas flores* — e virá ella mesma a ser uma das mais mimosas do jardim do theatro.

N.º 13, la estava o anjo da primeira chronica, mas d'esta vez não tinha juncto de si a *crúz*. D'esta vez não fitava os olhos no ceu; olhava ca para baixo, para a plateia a procurar o seu reflexo nas lentes d'*uma luneta*, que segundo ouvimos dizer, são quem a prendem á *terra* — a descrente! — e a não deixam guindar o voo ao ceu!

Na 3.ª ordem, n.º 13, estavam tambem tres mulheres que antes deveramos chamar tres graças, se a sua existencia na terra não fôra real, — muito real! — e tão real, que a muita gente *boa* tem impressionado a sua *real realidade*.

Naquelle raminho de tres flores, o mimo era sem dúvida a do centro. O seu typo de verdadeira andaluza, concedeu-lhe a preferencia.

Defendeu hontem theses em direito, o distincto academico — hoje doutorando — Macario de Castro.

Damos os parabens a s. s.ª, apesar de não termos a honra de o conhecer senão como irmão nas lides, bom estudante que sempre foi, e de que deu as últimas provas hontem no seu acto de conclusões magnas, e sôbre tudo como uma excellente pessoa.

Foi tambem nomeado lente cathedratico, da faculdade de direito, o ex.º sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior.

Damos os parabens a s. ex.ª e ao corpo cathedratico, por contar entre si, mais um tão raro prodigio de bondade e saber.

Coimbra, 14 de novembro de 1863.

O chronista.



AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

II

O amor de Gustavo para com Eulalia principiou, como ordinariamente acontece, por um olhar. Esse magnetismo que se desinvolveu e que ás vezes se transforma em odio, pôde pois ser duplamente fatal.

Gustavo reconheceu em Eulalia uma mulher de genio: comparou-a a essas terras incultas, mas uberosas, que podem dar muito pelo cultivo. Principiou pois a cultivá-la.

Orphan de pae e mãe, em companhia apenas de uma thia, Eulalia, instigada pelo amor principiante, submetteu o collo a todo esse jugo de sciencia e litteratura.

Desde esse instante Gustavo ficou sendo olhado por Eulalia como irmão, pae e mestre.

Gustavo via na sua amante tendencias que procurou extinguir: uma d'ellas era o genio demasiadamente folgasão. Um dia de sarau era um dia de paraíso para aquella alma innocente!

Em resposta a uma missiva de Eulalia, em que lhe descrevia as impressões d'um baile, escreveu Gustavo:

«Foge minha amiga! esconde-te da luz morbida da sociedade, que quer enquadrar em tua essencia, o impeco da atrophia moral!

Foge!

Almeja esses scismares dos quinze annos que, latentes, te descortinou o Abeilard de teus arroubamentos! Mas se n'elles queres devaneiar, emascara-te; pois aos quinze annos aspira-se o aroma da rosa innocente, e não se calca o insecto que ella esconde!

Olvida-os, que é fatidico um ensejo de ventura, se a sociedade o sabe! E que essa tua felicidade seja angelica e jamais transponha a

esphera do devaneiar! — Pois a felicidade illicita faz o cynico!

Não ves?... Passa em tua frente o homem reprobado. Aquella melancholia arada de traços cynicos, quer dizer-te — amei! mas o amor gosado deixa-nos em arrhas o marasmo e o tedio! E o reprobado deslembrou esses dias de ventura para mais não cuidar *nella*, na sua dedicada, e agora passa e sorri amargamente, porque foi feliz, e pregou as farpas da desventura num coração, cujo sangue virginal, elle hauriu em anhelantes osculos!

O cynismo fórma o impio! pois o reprobado tripudia a desgraçada, dando risadas satanicas, e expulsa com a ponta do pe o filho d'esse sangue que bebêra e que tornára sangue seu!

Mais um orphão, mais uma desvalida creatura, pisa como que inerte e stygmatisada as fragas do deserto, e quem sabe se o gêlo da fome lhe resfriará as arterias que pulsavam d'alegria ao olhar na cimeira da acacia o rouxinol regorgeando — as quaes estremeciam de terror ao ouvir elle de longe esse continuo e omnipotente rugido das aguas que se balanceiam no planeta, zombando do homem como o acrobata no trapezio, as quaes se brutificavam d'estertor, quando os seus labios pronunciavam, innocentes e frios, o nome doce de pae e de mãe, pois n'esses vislumbres d'innocencia buscava o orphão, por pressão innata, pela imaginação, o verdadeiro *Pae* e a sancta e carinhosa *Mãe*! — Mas o orphão morre de fome na lagea da rua, que o reprobado calcava embriagado d'orgias, offegante de sensualidade, olhando para a face do infeliz que desconhece, sem ao menos sua alma buscar alentada na compaixão um voo infinito e divino!

Amiga!

Foge da sociedade que olha para ti, porque pretende sorver o sangue de tua formosura — valiosa pelo ouro que possues — porque quer defraudar-te ralada de inveja.

Acreditas tu no sorriso das turbas que applaudem tua vida, tua caridade, tuas acções evangelicas? — Esse sorriso é a triaga que o vaso de tua felicidade tem em depósito. Esse sorriso é o echo do rugido intimo que anceia por te avassallar ao poste da ignominia e da miseria! Esse sorriso é a belleza attrahente da sensitiva... Não volites em redor da planta mortifera; foge-lhe como se fugiria do inferno!

Lança ao fundo do mar o teu oiro, e vem dizel-o á sociedade: verás esse sorriso transformado em gargalhada que te intibiara o tympano. De que valerão então as tuas virtudes?

A sociedade é mais fatal do que o infortu-

nio: este respeita a resignação do infeliz, mas aquella alquebra-a, taxando de miseros os que não mercadejam ao balcão da fortuna!

Dinheiro! Oiro! Diamantes! são os titulos a que a sociedade cambaleia, ajoelhando e grunhindo invejosamente — salve!... O dinheiro dá posições, o oiro virtudes, os diamantes genio!... Genio!...

Como se elle não fôra essa flamula ardente e heraldica, que a divindade assoprou, e que o primeiro homem depois em parte sequestrou! Como se elle não fôra — emanção de Deus — que se acota tanto sob os colmos do albergue, como sob o Louvre dos nobres, e que jamais se vende!...

O oiro jamais dará virtudes, embora o espirito da sociedade o queira: Deus vela da mão etherea, e a balança do justo jamais sera fallivel!

A unica posição verdadeira 'neste mundo é a da probidade!

Amiga, foge do reprobato, foge da sociedade. Conserva sempre teu intimo de quinze annos, embora a materia progrida: fixa na mente essas maximas de summo bem, da summa innocencia, que aos quinze annos se devaneiam: positiva-as, e ellas serão a egide que te resguardará da guerreira e tyranna sociedade.»

Esta carta devia impressionar Eulalia, pois não encontrei resposta alguma, directa. So passado um mez lhe respondeu. Dizia-lhe que estava poetiza, e que muitas vezes falava com elle no — *Ermo*, collina onde era sita uma sua casa de campo, e onde se refugiára julgo que da sociedade, cumprindo assim o conselho de Gustavo. 'Nessa carta lhe mandava copiadas duas poesias que não vale a pena transcrever.

Umás quarenta cartas extensas, poeticas, romanticas e todas philosophicas, traduzem a vida d'esses dois entes até aos desenove annos completos de Eulalia. O amor entresemeado de felicidade, eis em que se cifrava a vida de Gustavo e de Eulalia, como é a de dois enamorados. 'Nestes havia a unica differença que amando estudavam: eram duas existencias 'numa, no estudo do amor e no amor do estudo.

'Numa carta dizia Eulalia a Gustavo:

«Hontem minha thia chamou-me. Com seu ar bonançoso singelamente disse:

— «Eulalia, que tens tu? Que quer dizer essa tua tristeza?!... Eu não gôsto d'isso minha sobrinha.

Eu quando era da *sua* idade alegrava-me e ainda saltava como uma creança!... As mulheres d'agora não são como as do meu tempo!... Agora mal chegam aos doze annos logo se de-

finham, parece a fructa que amadureceu antes do tempo. Os livros, os maldictos livros é que lhe deram esse *seu* ar de triste, de philosopha?

Que vida! Diga-me minha sobrinha, que vae fazer alli para cima para o *Ermo*, quando por la se demora horas e horas? — E depois vem de la triste e vae assentar-se ao pianno para tocar não sei que modas mais proprias de semana sancta, do que de um salão onde tudo deve rir e galhofar!

Diga-me tem alguma coisa que lhe dê cuidado? Não deve ter: nada lhe falta; Gustavo ja me pediu a sua mão: d'aqui a tres annos casam, pois é quando elle se fórma. É que não quer casar com elle?... Aborrece-o? Bem: não case!

Eu o que quero é ver-te gorda como quando tinhas quinze annos, risonha como quando tinhas doze, quero e mando, senão fujo d'êsta casa.»

Minha tia parou de falar quando me viu o borbulhar das lagrimas e o esgaseamento dos olhos. Abraçámo-nos por mútua attracção, e ella chorou tambem.

Ah! Gustavo, que consolação não foi para mim contemplar na face de minha thia as lagrimas, cahindo brilhantes e mais lusidias do que o seu branco e alvo cabello de sessenta annos!

Eu não pude fallar: raciocinava so no amor d'aquella alma sancta!... E mais chorava, mas era por orgulho d'aquella posse.

Que tristeza sera ésta, Gustavo?

As vezes lembra-me o cemiterio e derramo uma lagrima a essa lembrança. Começo a phantasiar coisas!... Cadaver sob uma singela lousa supponho-me, vendo-te ajoelhado sôbre a minha sepultura, inundada e sanctificada pelas tuas lagrimas! Ouço-te sublimes orações d'amor e de religião, e perco-me em mil pensamentos tão funestos para a tua felicidade!

Adeus Gustavo até ás proximas férias.»

Eulalia aos desenove annos se transformára 'numa d'essas victimas, cuja alma é um nexo entre a vida e a sepultura! Era um d'estes genios sotterrados pelo futuro: argumentando pouco do passado, e desconfiando tudo do porvir.

Tornára-se fatalista.

Sonhou um dia em devapeios poeticos — morro breve, e queria fazel-o persuadir a todos. As vezes uma lucta se dava comsigo mesma: d'um lado o hymeneu, d'outro a sepultura: mas seu genio fatidico arrastava-a para o abyssmo do sepulchro.

(Continúa).

Manuel S. Alegre.

HYMNO

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

A DUQUEZA DE BRAGANÇA

Protectora do asylo dos invalidos militares de Runa

Levem os anjos nossa voz mundana,
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

Chovam as benções da morada esplendida
n'angusta fronte, que mimosa veio
cobrir d'esp'ranças o mesquinho thalamo,
volver aos pobres maternal aneio.

Ainda ha pouco da ventura a estrella
foi d'entre as sombras esconder a luz;
mas hoje torna mais 'splendente e bella,
que ao desgraçado vosso amor seduz!

Levem os anjos nossa voz mundana
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

Chovam as benções da morada esplendida
por quem, Senhora, sôbre a terra passa
colhendo affectos, dispendendo prôvida
sanctos effluvios de divina graça.

Ainda ha pouco 'nésta humilde palha
gemiam todos na pobreza e dor...
Oh! Deus bêmfaze quem no mundo espalha
por sôbre os pobres a merce do amor.

Levem os anjos nossa voz mundana,
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

J. Simões Dias.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. prop.

— Como explicas tu as catastrophes d'esses poderosos imperios, que o Ganges, o Nilo, o Eufrates e o Mediterraneo, viram outr'ora erguer nas suas margens?

— Sôbre isso divergem os criticos. Uns que-rem, que fôsse o resultado necessario da dominação quasi exclusiva, d'um so principio, d'uma so fórma, que vigorava 'nesses povos; porque

um tal systema, dizem elles, absolutamente intolerante, havia de forçosamente abafar as individualidades, e por consequencia as responsabilidades, seguindo-se em breve o embrutecimento, a barbaria e a morte; pois que, accrescentam os mesmos, só com a bussola da liberdade é que as naus dos estados podem aventurar-se a descobrir novos mundos, sem receio de naufragios. E effectivamente a India e o Egypto, foram victimas da tyrannia, do principio theocratico, e a Grecia do democratico. Outros attribuem essas quédas ao excesso das riquezas, e do luxo d'essas nações, porque taes elementos, no entender d'elles, corrompendo-lhes os costumes, haviam de cavar-lhes a sepultura. Assim Babylonia e a Grecia, personificadas uma em Balthasar, a outra em Alexandre Magno, descem ao tumulo com a taça das orgias na mão. E o mesmo aconteceu á grande prostituta das sete collinas.

Estes, comparando os grandes corpos collectivos com o individuo, sustentam, que todos esses povos haviam de necessariamente passar pelas tres grandes phases — aurora, meio-dia, e occaso. Aquelles, pretendendo que as constituições geographicas dos povos tem uma natureza especial, cujo desinvolvimento e assimilação são limitados, asseveram que esses povos em consequencia d'isso, haviam de inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, retirar-se ao silencio. Assim o Egypto, depois de haver descoberto, pela disposição particular do seu territorio, a architectura e a geographia, entregou o papel de iniciador do progresso á Phenicia; e ésta, depois de haver inventado, pelo mesmo motivo, a navegação, entrega-o a seu turno á Grecia, onde quasi todas as artes, e especialmente a esculptura, se desinvolvem de uma maneira prodigiosa. Ainda os ha que explicam tudo isso pelo esgotamento da terra, e por alguns accidentes imprevistos. Eu porém, como ecletico, entendo que todas as causas mencionadas concorreram mais ou menos para o tragico desenlace dos imperios em questão.

— Pois eu, meu caro, apesar de não desconhecer essa influencia, não posso todavia concordar, em que fôsse apenas isso a origem d'esses successivos cataclismos.

Com effeito, se atténtares bem na lei da historia, has de concluir forçosamente, que a vida das nações depende essencialmente d'um *que* mysterioso, que forme as consciencias, e satisfaza as necessidades dos espiritos, resolvendo-lhes os graves problemas dos seus destinos.

E como o nivel da humanidade se vae elevando continuamente, em consequencia da cou-

stante actividade do espirito, é de absoluta necessidade que esse *que*, ou como quizerem chamar-lhe — principio, elemento, etc., soffra a mesma lei: aliás os povos cahem asphixiados, como Prometheu e Faust no inferno do desespéro, retomando mais cedo ou mais tarde o caminho do deserto, seu primeiro ponto de partida. Sim, a India, o Egypto, Babylonia e a Grecia, estão hoje cobertas de cinzas, porque fizeram do principio da immobildade o dogma de suas doutrinas.

— Isso póde ser exacto, mas envolve consequencias muito graves... é verdade, vamos ou não dar o passeio que projectámos?

— Tens razão; tão embebidos estavamos na questão, que ja nos esquecia. Preparemo-nos e partámos.

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

AVE LIBERTASI

AO MEU BOM AMIGO

Jose de Vasconcellos Sousa e Lebre

Liberdade, sancto nume,
Talisman celestial!
No coração es o lume
Do mais formoso ideal:
Tu so á Italia opprimida
Déste luz, calor e vida:
Tu so da terra dos lusos,
Nas eras, que ja la vão,
Expulsaste os vis intrusos,
Sorriste da escravidão!

Liberdade! quem não ama
Tua sancta illustração?
Não gosa a esplendente chamma,
Servilisa o coração!
Oh! mas tu, mimosa diva,
Ao mortal com luz mais viva
Dás a solida esperança
D'um futuro so de paz:
E se ha vida, que não cança,
Vem de ti — so tu lh'a dás!

E ja imperaste outr'ora
Como deusa na razão:
Abusaram d'essa aurora,
'Scravisou-os Napoleão.
E no tempo dos Romanos
Os liberaes e os tyrannos
No templo teu joelharam:
Por ti um Bruto morreu;

Os filhos do *outro* vasaram
As fezes, que o pae lhes deu.

E agora la na Polonia,
Berço d'inclytos heroes,
Fulgentes como d'Ausonia
Esses modernos pharoes,
Embalde o *gelo* te opprima!...
E que Deus n'aurora prima
Te doe a livre fragancia
De liberrimo jardim;
Como se aspira com ancia
No academico festim!

Seja a Polonia no mundo
Livre em canticos d'amor,
Como o pelago profundo,
E dos astros o esplendor!
Livre como o forte raio,
Que arrogante põe desmaio!
Livre! pois diz liberdade
Das espheras a harmonia;
E a Polonia não ha de
Erguer-se á luz d'este dia?!

Ave, celsa liberdade,
Talisman celestial!
Es p'ra mim a magestade,
Amor de mãe, Portugal.
No ceu te venero — um Deus;
Na terra, — filha dos ceus;
No mundo esmaltada vida;
Nas trevas, — raios de luz;
Na terra, — a unica avenida,
Que á honra e á gloria conduz.

1862 — Maio.

Manuel S. Alegre.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

(Continuado do n.º antecedente)

III

Um dia o operario entrou, com o rosto anuviado de profunda tristeza: a ceia do sabbado, ordinariamente alegre; a vespera do descanso, a fêria sancta do trabalho, a deliciosa mensageira da folga, das cantigas, dos passeios ao prado das flores, e da piedosa romagem ao adro do presbyterio — foi triste e desconsoladora.

O pae não acompanhou de manhan os filhos á missa; dirigiu-se a casa de seu mestre, e pediu um augmento de salario.

Como não tinha ceado na vespera fallou com asperesa e azedume. O empresario, que havia soffrido um pequeno revés, respondeu-lhe duramente.

O pobre pedreiro pegou na sua ferramenta, e procurou quem lhe dêsse o afadigado sustento da pobreza.

Mas a desventura, quando persegue os seus escravos, não afrouxa o braço; esmaga-os de baixo das garras. André ficou tres semanas sem trabalho.

Principiou a vender o que tinha de melhor em casa. Cada dia d'essas tres semanas fataes, os labios desmaiados de seus filhos, que d'antes se abriam como as rosas, para sorrirem aos abraços do pae, não se abriam mais, senão para lhe dizerem essa palavra terrivel, digna do inferno: — Tenho fome!

O quadro de Prud'hon, «a Familia Desgracada,» uma obra prima de resignação, no meio da desesperação incomportavel, podia ver-se todos os dias em casa do operario.

Similhantes ao desenho do artista, os filhos do proletario, por mais fome que soffressem, tinham não sei que doçura no olhar, e sorriso nos labios desbotados, assim humedecidos de lagrimas, que apertava e feria o coração.

A pobre mãe, apesar da penuria e do trabalho de todas as noites, não pôde comprar outra vez o branco linho do seu leito.

A Mater Dolorosa sentiu nascer-lhe o filho mais amado no presepio aquecido ao bafo da Providencia; a mulher do pedreiro, infeliz! no dia de Natal, sentiu cahir-lhe o derradeiro pomo do seu amor, numa cabana humida, sem calor e sem mantilhas.

E ainda assim resistiu a tantos soffrimentos; encontrou nos peitos emagrecidos a última gotta de leite para nutrir o seu último filho.

IV

Uma bella manhan, Leonor foi á cidade vender o chale de lan azul e verde, e comprar o sustento de um dia para sua mãe e seus pobres irmãos.

A formosa Leonor ia vestida pelo amor de Deus: — Uma saia curta cor de rosa, um lenço de algodão branco a escurecer-lhe a alvura dos seios, e a afagar-lhe o donaire da cintura em laço gracioso, e mal escondida ainda a pequenez de seu mimoso pe no calçado singelo.

As caprichosas madeixas do cabello fluctuavam aos beijos do vento matinal nas faces de leite, e velavam apenas os seus olhos d'um azul profundo, como o céu.

Era encantadora assim em todo o luxo dos annos juvenis.

Um estudante aventureiro, que a viu sahir, como a luz d'uma apparição celeste, d'entre a escuridão d'uma rua estreita, seguiu-a de perto, maravilhado por tantas graças esquecidas. Leonor sustou o voo á passagem d'um carro, que abrangia o pequeno espaço do bécó; o estudante parou tambem naturalmente.

— Meu querido anjo (era a primeira vez, que lhe falavam com tanta doçura) tu vaes perder-te por essas ruas, dizia elle, se não quizes vir comigo.

Leonor não respondeu, nem se offendeu com a delicadeza do convite.

— E depois, minha formosa menina, continuou o estudante com um olhar mais ardente, que é o que prova a vida? A morte. Que é o que prova a morte? A vida. Que é o que prova a vida e a morte? O amor.

O carro ia a deixal-os, e o estudante aproximou-se mais de Leonor, travando-lhe da mão trémula.

— Meu senhor, balbuciou ella timidamente... Eu não sei responder-lhe.

— Que importa, meu amor? A primeira palavra da sciencia da mulher é a sua formosura, a última é o seu coração.

— Mas... A voz de Leonor expirou-lhe nos labios.

— Vou fazer-te um pedido ainda. Queres tu viver comigo, repartindo entre nós ambos a minha fortuna de estudante? Olha, minha filha, dez libras por mez... foi hontem o primeiro do mez...; um bonito quarto com uma cama, o delicioso passeio aos jardins do campo, duas vezes por semana, um lindo chapéu branco para esconder a suavidade do teu rosto, um vestido de seda azul, um colar de perolas a desmaiar no teu pescoço, e as botinhas a amimarem os teus lindos pes... É pouco, mas o coração de Eduardo é tudo. Se tu soubesses como seriamos felizes, vivendo sempre no abraço do amor?

O carro ja ia longe. Leonor absorta naquellas deliciosas palavras, apenas comprehendidas, soltou a mão da prisão doce, e evolou-se como a avesinha da gaiola dourada para o seu ninho escondido.

O estudante conheceu que se tinha enganado; entretanto resolveu-se a continuar a boa aventura; seguiu com os olhos a formosa rapariga, e viu-a comprar maçans, e voltar a mordel-as com seus bellos dentes.

Esperou a pe firme, para tentar nova fortuna: mas Leonor temendo o duplicado encontro e o renovado galanteio, escondeu-se em casa da

fruteira, sua conhecida, d'onde não sahiu, toda trémula ainda, senão depois de assegurar-se da ausencia do tentador.

Ja la não estava a esperal-a, e a pobre menina sentiu-se mais commovida e mais triste, com o desaparecimento do estudante, que lhe tinha segredado com a persuasão da verdade o valor da sua formosura.

De volta á solidão da montanha, mirou-se vinte vezes ao espelho quebrado, affligindo-se por haver sahido com os cabellos em desordem.

— Se eu fôsse com elle... balbuciu a candida Leonor, subindo-lhe ás faces o rubor da innocencia.

E começou a desenhar com as tintas brilhantes da imaginação, o quadro da vida do estudante; no centro do quadro apparecia ella, a amante formosa e feliz, com um vestido de seda azul... — um vestido de seda azul, dizia ella estremecendo; um chapéu... branco... — a esconder a suavidade do meu rosto, suspirava a innocente entre sorrisos d'alegria, afagando-o com as mãos alvissimas...; e depois d'aquelle apetecido luxo — via-se suspendida ao braço do estudante, arranjando e desarranjando o seu bonito quarto, de manhan abrindo a janella para respirar a felicidade, e regar algum vaso das suas amadas flores; á tarde trabalhando ao lado d'elle, em qualquer obrasinha delicada — um bonet de setim, o punho d'uma camisa de brentanha, o bordado d'um fôlho voluptuoso...

— Mas á noite?... gemeu a voz tímida 'nesta pergunta mysteriosa.

Ai o cruel desengano! Derrubou-a a mão de ferro d'aquelle pensamento do ceu dourado de tão bonitos sonhos, e ao cahir as pulsações do coração mostraram-lhe os seios palpitantes. Viuos com o incendio da commoção nas faces, e a humidade do amor nos olhos... dois bellos seios, que até la jamais lhe pareceram assim.

(Continúa).

Guimarães Fonseca.

AO MEU AMIGO

João Antonio da Fonseca

Fitas o ceu com os olhos razos de lagrimas a ver se divisas la o anjo, que te fugiu?

É justo.

Um filho que nos morre, é um pedaço da alma que se nos vae.

Não o lamentos, João, o menos feliz não foi elle: tenhamos saudades dos que se vão, e choremos, os que ficámos.

A infelicidade é a vida, se no coração, sen-

timentos nobres nos instillou o ETERNO; a vida é decepção continuada, se generosas crenças nos nutre a esperanza.

Diz Rivéra:

La vida, es un infierno,

Quando la vida la comprende el hombre.

Seres em que a sensibilidade não é mentira e a franqueza mascara, collocam sôbre o peito a mão do homem que lh'a estende; em troca d' affectos verdadeiros, dão-lhe... um sorriso; em troca de serviços uma traição: recuam e forçam então por serem... maus. A primeira mulher que vêem, é o seu primeiro amor, a sua religião, o seu Deos que adoram annos, e ás vezes *muitos*... no fim d'elles, em premio de illimitada constancia reclinam-lhe no hombro a cabeça... Oh! um mundo de vidas por um momento d'aquelles: a sos então, e a horas mórta brandamente enlaçados, 'naquelle silencio magico que diz mais que uma eternidade de palavras, 'naquelle enleio todo divino, não é d'esta vida o homem, eleva-se e eil-o 'num mundo ideal todo dos anjos; fixando no espaço uma estrella, que tomam por testemunha de promessas reciprocas e juramentos mutuos: julgaria elle uma profanação, um sacrilegio, o tocar o mais leve que fôsse aquella frente ainda pura: em breve o prysma, através do qual elle viu essa mulher, cae-lhe aos pes feito pedaços, a crystalisação pára e aniquilla-se depois: hesita... quasi que cede... está prestes a fazer-se cynico; então, se elle é como deve, a nobreza d'alma reage, toma alentos, e consegue desprezar os que o fizeram soffrer.

Não é de certo este, o esbôço da tua existencia, nem talvez da minha; mas encontra-se d'isto, João, e mais a miudo do que era para desejar...

Não lamentos a perda do teu filhinho; bem feliz foi elle, e bem merece invejado, por tão cedo romper o diafragma que separa a vida da eternidade.

Coimbra, 8 de novembro de 1863.

Thomé de Britto Pinto d'Albuquerque.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. A. M. P. C.

I

O BAILE

(Continuado do n.^o antecedente)

Era uma d'aquellas mulheres, que tão nu-

merasas se encontram na sociedade d'hoje, e que merecem o nome de garridas e levianas, e sem as quaes ficaríamos privados d'um dos mais risíveis divertimentos do mundo.

Figura-se-nos sempre empunhando uma trombeta, como a estatua da Fama: toca, torna a tocar, e não descansa em quanto se não ve bem rodeada: assim como os feirantes estendem a fazenda para attrahir os compradores, assim ella faz alarde de todos seus attractivos, enfeites, dictos engraçados, para captivar a attenção e os affectos dos que a admiram. Note-se-lhe o volver dos olhos, o sorriso dos labios, o inclinado do collo, os requebros do corpo, a languidez ou vivacidade dos gestos: passa-se depois a examinar as dobras e tufos do vestido, o ondeado dos folhos, o bordado do lencinho, que meneia com desdem, o justo das botinhas e pequenez do pe, que tem cuidado de mostrar: este é o estudo dos olhos; segue-se o dos ouvidos, que é mui curto, porque éstas damas dizem todas o mesmo, segundo se acham lançadas ou no genero sentimental ou no apaixonado. Se fallam de litteratura, so conhecem o romantico; se contam suas viagens, extasiam-se com as impressões, que receberam e querem que compartamos suas emoções.

Era por tanto D. Leopoldina uma perfeita coquette. (Continúa).

CHRONICA

Então a nossa chronica passada *amargou* a muita gente?! Nem podia deixar de ser; pois ella foi quasi toda escripta com *fel!* Mas a culpa teve-a o leitor que se *agoniou* com ella; porque a não deitou fóra? O que o chronista sente é que ella fôsse estimular o melindroso paladar d'alguns senhores que dizem que ella foi um insulto feito á academia; muito pouco ve quem assim o julga! O chronista não insultou a academia, porque o chronista não pôde insultar-se a si proprio; não despeitou a academia porque nem nella fallou.—O chronista disse apenas, e repete ainda agora aqui, e sempre, e em toda a parte, que não pôde deixar de censurar a maneira por que a plateia — em parte — se portou para com a menina *Flori*. De que aquella joven artista levou uma *pateada* immerecida — ninguem é capaz de o desconvenecer — e se algum academico, tendo tomado parte neste acto, se julga offendido, que tenha paciencia, porque a *Chrysalida* com quanto seja jornal academico, não faz excepções de ninguem, quando tracta de avaliar acções que não ficam

em caracter a uma corporação, por todos os titulos tão respeitavel; — portanto o chronista, dada mesmo a hypothese de ter comprehendido implicitamente alguns academicos na censura que fez, longe de despeitar a academia, honrou-a e defendeu-a, porque alguns academicos não são uma academia inteira; e nem elle pôde consentir que uma corporação, tão numerosa e tão nobre, soffra por causa de meia duzia de *discolos*, que se possam esconder em seu seio.

O chronista pois não lançou a luva a ninguem; apresentou o facto, e estigmatizou-o como elle merecia; mas, se alguém, julgando-se offendido, lh'a quizer lançar, que venha defender-se; que venha, que elle promptamente lh'a apanha; seja o logar o campo da imprensa; — mas campo mais amplo e livre que o da *Chrysalida* — a hora, quando quizer; as armas, a penna; padrinhos, a consciencia — Deus!

Relativamente á entrada para o palco, o chronista deu apenas um conselho, não uma ordem.

Em quanto ao *receio* do palco se podêr converter de eschola de moral em *lupanoso bordel*; o chronista tem muita dignidade para se supôr que fôsse capaz de julgar menos convenientemente de quem alli representa, ou entra. La, no meio de creanças, não pôde haver senão innocencia e candura; de ca sabe o chronista muito bem que vae so a dignidade, o cavalheirismo e a honra. O chronista, pois, não se referiu ao palco do theatro de D. Luiz, nem de theatro algum, fallou do palco, em geral.

O chronista tem a consolação de que a sua obra ainda não foi mal olhada senão por quem não sabe, ou não *pôde* ter uma critica imparcial.

Mas deixemos isto, que nos vae levando o tempo e a paciencia, e a leitora está anciosa para que eu lhe diga o que se passou durante a semana.—Attenção, pois, minha senhora, que la vae d'esta vez uma chronica como muita gente quer.

Houve theatro tres vezes — domingo, quarta e sexta-feira. — Os meninos têm continuado a agradar muito; o centro continúa a pertencer á menina *Innocenti*. — As enchentes foram regulares. — Na plateia não tem havido que notar. Desde os desaires que lhe aponteí na antecedente, tem-se portado sempre cavalheirosamente.

Na récita de domingo, os camarotes estiveram bastante concorridos, mas bem pouco *engraçados*, como quasi sempre.

Merecem ser mencionados dois: — o n.º 10 das frizas, e um outro que v. ex.ª pôde collocar onde quizer.

No primeiro estavam... dois anjos, se quizerem. No segundo viu o chronista, pelas faces d'uma... mulher, deslizar duas lagrimas, que o impressionaram. Seriam de compaixão?! não cremos. Conhecemos assás o coração d'onde ellas dimanavam! Seriam de desesperança?! Não; que ellas iam, como o arroio que se perde na relva, esconder-se 'num seio que arfava opprimido por um vestido verde. Seriam de remorso?! Talvez; porque o remorso é consequencia necessaria do crime: mas não chores, mulher, que se Deus te perdoar, tambem ja te perdoou a tua victima. Basta o teu castigo!!...

O chronista espera que ninguem lhe virá tomar contas por éstas duas linhas; isto é para elle so.

Na récita de quarta-feira distinguia-se principalmente a mimosa philomela do Mondego, que tão raras vezes desfere seus voos das regiões do infinito, onde habita continuamente a alma do poeta, para vir pousar no theatro.

Récita de sexta-feira. Pelos camarotes reinava mais amor e vida que nas outras récitas. O sceptro e a corôa de rainha do theatro 'nesta noite, cremos nós, que pertence de direito a uma mulher que estava no n.º 8, da 4.ª ordem, a qual trocou o seu fio de lagrimas d'outra récita por uma camelia branca; e o soffrimento que ellas denunciavam, então, por um travêssor sorriso, que de continuo lhe doudejava á flor dos labios.

No mesmo camarote se via um rosto de mulher, risonho e prasenteiro. O conjuncto de tão delicadas e expressivas feições, representava um verdadeiro typo á *Parisiense*.

Na mesma ordem, n.º 5, estavam uns olhos pretos, travêssos e holicosos, cheios de fogo e de vida, como os do Lynce do Deserto...

N.º 13 da mesma; la estava aquella mulher que ja todos conhecem — agora não era o anjo do deserto; era a pallida e magêstosa estátua que chora sôbre um túmulo.

No n.º 5, de frisas, estava uma mulher verdadeiramente linda — juncto d'ella, ao lado direito, uma criança *interessante*.

Basta de theatro.

Quinta-feira defendeu brilhantemente theses em direito o sr. Vaz. O talentoso doutorando acabou de demonstrar, no seu acto de conclusões magnas, que não era mentiroso o elevado conceito em que ja era tido, tanto pelo corpo docente, como pelo discente.

Não conhecemos de perto s. s.ª, mas dizemos que ao seu raro talento reune as mais nobres qualidades. Deus lh'as conserve.

Parabens ao sr. Vaz!

Houve assembleia academica na quinta-feira, para se nomear a commissão que tinha de cumprimentar, por parte da academia, a SS. MM.

Fallou José Braz; e orou Vieira de Castro.

Foram nomeados membros da commissão — Chaves, José Leite Monteiro, Vieira de Castro, José Braz.

Passaram SS. MM. para o Porto hontem (20) pelas 11 e meia horas da manhan — demoraram-se uma hora. Havia dois arcos triumphaes; um á Portagem, á entrada da Calçada; outro em Sansão, á entrada da Sophia. Desde ésta rua até ao meio da Ponte estendiam-se d'um lado e d'outro dois engraçados cordões de murta, em festões, matizados de bandeiras das duas nacionalidades — Portugal e Italia — contrastando nas côres, duas a duas. Era obra de singeleza, mas de maravilhoso effeito.

As janellas das ruas do trânsito estavam esmeradamente ornadas e guarnecidas de senhoras, que lastimavam não poder expargir as flores, de que estavam providas, sôbre os augustos reaes viajantes, que não iam em coche descoberto. Foi pena que o tempo estivesse tão mau, 'num dia de tanta alegria.

SS. MM. trajavam á particular. Abstemo-nos de fallar agora mais detalhadamente sôbre tão augustos personagens, reservando-nos para o fazermos quando se dignarem voltar por aqui, onde tencionam demorar-se alguns dias. Espero encontrar-me então ca com muitas das minhas leitoras *provincianas*. Então, como de mais perto, fallaremos mui largamente sôbre o que quizerem — por ésta vez...

Buenas noches, señoritas.

Coimbra, 21 de novembro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

Rogâmos aos srs. que não receberam o 1.º n.º da *Chrysalida*, nos não censurem de descuido. Foi preciso fazer a reimpressão do mesmo, ficando a tiragem ordinaria para cima de 720 exemplares, em consequencia do grande numero de assignaturas que tem affluido — o que prova que a *Chrysalida* não está moribunda como muita gente affirma e deseja; pelo contrario tem mais, do que nunca vida, e muita vida no presente e muita esperanza no futuro. Dizemol-o alto e desassombradamente, porque temos coragem bastante para esmigalhar com o pe esses metediços vermiculos, que por ahi rastejam nas Caixias da maledicencia... e da *covardia!*...



O SEculo DEZENOVE

Estamos em pleno seculo dezenove, seculo das luzes, da confraternidade de nações, da liberdade e independencia. Seculo famoso na historia da humanidade; seculo em que alguns philosophos, levados por sentimentos humanitarios, mas desconhecendo talvez a natureza humana, têm sonhado uma confederação de nações, uma paz perpétua...

Salve, seculo dezenove!...

Mas que!?... Ao longe ouço eu o som marcial de cornetas, o rufar de tambores, o tinir d'espadas, o troar do canhão, e os lamentosos ais de moribundos, estorcendo-se na mais dolorosa agonia!...

Para o oeste, na America, uma guerra de destruição e de morte tem assolado o paiz mais civilisado do mundo; o asylo da foragida liberdade tornou-se em theatro de horrivel carnificina; o incessante movimento do commercio e industria substitue-se pelo marchar e contramarchar de milhares de homens armados, ávidos do sangue de seus irmãos; os fertilissimos e alegres campos dos Estados-Unidos e Mexico fizeram-se logares sombrios e ermos!...

Acorda, Washington, vem ver a tua obra!...

Mas não!... Oxalá que as tuas venerandas cinzas descansem em paz; que ellas não estremeçam por tão horrorosos attentados.

Para o lado do norte, na Polonia, uma guerra de martyres contra uma invasão de esfaimados lobos, tem ensanguentado palmo a palmo, a heroica patria dos Kociuskos e dos Langiewieks!

Essa Russia, desdouro da humanidade, está practicando atrocidades que Attila nunca sonhou. As decapitações, os fusilamentos, os incendios são o seu direito das gentes! Nem creanças, nem velhos, nem mulheres, nem sacerdotes, têm escapado ás suas horriveis barbaridades! Custa a crer que tão longe va a crueldade do homem!...

Aquelles tyrannos têm certamente o coração tão gelado, como o paiz em que vivem...

E consente-se isto na Europa, que se diz a parte do mundo mais civilisada!?...

E é este o tão decantado seculo das luzes?!... Sim.

Têm-se inventado peças d'artilheria raiadas, navios couraçados, balas para os furar... a arte de matar com brevidade tem progredido muito.

E é este o seculo da confraternidade das nações? Mas em 1855 houve a sanguinolenta guerra da Crimeia, em 1859 a guerra d'Italia, e ha perto de um anno que dura a da Polonia, heroica pelo lado dos polacos, atroz e impia pelo lado dos russos.

E é este o seculo da liberdade? Mas os Estados Pontificios ainda gemem debaixo de um intoleravel regimen theocratico; a Russia continúa a soffrer o mais rigoroso despotismo; Veneza espera anciosa pela sua emancipação: a soberania dos povos continúa a ser desconsiderada.

E é este o seculo da independencia das nações? Mas olhem para a desventurosa Polonia, olhem para a Hungria; e a Italia póde chamar-se independente sem estar constituida nos seus limites naturaes?...

Como é pois que Eugenio Pelletan escreveu o seu *Le monde marche* e a sua *Profession de foi*?...

O mundo caminhará para a perfeição, ou, segundo Eugenio Huzar, para o abysmo?...

(Continúa).

Coimbra, 20 de novembro de 1863.

A. Eduardo de Moura.

ADEUS

Poesia recitada no Club das Caldas da Rainha

Eu venho grata relembrar as rosas,
Que me offertára festival prazer,
'Neste recinto d'amizade e encanto,
Que talvez nunca tornarei a ver!

É doce áquelle que em montanha esteril,
Por entre espinhos tanta vez gemeu,
Ver-se 'num campo vicejante e esplendido,
D'um negro abysmo transportado ao Ceu!

Porisso, eu, pobre d'affeições e mimos,
Amada filha do martyrio e dor,
Onde a ventura me sorriu fagueira,
Dando-me á vida fascinante cor,

Venho saudades semear — que n'alma,
Ha muito as sinto com ardor brotar;
Rega-as o pranto d'um adeus sentido
Que o labio a custo poderá soltar!

Matta frondente, mystr'iosa gruta,
Onde inda ha pouco, tão feliz sorri,
Nega-me a sombra, quando a calma abraza,
Se eu algum dia me esquecer de ti!

E tu — Passeio — que ao amor convidas
Roubado em sonhos ao jardim dos Ceus,
Em cada folha que te leve o outomno,
Repete a todos meu saudoso adeus!

Caldas da Rainha, 4 de setembro de 1863.

Amelia Janny.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages



Os espiritos fortes olham para essas coisas d'amor com um sorriso amarello nos labios. Pois, se ha sentimento que me invoque uma lagrima de alegria ou de dor, é esse unificar d'almas.

Quando havia lido todos os escriptos de Gustavo, derramei uma lagrima d'alegria que mal resvalou pela face, ao lembrar-me de sua existencia última.

Vou-te copiando o necessario para te anorteares.

Agora ja encontras um homem e uma mulher.

THRENO

«A noite d'aldeia é um suspiro melancholico que as esferas, alando-se no espaço, resumbram para o nosso planeta; é a harmonia d'amor que ellas entoam na serenidade estrellada, que se innocula no íntimo de quem é amado.

Numa d'essas noites estava eu recostado no monte do *Ermo* com Eulalia. Os liames de parentesco que nos prendiam, amiudavam esses encontros... E que melhor parentesco ha do que o coração?

Eu enlevado pela brisa sympathica que dos labios d'ella assoprava para refrigerar o calor da minha alma, eu sublimado pelos olhos sinceramente fixos em meu semblante lhe dizia:

— Sabes Eulalia, que, se não estivesse junto de ti, estaria hoje triste?

— Porque?

— Porque fui hoje passear ao cemiterio! Não sei que poesia melancholica me transsuda 'nalma o aspecto grave do cypreste e do chorão que

se debruça na campa funebre! E eu comêço então a pensar...

Oh! quantas lamentações, quantas cruezas, quantas fugitivas felicidades, quanto sangue derramado pela espada da tyrannia, quanta existencia ceifada intempestivamente pela foice do vicio ou do grito vingador, quanta dor esquecida nos não entorpeceria os passos, se tentassemos descer, pouco a pouco, ao abysmo do passado, d'essas gerações esquecidas, cujos membros não vivem na historia, porque não conquistaram uma praça, ou porque não derribaram um throno! Quantas lições de bem viver não aprenderiamos ao descortinar o veu tenebroso que nos rouba a historia de um homem que jaz na valla d'um cemiterio, nas vagas do oceano, no apice da montanha, ou no abysmo do valle profundo?

E a verdadeira historia da humanidade se obteria, se podessemos abrir as sepulturas das gerações, e interrogarmos essas sombras sumidas, projectando apenas um clarão pallicento, desde o alto Atlantico até ao Hymalaia, desde os páramos ardentes e aridos da Lybia, até ás veigas amenas da Europa e florestas virgens da terra de Colombo!

Mas essas sombras mal se divisam e parecem fugir ao modo que nos approximamos; como o infinito semelha distancear de nós, e é porisso que a historia ignora muita lagrima vasada na taça da morte — amphora que vae pouco e pouco recebendo a vida dos homens transformada em sorro de agonisantes lagrimas!

— Gustavo! interrompeu Eulalia, cujas mãos eu tinha enleadas ás minhas. Gustavo! Não falles em coisas mortuarias!

— Pois repugna-te Eulalia, saberes a historia de uma sepultura? a historia da humanidade? Lê Thiers, mas vae aos Inválidos, ve se fazes fallar esse marmore que encobre o guerreiro corso, e verás onde está a verdadeira historia!...

Debaixo d'esses porphyros... ; Mas quem sabe o que la estará! Por ventura podêmos nós advinhar se aquelle recinto tão limitado é um outro mundo, no qual uma vertebra, um calcaneo, um osso, represente um papel para nós invisivel, mas efficaç' nessa rapida transfiguração de homem?

Mas isto não pôde ser!

O infinito e a sepultura, eis os dois pontos de contacto entre Deus e o homem, pois entre um e outro polo existe a vida. E a vida, emanação de Deus — do infinito — perder-se-ia em estúpido marasmo dentro d'um castello de porphyro?... A vida, vindo do infinito, foi para o in-

finito, assim como a materia — a vertebra, o osso — vindo da terra para a terra voltou. A vida, a alma, vive infinitamente: mas sera essa vida analogica á da materia que hoje forma aqui a petala de uma flor; que amanha fórma alem a molecula d'um perfume que constantemente muda de fórma, vivendo na essencia? Irá a vida para outros mundos, como peregrino que busca a patria, e animando várias feições se abrigue alfim no seio infinito de Deus, aperfeiçoando-se a vida 'nessa peregrinação de mundo em mundo, trocando o infinito verdadeiro e virtuoso pelo despenhadeiro infinito do crime? Sera o *Purgatorio* da Biblia, a allegoria d'essa peregrinação?»

Eu 'numa febre, deixo cahir a mente sôbre o seio, e sou despertado d'esse lethargo pela voz angelica de Eulalia que dizia assim:

— Não gôsto d'esses teus infinitos... Olha, Gustavo, esses mundos que tu sonhas e as estrellas do Ceu, são as almas esplendentes e virtuosas que da terra voaram ao Ceu! Foi isto o que eu li 'noutro dia. Eis uma anastromia bem faceta.

Tu vens agora com peregrinações das almas; cada vez entendo menos: por outra, entendo tanto como tu. Para que te embrenhas 'nesses mysterios onde tua alma pôde encontrar mais do que um precipicio? Admira, como eu, esses esplendores que agora cahem sôbre nossas frentes: toma-os até como vislumbres parcellas d'esses raios, d'essa aureola que cinge a fronte do Omnipotente — apenas para o adorar, e não te importe com esse louco phantasiar... a que chamas poesia!

— Loucura... a poesia!

Duplamente louca! Loucura na ficção, 'nesses sonhar d'outro mundo, que jamais alcançarão real, e d'onde toma origem essa vaga tristeza que se innocula nos Alfredos Mussets, nos Soares de Passos! Loucura 'nesses reproduzir dos sentimentos, que deviam ficar escondidos no amago d'alma... A atmospheria do seculo empallidece a formosura d'esses threnos, por que este seculo é um pagode gentio, cujo altar é o oiro e o tredo egoismo.

Mal sabes quantos sorrisos sarcasticos me seriam arremessados, se eu fôsse confidenciar á sociedade todos os nossos suspiros, as mais intimas peripecias de nosso amor, traduzidas 'nessas poesias que guardo como a Christo no meu album! E essa mofa não deve ser reprehendida? Pois por ventura a sociedade pediu-me o meu segredo?...

Agora ja não faço versos porque os livros, a sciencia materializou-me. Aos quinze annos fu-

gia, por teu conselho, do mundo, e saudava na lyra a tua ausencia! mas hoje... Não sei Gustavo que pêsio sinto aqui no coração... lembra-me que sera a morte que é perto...

— Eulalia!

— Ouve Gustavo... Tenho sido feliz de mais. A felicidade quando é um excesso, assassina como o osculo da voluptuosa áspide!

Para eu viver era mister que tu não me amasses... O amor que me consagra dá-me uma vida fatal!... Esse teu amor é como a flor que entre a corolla esconde o verme venenoso! Mas olha que nem tu sabes que 'nelle é occulto o veneno.

— Que veneno poderia eu offertar-te?

— Escuta Gustavo. Nada a que se chama bom ha no mundo, que não tenha o seu *qué* de mau, ja na essencia, ja nos effectos. Do pomo das vegetações despreza-se o caroço; ao animal nutriente aparta-se o exterior; assim da ave lança-se ao vento a plumagem. As amphoras do Lyco, para te fallar classicamente, contém no fundo as feses: para o anho ha o lobo; para os insectos a sensitiva, para os peixes mais pequenos os maiores governando no mar. Emfim, em tudo e por tudo se ve uma guerra natural inflamada, jamais inextinguivel! Essa guerra ecoa ca dentro tambem. Dá ca a tua mão, escuta estas pulsações: 'nellas está a doçura e a triaga — está a felicidade porque o coração pulsa por ti: felicidade incompleta, meu Deus!

Eulalia suspirou.

Na sua fronte então divinizada para mim notei ao reflexo melancholico da lua uns assomos de tristeza, que as rugas aliás pareciam augmentar.

Eu lhe reflecti:

— Sera que tu ja me não ames?!...

Eulalia me exclamou arfando, qual voz d'orchestra, suspirada em pleno espaço ermo, como o Eden phantastico, como gemido eolio.

— Eu... amo-te!..

E depois estivemos immersos em tristeza, e tacituros. O tetrico echo da duodecima badalada no campanario, nos veio despertar d'aquelle mau sonhar.

Osculei Eulalia como o fazia a um innocente que dormita no berço, e por entre uma floresta de oliveiras, tristes como a minha alma, procurei o meu domicilio.

185.. Junho 16..»

Que ves 'nessa poetisa cansada, 'nessa Eulalia aos vinte annos, amigo? Deves considerar a victima dos livros. A leitura illustra-nos: a sciencia ajuda a fazer Napoleões: o estudo da poesia Miltons. Mas considera a fatalidade que arremessou á tumba esses genios-homens.

Eulalia tinha vivido muito em tão pouco tempo: sem lidar com a sociedade, sabia o que ella era, melhor do que os que 'nella affrontavam risos ou tristezas.

(Continúa).

Manuel S. Alegre.

A FEITICEIRA

De farrapos coberta a um canto escuro de escura habitação juncto do lar, como se fôsse a Parca do futuro, não cessa a pobre velha de fiar!

Esmorece a fogueira: o lume extingue-se co'a estopa final depõe a roca. É tudo silencioso, mas destingue-se secreto balbuciar da sua bocca!...

Que póde ella dizer a triste velha ao mundo, que na face lhe ha cuspidio? Mas que dor no franzir da sobrancelha? Que dor lhe vem do peito dolorido?!...

Á chuva que restruge no telhado accende o extincto lume da fogueira. De novo põe a estriga e o seu fiado continúa, cantando, a feiticeira.

«Tantos annos la vão! tantos insultos soffreram nossas mães!—Crel-o me aterra!—seus corpos nem sequer foram sepultos! Negavam-lhes a terra!

«O vento lhes levou as cinzas todas quando a pyra queimava a carné d'ellas! Não pouparam, covardes! 'nessas bodas as tímidas donzellas!

«E nós — as suas filhas somos tidas como filhas do inferno! — ao que parece — maldictas Jazabeis escarnecidas por quem nos não conhece!

«Como a raça proscripta dos Judeus que nem patria sequer doõs homens tem, c'os olhos sempre erguidõs para os Ceus soffremos nós tambem!

«Mas ai! não se acabar — como ésta febra que me expira na roca — a minha vida!... quebrára, como o fio, que me quebra, o encanto infantecida!»

D'est'arte procurava em seus cantares volver as longas noites ao serão.

Recordando a gemer os seus pesares pensava dar allivio ao coração!

«Allívio que palavra, que mentira pretende escarnecer da minha dor? Ao seio moribundo quando expira de que vale o fallarem-lhe d'amor?!»

Com as noites, que a pobre seroava mais noite a sua vida lhe par'cia! Eram da cor dos fios, que fiava, os cabellos, que a touca lhe escondia!

Morreu aquelle peito penitente Rasgaram-lhe a punhaes O coração

Levou aquella martyr innocente por preces funeraes a maldição!

J. Simões Dias.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

— Applicando agora ás modernas Babylonias os principios, com que estes dias explicaste as ruinas das antigas, *quid inde?*

— Silencio!... Mudemos de conversa... Que me dizes sôbre essa grande obra de Lutherô, que chamam vulgarmente a *Reforma?*

— Sôbre isso dividem-se muito os campos. Do lado esquerdo (fallando parlamentarmente), uns dizem, que a Reforma não foi mais que uma vingança, que Lutherô, como Agostinho, quiz tirar de Leão X, por este haver dado aos Dominicanos a commissão da venda das célebres indulgencias, cujo producto era para a continuação de S. Pedró: outros attribuem-na á ambição dos reis, á sua rivalidade com o poder ecclesiastico, e á avidez dos nobres, que pretendiam appropriar-se dos bens da egreja. Do lado direito porém, uns crêem, que foi um simples protesto contra a corrupção, que lavrava no seio da egreja, mormente durante a venda das indulgencias: outros asseveram, que foi uma insurreição do espirito humano contra o poder absoluto na ordem espirital. Alem d'isso.....

— Perdão. Ponhamos de lado a questão da origem, por pouco interessante, e nem toquesmos sequer na da natureza e effeitos proximos, por muito melindrosa; e vejamos, se nas suas consequencias finaes e indirectas a Reforma foi um passo *en avant, ou en arriere*, da humanidade.

— Os que creem firme, e vivamente, que a igreja latina é a unica Vestal, que entretem o fogo sagrado da verdade, exclamam, que os resultados da Reforma foram nocivos á humanidade, porque (dizem elles) á voz de Luthero, a Allemanha, a Suissa, a Hollanda, a Inglaterra, a Escocia e a Suecia, divorciaram-se da igreja, transviando-se portanto do verdadeiro caminho, com gravissimo prejuizo do futuro. Aquelles porém, que sustentam, que a razão é o unico Verbo, que vae continua e indefinidamente regenerando a humanidade, eis, pouco mais ou menos, como elles divagam: «O espirito humano, esse generoso archanjo, que emancipara o homem das florestas do Eden, atravésmente injuriado pelos raios do Vaticano, retirara-se silencioso e triste, ao exilio da Thebaida. E o papado, vendo-se então desembaraçado do seu unico e formidavel adversario, entoa o *Te-Deum* da victoria, estende o manto das trevas, e levanta a espada do mais barbaro *Tartarismo*, d'uma curva á outra da terra.

Felizmente porém, um d'esses genios extraordinarios, a quem a mais affrontosa violencia, longe de desalentar, revolta d'uma sublime e energica indignação, surge de um claustro da Allemanha; e, novo Titan, decide escalar o novo Olympo. O novo Jupiter tonante, vendo-se surpreendido na ostentação da sua inviolabilidade, chama immediatamente a fe ás armas, tropeja irado do alto do Vaticano, accende as fogueiras da Inquisição, e trava com o seu adversario uma lucta desesperada; mas, serenada a tempestade, ve-se apenas um culto de pe sôbre o cadaver do vencido...

Foi durante este duello, que o sublime exilado se desencadeou dos fraguados do Caucaso, e veio despertar a humanidade do lethargo, em que jazia, apontando-lhe ao longe a terra da promissão. Agora bafeja Descartes e Bacon, logo Leibnitz, Kant, e mil outros, e mais tarde pela voz do gigante Mirabeau prepara o surpreendente cataclismo do mundo velho,—o famoso 89,—a que o seculo actual deve o diluvio de luz, que o inunda... A ti pois, o nosso puro incenso, ó nobre voluntario do pensamento, que emancipaste o crente, e preparaste a liberdade do philosopho, do cidadão, e de todos os mais estados do homem!» 'Numa palavra, o que cre na revelação, e portanto na immutabilidade do ideal da humanidade, diz, e com razão, que a Reforma foi um mal: o que porém sustenta, que — o mundo marcha,— e que, por consequencia, o ideal vae soffrendo as suas modificações através dos seculos, replica, que foi um bem.

— Estou pasmado da propriedade da tua phrase, e do vigor do teu estylo!!... Mas, falando sério, qual é a tua opinião?

— Que innocente! Ignoras por ventura, que neste seculo, em que o estandarte da liberdade fluctua em todos os pontos do horisonte, ainda desgraçadamente entre nós está pendente sôbre a consciencia a espada de Damocles?

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

POESIA

OFFERECIDA POR JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES,
NA RÉCITA DO THEATRO DA GRAÇA

AO SR. EMYGDIO FERRAZ DE CARVALHO

A voz é som que mata
do espirito as grandezas,
se em suas estreitezas
a lingua as não retrata:

assim, quando o teu genio
de consumado artista
assombra a minha vista
nos thronos do proscenio,

então tudo me falta!
Emprehando e nada pinto.
De tanto que hoje sinto
a lyra nada exalta!...

Mas fique a voz em calma
nos intimos do peito...
mudo rebente o preito
dos seios da nossa alma.

Coimbra, 22 de novembro de 1863.

J. Simões Dias.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

(Continuado do n.º 2)

III

Se é certo que ninguem vae a Lorvão que não visite o convento, porque o convento é Lorvão; tambem é certo que poucos são os que la vão, que não vão passear ao Souto. Dizem-m'os os encantos que para la nos arrastam, e as muitas inscripções que por alli se lêem, e escriptas a lapis nas paredes d'uma pequenina casa, que

la se perde escondida entre arbustos e silvados (a); e os nomes de muitos academicos — e de alguns que me são bem caros — que se vêem entalhados nos troncos das nogueiras e nas pedras dos assentos. Lá vi o de muitos amigos e companheiros de estudo, como o de A. Rodrigues da Silva, M. Simões Alegre, Valerio N. de Moraes, e outros muitos que seria fastidioso enumerar aqui; todos meus condiscipulos ou pelo menos contemporaneos, que me fizeram recordar com saudade do nosso tempo de Coimbra, e aborrecer mais uma vez o longo tempo de ferias. Este pittoresco passeio, o unico que alli se nos offerece, é numa porção de cêrca abandonada, e em desprezo, no que bem se parece, seja aqui dicto de passagem, com o nosso poetico passeio das Lagrimas; mas é mesmo naquelle abandono que mais se revelam seus encantos e attractivos. Percorrendo um estreito carreirinho que se estende em suave declive pelo valle acima, vae o visitador gosando da fresquidão d'um ribeirinho que se vae despedindo em suspirosos queixumes, dar comsigo ao sitio da India.

Foi alli, como em parte alguma, que eu senti correr pela alma effluvios da mais sublime poesia. É talvez o sitio mais pittoresco de todo o Lorvão.

Se algum dia o meu leitor ou leitora visitar Lorvão, não deixe de subir á India e sentar-se, pelo menos durante uma hora, nos poiaes da Eira. Se tiver uma alma sensivel, — como eu creio — ha de sentir alli o que eu senti, e que não posso explicar-lhe aqui, porque o que alli se sente não se escreve. Para deleitar a vista tem em frente de si a parte mais mimosa da cêrca; que, elevando-se pela encosta, em ajardinados canteiros matizados por mil alfobres de verdura e flores, parece um altar erigido á natureza, onde as virgens do Senhor, depois das horas do côro, vão dirigir fervorosas preces ao Supremo Auctor d'ella; e tanto que lá se vêem, aqui e alli, singelas capellinhas onde ellas se recolhem em oração.

Esta parte da cêrca, onde cada religiosa tem a sua sorte, é fertilissima principalmente de hortaliças e fructas porque é toda regada por um bem ordenado systema de caleiras, que arastando-se como cobras ao longo das quebradas da encosta, lhe vão buscar a agua ás faldas da serra que remata o vale do Souto.

As plantas d'este throno magestoso erguido alli pela mão da natureza, e guarnecido pela mão do homem ajudada pelo gosto da arte, é que se assenta em espaçoso terraplano, o vasto

(a) A que chamam ainda hoje a casa do cha.

e monumentoso edificio do convento, deixando ver por cima da cupula do zimbório — elevada e magestosa fronte de gigante! — o quadro que deixámos apenas esboçado, e em presença do qual por mais d'uma vez tentei vibrar as cordas da lyra, mas baldados eram meus intentos; não me era possivel exprimir o infinito que alli sentia a alma. Alli foge o homem da terra, e perde-se na vastidão da immensidade. Era a meu lado o meu caro Casimiro Antonio Pessoa; amigo collegial de sete annos; um excellente mancebo que gosou sempre da sympathia de todas as pessoas que o conhecem; que ainda hontem completou com muita dignidade o seu curso theologico, e ja hoje occupa dois lugares dos mais culminantes na escala social. O sacerdote e o mestre são talvez os dois unicos arbitros dos destinos da sociedade; pena é que ainda para elle se olhe com tanto desprezo e desconsideração, mas temos fe que em pouco tempo se lhes apontará o logar que lhes compete ao banquete social.

O meu amigo é hoje sacerdote e um dos mais dignos professores d'este districto, tendo merecido até ja o honroso epitheto de *professor modelo*.

Ai! quantas vezes elle me perguntou o que eu tinha, e porque estava assim tão triste e melancholico, ao que eu nem sabia que responder. Olhá Casimiro, disse eu interrompendo o meu silencio, não sei o que sinto; ha um não *sei que* a embriagar-me a alma que me faz estar assim.

Este logar recorda-me o tempo que ambos passámos em Coimbra. Aquelles passeios ao Penedo da Meditação; aquellas noites de luar no Penedo da Saudade; aquellas tardes á sombra dos altos cedros dos Amores; os castellos que nós por alli formámos no futuro; os protestos de amizade fraternal que nós reciprocamente nos jurámos; tudo isto, Casimiro, agora me assalta a mente: gostava de ficar em Lorvão contigo; viver sempre contigo, chamar-te amigo e irmão; mas ja que a minha penosa vida me não deixa realizar nossos protestos; recebe em teu bom coração este meu desafogo; o mais sincero testemunho da nossa íntima amizade e das muitas saudades que levo de ti e de Lorvão. Dá-me um abraço e adeus!

Quinta dos Covaes, 23 d'agosto de 1863.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

QUE NOITE!

Que noite! que noite de mágico enleio!

Que sonhos, que anceios, que arroubos alli!

Que ethereos momentos de etherea magia!
Que infindos anhelos que est'alma sentia
Por cada sorriso que vinha de ti!

Que noite! que noite de mágico enleio!
Como inda te vejo, qual eras então,
Tão rica d'encantos, ó rosa d'amor!
E vejo a florinha d'eburneo alvor,
Finar-se d'inveja, pender-te da mão.

Que noite! que noite de mágico enleio!
Como inda ca sinto por dentro lavar
Dos olhos o fogo que o peito calcina,
Que enleva, que arrasta, deslumbra, fascina!
E... qual mariposa, deixei-me queimar.

Que noite! que noite de mágico enleio!
Que sonhos, que anceios, que arroubos alli!
Que ethereos momentos de etherea magia!
Que infindos anhelos minh'alma sentia
Por cada sorriso, que vinha de ti.

Augusto Ferreira.

CHRONICA

Ja sabemos que a passada ainda *amargou* um pouco; não admira; ha por ahi paladares tão melindrosos! O chronista empregou ja muito de proposito, mas sem a mais leve intenção de offender susceptibilidades, dois *verbos* diferentes para exprimir a mesma ideia. Foi apenas uma experiencia que quiz fazer, e que lhe sahio como elle ja esperava.

D'onde nascerá tanta antipathia?! qual a causa?! não sabemos. Sabemos so que se toda a liberdade tem o seu martyriologio, a liberdade academica tambem conta alguns martyres no seu. Pois bem; seja-se embora martyr, mas seja a liberdade a palma florescente do martyrio. Que mais podia esperar quem la de longe junctou o seu ao brado da academia, e disse — eial que sois livres?!

Tambem o Apostolo foi apedrejado por aquelles a quem prégava a verdade! Tambem o Christo apontava aos homens a estrella de felicidade, em quanto elles o conduziam ao Calvario a cravar-lhe na frente a coroa de espinhos! É que os homens não *sabiam* o que *faziam*, e o Christo perdoou-lhes!

Vinde agora dizer ao chronista da *Chrysalida* que elle não tem razão para falar, porque ainda ninguem desconsiderou o *academico* que ensinou a ser academicos os academicos de Coimbra. — Vinde, que se lhes quizerdes negar ou-

tros factos, não lhe podereis esconder as palavras do evangelho academico profanadas nas columnas do *Torniquete*.

Vós não podeis ver o chronista porque elle diz a verdade, e o brilho da verdade cega!...

Tambem não quereis que o chronista fale da ingratidão feita a Mendes Leal?! ao homem — unico! — que vendo sobre nossas cabeças a espada da justiça, levanta o braço, e diz «Pára, que é innocente!» Se não quereimos ir visitar o mestre illustrado, — que ja isso é orgulho estúpido e mal entendido, — porque não havemos ir agradecer ao protector bemfazejo?! andae, respondei, se poderdes; que a tal respeito so mais vos diremos por hoje «*vanitas vanitatum, et omnia vanitas.*»

Para algum leitor que julgar que isto não é chronica, porque duvide que o que deixamos dicto sejam factos; ahi vae.

Na occasião em que SS. MM. sabiam d'aqui para o Porto deu-se um facto bastante desagradavel, e com quanto fôsse no meio do calor do entusiasmo com que a massa do povo acclamava os reaes viajantes, não passou comtudo desaperccebido.

Ignoravamos ainda o facto, e por isso nada dissemos a tal respeito na chronica passada, mas hoje informados por pessoas que o presenciaram, e porque é nossa divisa não poupar ninguem, recommendámos mais cautella para a volta aos cocheiros da comitiva real, e lhes lembrámos que a academia de Coimbra tem muita dignidade para repellir com orgulho a ponta de um *azorrague*...

Os jornaes de Lisboa têm fallado todos os dias do grande incendio do Banco, da Municipal, etc., que todos ja sabem. Os do norte todos os dias nos dão noticias da viagem de SS. MM. Em toda a parte são recebidos no meio de calorosos vivas, debaixo de nuvens de flores, de sorrisos e de bençãos. Nem outra coisa é de esperar d'este Rei e d'este povo! Que chegam de volta aqui no dia 6.

Estamos anciosos pela sua vinda por aqui; não nos fartámos de olhar para aquelles anjos. Coimbra ainda não fala em mais festejos; mas a academia, a lembrança d'alguns briosos mancebos, ja se prepara para receber d'uma maneira o mais brilhante possivel o seu monarcha — pretende illuminar e abrilhantar a toda a rua Larga, a expensas suas, desde o Castello até a porta da Universidade.

Louvámos e unimo-nós a tão feliz lembrança. Acções d'estas hão de sempre representar a academia como ella é; embora alguns — bem poucos felizmente — de seus filhos pretendam

loucamente marear-lhe o brilho. Não pôde uma pequenina sombra encobrir o sol...

No theatro de D. Luiz tem continuado os engraçados bailes dos *meninos florentinos*.

A concorrência vae diminuindo, embora não diminua o merito das creanças — tem-se dançado muito, e os *porte-monnaies* também se cançam.

Pelos camarotes pouco tem havido que mereça especial menção 'nestas duas últimas récitas.

As *damas* do camarote, n.º 2, são quem tem valido á plateia para não se ter morrido de sem-saboria nos intervallos dos actos.

O espirito que d'este camarote se difunde por todo o theatro, tem substituido perfectamente a falta d'animação que se tem feito sentir por todos os outros.

Na última récita (26) o theatro *alto* era um perfeito deserto... sem flores. Apenas no n.º 7, da 2.ª ordem, se viam tres mimosas açucenas e um botõesinho de rosa — e no n.º 11 da mesma — aquella mulher — typo de andaluza — de que já fallámos d'outra vez.

Coimbra, 28 de novembro de 1863.

O *chronista*.

EXPEDIENTES

Alem do fim caritativo a que mira esta publicação, outro de não menor valia tem ella em vista. Chamar ao trabalho os espiritos ociosos também é caridade. Parece que podemos congratular-nos por havermos attingido este fim; pois que myriades d'escriptos tem affluído em volta da *Chrysalida*, como abelhas em volta do tomilho. Os versos principalmente teriam a esta hora suffocado o nosso jornal, se 'nelle os tivessemos publicado: o que não fizemos nem fazemos para que os seus auctores nos não acusem no futuro de excessiva complascencia, que muito desagradaria a certos paladares.

Agradecemos, todavia, a boa vontade com que alguns academicos se levantaram ao nosso chamamento, para este festim litterario; e se hoje 'nelle se não podem sentar, talvez para o futuro lhe seja offerecido o primeiro logar. Não vae 'nisto o incenso da lisonja; pois que entre os muitos ramilhetes, que nos foram offerecidos, muitas flores embryonarias por la vimos, que, desabrochadas e melhor dispostas, abrihantarão no futuro a corôa dos seus auctores; porisso: adiante srs. J. L. e A. F. P., etc., porfiemos como Colombo: na sciencia ha muitos mundos por descobrir.

Ao sr. Alexandre da Conceição agradecemos

especialmente a mimosa poesia, com que nos brindou e que verá publicada na *Chrysalida*. Esperámos que nos honre com mais escriptos de sua lavra por nós tão apreciados.

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem satisfazer o importe da sua assignatura em vales do correio ou em estampilhas, enviadas a esta redacção, o que podem também fazer, se mais lhe convier, em Vizeu, em casa do sr. Joaquim da Costa, — livreiro, rua da Cadeia; em Monte-mór, na loja do sr. Novaes, á praça; na Redinha, em casa do sr. Francisco Manso Preto; em Lisboa, em casa do sr. José Rocha da Silva Sanches, rua de Sancta Apollonia, rua da Cruz n.º 8; e na travessa do Pintor n.º 13, em casa do ill.º sr. Antonio Luiz dos Sanctos

A redacção d'este jornal mudou o seu escriptorio para a rua dos Estudos n.º 22.

Todo e qualquer escripto ou reclamação que não for enviado *exclusivamente* ao administrador responsavel, sera tido como não recebido.

Agradecemos a todas as redacções que têm tido a summa delicadeza de trocar os seus jornaes com a *Chrysalida*. Orgulha-nos ver que lhes não é indifferente o pobre helminto litterario.

O administrador responsavel
Duarte de Vasconcellos.

Os directores d'este jornal, não sendo homens encyclopedicos, e porisso não podendo prever se todos os artigos inseridos na *Chrysalida* são da lavra da pessoa que os assigna, devolvem de si toda a responsabilidade, que alguém lhes poderia imputar proveniente de plagiatos perpetrados por outrem, 'nalguns artigos que se têm publicado.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.



REGRESSO DE SUAS Magestades A COIMBRA

A formosa Rainha do Mondego; a patria de Martim de Freitas; o alcaçar das sciencias portuguezas; o theatro dos amores desgraçados do filho de Affonso IV — a séde de D. Diniz e de D. João I, acaba de gosar por tres dias, involta nas galas do mais jubiloso enthusiasmo, dos seus foros d'antiga côrte.

Coimbra despe hoje com saudade as galas de Princeza com que hontem se ataviava para receber em seu seio os *augustos nettos* dos dois martyres da liberdade — o Rei soldado, e o soldado de Novára.

No dia 6 pelas duas horas da tarde, do alto do capitolio das letras, — da torre da Universidade — Coimbra annuncia em estrepitosos brados de girandolas e repiques de sinos a seus habitantes, que se avizinham dois Anjos vindos das partes do norte, de premiar os operarios que mais se distinguiram no mundo da industria e do trabalho, e que vêm cobrir agora á sombra de suas candidas azas, os filhos mais queridos da sciencia. É sublime ésta festa porque é do Rei e do povo; que é de todos porque é a festa do trabalho. Por isso o povo corre nas azas de delirante enthusiasmo, e 'num momento Coimbra resume-se 'num ponto so. Á Ponte d'Agua de Maias ha uma pinha de gente de todas as condições, sexos e edades, que é quasi impossivel romper. Não obstante isto, uma grande parte da academia, que em taes momentos não concebe que haja cousa alguma que a possa separar de um *Rei sympatico* e de uma *Rainha piedosa*; rompe por meio d'aquella massa compacta, e vae postar-se em duas alas na frente de todos.

As tres horas em ponto apparece a comitiva real acompanhada por muitos par-

ticulares, como o ex.^{mo} conde da Graciosa e seu dignissimo filho, Reitor da universidade, bispo conde, governador civil... e outros muitos personagens, constando, ao todo, o sequito de mais de vinte trens.

SS. MM. foram recebidos debaixo do magnifico pavilhão real que alli se tinha erguido, onde o presidente da camara lhe fez entrega das chaves da cidade, e se cumpriram as demais etiquetas do estylo.

Em seguida, no meio de duas alas de academicos, e ao som de estrepitosos e entusiasticos vivas que partiam do meio do povo, em carrinho descoberto o Rei e a Rainha, acompanhados da duqueza da Terceira, e do ministro da marinha entraram na rua da Sophia, que, adornada de cobertores de damasco, de postes embandeirados e ligados entre si por festões de murta e louro, bordados de flôres, offerecia uma vista deslumbrante. De cima choviam nuvens de flôres sôbre o coche de SS. MM., lançadas pelas muitas e bem vestidas damas que acenavam ao mesmo tempo com seus lenços brancos. O Rei e a Rainha agradeciam tantas demonstrações de jubiloso affecto com respeitosas venias. Assim percorreram o trânsito pela rua do Visconde da Luz, Calçada, Couraça de Lisboa, rua dos Militares, Castello, e finalmente Largo da Feira, onde foram recebidos á porta da sé cathedral pelo ex.^{mo} Bispo Conde e Cabido, seguindo-se o *Te-Deum* mandado celebrar pela camara municipal.

Alem de SS. MM. e sua real comitiva, assistiram a este acto o corpo cathedratico da universidade e lyceu, todas as autoridades, trinta voluntarios da Rainha da campanha do Porto, todos fardados, e um concurso immenso de povo de todas as classes, sendo a maior parte academicos. Em quanto durou ésta cerimonia religiosa, a academia agora toda reunida postou-se em duas alas desde a sé pela rua dos Loios, e rua Larga, até á porta ferrea da universidade.

SS. MM. acabado o *Te-Deum* foram conduzidos debaixo do pallio pela camara

municipal, desde a porta da sé até á sua real residencia da universidade, em cujo atrio os esperava a fôrça d'infanteria 9, com a philarmonica *Boa-União*.

SS. MM. durante este trajecto eram precedidos por todo o corpo cathedratico com as suas insignias; atraz do pallio seguiam-se os voluntarios da Rainha e a fôrça de infanteria 14, estacionada'nesta cidade, acompanhando as musicas do regimento 14 e *Conimbricense*.

Recollidos ao paço da universidade, SS. MM. dignaram-se mostrar-se um momento depois ao povo, que os cumprimentou com acalorados e repetidos vivas, a que correspondiam com todo o respeito.

Á noite principiou a illuminação. O effeito da alameda, ajardinada e illuminada pela academia não póde descrever-se. Era um d'esses jardins phantasticos que por ahi nos descrevem as imaginações dos poetas!

Do lado do paço erguia-se um gracioso coreto em caramanchão, onde tocava a philarmonica academica durante o jantar de SS. MM.; findo o qual ás nove e meia, principiou o theatro academico, dignando-se SS. MM. assistir a todo o spectaculo.— Foi á scena o historico e apparatuso drama do eximio litterato portuguez o sr. Mendes Leal — D. Maria de Alencastro.

Para fazer ideia da maneira brilhante e apparatusa por que se achava decorada a sala do theatro, basta dizer que tinha sido tudo feito e regulado pelo gôsto de academicos.

Logo que SS. MM. entraram no camarote real, tocou a orchestra o hymno d'El-Rei, e resoaram por todo o theatro freneticos vivas.

SS. MM., os espectadores, e senhoras nos camarotes, tudo estava de pe, e acenavam com seus lenços brancos. O quadro que agora aqui se nos apresenta é para imaginar-se e não para descrever-se. Acabado o hymno real, o ex.^{mo} sr. dr. Raymundo Venancio Rodrigues, presidente da academia dramatica, rompeu os vivas a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, a Sua Magestade a Rai-

nha a Senhora D. Maria Pia, ao Principe Real, a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, ao Senhor Infante D. Augusto, á Carta Constitucional, ás liberdades patrias, á casa de Bragança e de Saboya, que foram correspondidos pelos espectadores ainda de pe.

Seguiu-se o spectaculo excellentemente desempenhado por todos os actores, distinguindo-se principalmente Soares Franco, Tello, Guedes, Nuno, e Valle no papel de D. Maria de Alencastro, a quem num dos intervallos foi offerecida e distribuida por todo o theatro a seguinte mimosa poesia do distincto poeta academico, o sr. J. Simões Dias:

(A J. VALLE)

O genio é como o sol, que a luz brilhante espalha em fios de ouro sobre as flores. Como elle o vejo agora, neste instante espalhando no palco os seus primores.

Se o ter muitos vassallos é realza, e em volta os corações submissos ver; tens de rei no proscenio a grandeza, que os nossos corações fôrça a render!

Bem sei que 'nessa frente ja pousaram mil flores, d'entre as quaes a gloria nasce; mas tambem nunca frontes se c'roaram, que logar para c'roas não ficasse.

Enfeixa os louros de hoje, e guarda-os n'alma, como um nome se guarda na memoria. No palco, onde a realza achou um Talma, surgiste á soberania — achaste a gloria!

Findo o drama, foi chamado fóra o seu digno auctor o sr. Mendes Leal, que mesmo do seu camarote agradeceu em repetidas palmas e delicados acenos de cabeça. E assim acabaram as demonstrações de júbilo e alegria do dia 6.

Escusado é dizer que os camarotes eram todos primorosamente ornados e bem guarnecidos de lindas e mimosas flores. Não haviam so rosas do Japão; haviam tambem flôres de Condeixa, d'Anadia, de Cantanhede, de Poiares, e d'outros muitos canteiros d'este lindo jardim de Portugal.

Na segunda-feira, 7, antes de almoço foram SS. MM. em companhia dos srs. ministros do reino e da marinha, Bispo Conde, Reitor da universidade, e parte da real comitiva ao templo de Sancta Cruz visitar os tumulos do grande fundador da monarchia portugueza, e de D. Sancho I.

De volta ao real paço da universidade, foi-lhes servido o almoço, para assistir ao qual SS. MM. se dignaram convidar, alem d'outros distinctos personagens, a commissão academica encarregada de felicitar a SS. MM.; a commissão encarregada dos festejos academicos, e a commissão da academia dramatica.

Em seguida ao almoço, por volta do meio dia, teve lugar na sala dos capellos a solemne festa da distribuição dos premios aos academicos que mais se haviam distinguido no proximo anno lectivo preterito.

Os premios eram distribuidos aos alumnos pelas régias mãos de Sua Magestade o Rei que tomava lugar no tópo da sala onde se lhe havia armado um magnifico throno com docel de veludo carmesim. Sua Magestade a Rainha tomava lugar na tribuna real ao lado direito de seu augusto espóso.

Do mesmo lado em pavimento inferior era o ministro do reino, e logo em seguida o sr. Reitor da universidade e Bispo Conde. Á esquerda d'El-Rei estavam os srs. ministro da marinha e ajudantes. Os grandes do reino e as faculdades occupavam os seus logares respectivos nos doutoraes.

A Rainha estava em cabello simples — como sempre a vimos — e de vestido cor de azul celeste. O seu rosto angelico era o ponto onde iam convergir as vistas de todos. Ninguem se saciava de ver aquelle anjo de sympathia e bondade!

Os espectadores fóra da teia estavam todos de pe, e ainda assim o vasto pavimento da sala era uma pinha de gente, a ponto de alguns estudantes chegarem a perder a capa no apertão.

A festa principiou por uma excellente allocução dirigida a SS. MM. pelo sr.

Reitor da universidade, nos termos seguintes:

ALLOCUÇÃO

Senhor!

A universidade de Coimbra, que sempre deu publicos testemunhos d'amor e lealdade a seus Reis naturaes, sente-se hoje cheia de júbilo por ver a Vossa Magestade e a Sua Magestade, a Excelsa Rainha, neste alcaçar das sciencias; e acha-se curvada com o reconhecimento, o mais profundo, pela merce, que Vossa Magestade lhe faz de honrar com sua augusta presença esta festa academica.

Hontem pela régia mão de Vossa Magestade foram em Braga galardoados os vencedores nas luctas da industria agricola; hoje em Coimbra condecora Vossa Magestade os estudantes distinctos com os titulos maiores, que estes podem adquirir nos certames da intelligencia. Acolá inspirou-se Vossa Magestade nas recordações do Rei lavrador, e do augusto amigo do trabalho; aqui segue as tradições gloriosas de dois monarchas, que foram os grandes reformadores e protectores d'esta universidade.

Eu não devêra, Senhor, neste acto solemne affastar da sagrada pessoa de Vossa Magestade a minha attenção um so momento. Porem, Vossa Magestade accrescenta tão grande preço ao valor intrinseco dos premios academicos, que me animo, com a permissão de Vossa Magestade, a dirigir duas palavras á esperancosa mocidade academica, com quem Vossa Magestade tem de regular os futuros destinos da patria.

Estudiosos mancebos, que, pelo vosso talento e constante applicação, tiveste a ventura de serdes, no anno lectivo findo, premiados pelos vossos mestres, perseverae. Os trabalhos litterarios são grandes: as honras porém são maiores.

E vós outros, briosos mancebos, que não podestes neste anno obter a honra de receber da mão do vosso Rei um titulo de premio, de partido, ou *accessit*, não desanimeis. Redobrae os vossos esforços; porque a porta da gloria litteraria está aberta para todos.

E vós finalmente, illustre academia de Coimbra, contemplae em El-Rei, o Senhor D. Luiz I, o neto e successor do Senhor D. João IV, cuja gloriosa acclamação recordastes solememente, ha poucos dias. Se for necessario, em defeza da religião, do Rei e da patria, segui o exemplo dos jovens filhos de D. Philippa de Vilhena. E seja o moto de nós todos — sciencia, liberdade e independencia nacional.

A que Sua Magestade El-Rei se dignou responder de pe da maneira seguinte :

Discurso real

«Nas páginas d'uma nobre historia tem pasado de seculo a seculo as tradições de amor e lealdade na antiga e preeminente universidade de Coimbra. Lealdade e amor aos seus reis e liberdades foi sempre brazão de portuguez. Neste alcaçar das sciencias não podiam deixar de predominar os sentimentos da nação.

«Assim como estes affectos herdados continuam e se acrisolam na benemerita corporação cathedratica e academica, assim os exemplos dos meus antecessores, que em epochas diversas tão claramente manifestaram a sua sollicitude por esta universidade, me estão indicando o norte que me cumpre seguir.

«Premiar o merito devidamente reconhecido e authenticado pelo voto dos competentes é dever dos reis, aprazível dever entre tantos tão arduos.

«Nestes incruentos torneios, francos a todas as aspirações, o triumpho so deve ser estimulo e nunca desar. Os vencedores de hoje acharão emulos amanha, e em tão honradas porfias ganhará sempre a sciencia e a patria.

«Á illustre universidade, e á briosa academia está confiada uma nobre e gloriosa missão. Sera em todo o tempo digno d'ella este grande corpo, e em quaesquer circumstancias nunca este desmentirá nem as memorias do passado, nem os sentimentos que exprime.»

Em seguida, pedindo venia a SS. MM., recitou o sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, um dos primeiros ornamentos e decano da faculdade de mathematica, por parte do corpo cathedratico o seguinte bem elaborado

Discurso

Senhor!

Permitta Vossa Magestade que, á voz, auctorisada e eloquente, do digno chefe d'esta corporação, eu accrescente algumas palavras em desempenho da honrosa missão que me cabe: e que, em nome da universidade, eu repita as mais cordeaes felicitações a Vossa Magestade pela sua boa vinda, em companhia de Sua Magestade a Rainha, a estes paços reaes; e, ao mesmo tempo, apresente a Vossa Magestade o testemunho do nosso mais vivo reconhecimento pela prova, altamente significativa, da protecção

que Vossa Magestade se dignou dar á universidade, vindo honrar com a sua augusta presença a festa mais solemne d'esta academia.

O júbilo e enthusiasmo que, por tão fausto motivo, animam hoje o corpo docente, a mocidade academica, e toda esta brilhante assembleia, transluzem tão claramente, e reflectem-se em todos os rostos com tanta viveza e força, que, para serem apreciados por Vossa Magestade dispensam felizmente quaesquer ornatos oratorios, quaesquer flores d'eloquencia, a que eu, so mal e a custo, poderia recorrer.

Senhor! Ha pouco mais d'um anno, quando todo Portugal festejava o vosso auspicioso consorcio, tambem a universidade de Coimbra solemnisou aquelle dia memoravel, e de verdadeiro regosijo nacional, inaugurand' neste alcaçar das sciencias o vosso retrato, que alli védes, a par d'os de todos os vossos egregios predecessores. Cedendo ao lisongeiro convite do sabio e venerando prelado, que então era d'esta universidade, tambem 'nesse dia tive eu a honra de servir d'intérprete dos sentimentos de júbilo e prazer d'esta illustre academia.

Por essa occasião dizia eu aqui, invocando o nome de Vossa Magestade: — Iris de bonança, depois da aspera tormenta que tanto abalou a nau do estado, o vosso feliz consorcio, Senhor, promette a Portugal, com a estabilidade da dynastia constitucional, dias bellos de paz, de concordia e de prosperidade pública.»

Estas esperanças, que então nutriamos, e que hoje vemos em grande parte realisadas, não eram prophecias vans e temerarias; eram as consequencias naturaes da confiança, que todos depositavamos na Providencia, sempre desvelada pela prosperidade d'esta boa terra de Portugal; eram as consequencias do conhecimento que tinhamos da bondade de coração, das virtudes e illustração d'um Rei, moço ainda, mas que subira ao throno preparado ja pela mais apurada educação, pelos mais proveitosos estudos, por viagens longas e instructivas, e até por trabalhos e duras provações.

Na verdade, Senhor, o anno que tem decorrido, depois do vosso feliz consorcio com Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, ha de ficar memoravel nos annaes da patria pela completa concordia e paz que tem reinado entre a familia portugueza, pela estreita união em laços de amor e lealdade entre o povo e o rei, e finalmente pelos consideraveis melhoramentos que se têm operado em diversos ramos da administração pública. E, para coroar tanta fortuna, foi Deus servido abençoar, ha pouco, o vosso consorcio com esse fructo mimoso, pe-

nhor seguro da estabilidade da dynastia reinante, pelo qual todos os portuguezes tão anciosamente suspiravamos. Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, herdeiro das gloriosas tradições das casas de Bragança e Saboya, sera, assim o esperámos, afortunado e grande, não por descobrimentos através de mares nunca d'antes navegados, não por conquistas de remotas e vastas regiões, mas pelas descobertas mais solidas de mananciaes de riqueza e prosperidade pública, mas pela conquista mais sancta dos verdadeiros progressos moraes e civilisadores, por meio dos quaes a nossa amada patria ha de vir a ser grande e ditosa.

Em Vossa Magestade tera elle o mais brilhante exemplar para esses destinos futuros. Vossa Magestade tem reconhecido que a nossa completa regeneração so póde realisar-se por meio da educação religiosa e instrucção popular, pelo desinvolvimento do amor ao trabalho, pela sciencia e pela liberdade. Por isso, comprehendendo e desempenhando os deveres de verdadeiro Rei constitucional, Vossa Magestade brinda, protege, visita e anima as nossas escolas primárias e os institutos d'educação. Por isso, acompanhado de sua régia e virtuosa Espôsa, Vossa Magestade corre, por entre saudações e vivas jubilosos, ás exposições dos productos do nosso solo e da nossa industria, e digna-se conferir por suas régias mãos os merecidos premios aos nossos agricultores, fabricantes e artistas mais aprimorados e intelligentes. Por isso, finalmente, seguindo nobres tradições e trilhando as pisadas de seu chorado Irmão o Senhor D. Pedro V, e de sua virtuosa Mãe a Senhora D. Maria II, Vossa Magestade apresenta-se hoje protector d'esta universidade, distribuindo tambem aqui por suas proprias mãos os premios e honras aos alumnos que, no preterito anno lectivo, mais se abalisaram na cultura da sciencia.

Senhor! Os estatutos, pelos quaes ainda hoje se rege esta universidade, decretados no reinado d'El-Rei o Senhor D. José I, de gloriosa memoria, e talvez por sua data de 1772 alcunhados de velhos e retrogrados por alguma gente, que nunca lhe abriu a primeira página, alem de serem o documento mais brilhante e irrefragavel, que ainda hoje podêmos apresentar a nacionaes e extranhos da nossa não recente illustração, são ao mesmo tempo o codigo litterario onde transparece sempre a ideia do verdadeiro progresso, que aspira a aperfeiçoamentos embora lentos, mas seguros, successivos, mas sem abalos, do progresso sensato, que não edifica hoje para derrubar amanha, que não

corta boas arvores para lhes substituir plantas exoticas, que vêm definhar e morrer em terreno improprio. A estes famosos estatutos, ao espirito que os dictou, ao estudo do coração humano que presidiu á sua redacção, aos seus excellentes methodos d'ensino, deve por ventura a universidade a sua existencia até hoje. Esta festa esplendida, esta pompa da distribuição dos premios academicos, la está como uma das suas primeiras prescrições. E é por virtude d'ella que, ainda por último, peço licença a Vossa Magestade para me dirigir á mocidade academica, e recommendar-lhe que corresponda á inapreciavel honra que Vossa Magestade hoje lhe faz, á sollicitude do seu digno prelado, e ao zêlo dos seus illustrados mestres, entregando-se com todo o brio e dedicação ao estudo das sciencias. Assim não so se illustrarão e tornarão uteis a si, mas poderão servir a patria, levando ás diversas carreiras, que ella lhe offerece, os proveitosos fructos que das mesmas sciencias se colhem em beneficio da sociedade.

Mas não basta so illustrar o espirito.

A instrucção sem moralidade é luz que cega e não allumia, é fogo que abraza e não aquece. Cumpre alimentar ao mesmo tempo todos os sentimentos nobres e generosos, os quaes desabrocham espontaneos nos corações da mocidade, sempre que os maus exemplos a não desvaíram, ou perniciosas sugestões a não seduzem.

Confiemos, pois, que os briosos alumnos d'esta academia, esperanças futuras de nação, cultivando os sentimentos religiosos que suas mães lhes inocularam no coração, e conservando os principios d'honra e probidade de que seus paes lhe dão exemplo, respeitarão sempre os seus superiores, e se respeitarão a si mesmos, tornando-se por este modo os filhos mais queridos da patria. Para isso sirva-lhes de norte o nosso illustrado e virtuoso Monarcha, que hoje temos a dicta de possuir entre nós, e que, ainda joven, é ja as delicias da patria, e reina no coração de todos os portuguezes.

Disse.

Em seguida os alumnos premiados receberam de Sua Magestade El-Rei os seus respectivos diplomas, beijando a régia mão.

Terminada assim a maior festa da academia, e recolhidos SS. MM. ao paço real foram alli visitados, na sala do docel, por todas as senhoras e familias mais distinctas que se achavam em Coimbra, titu-

lares, commissões das differentes corporações, etc. Entre éstas eram a commissão academica, a commissão da academia dramatica, e a commissão da sociedade philantropico-academica.

Julgâmos digna de especial menção, entre tantas que por ésta occasião foram dirigidas a SS. MM., a felicitação academica recitada pelo membro da commissão o muito brioso academico, o sr. Vieira de Castro, a qual lhe mereceu um apertadissimo abraço do grande amigo e protector da academia, o sr. Mendes Leal.

Eil-a

FELICITAÇÃO ACADEMICA

Senhor!

Os filhos da universidade de Coimbra, ao tatearem 'nesta hora com a mão o solo do seu paiz, sentem la dentro no coração de todo elle a febre vertiginosa do enthusiasmo, e o anciado estremecimento dos grandes jubilos!

Passa o Rei e a Rainha de Portugal! Preceded-os o clarão, e segue-os o rasto de um me-téoro! Tremulam as bandeiras por sobre as ameias dos castellos, bailam os galhardetes nos postes das esquadras, é harmonia e festa por toda a parte, dessoldam-se e enfileiram-se as turbas, e nas turbas não ha senão alas-de namorados!—Logar pois á academia de Coimbra, alma de vinte annos, alma tambem enamorada, que tem uma crença, um braço, e uma ideia para vir depôr como oblata, 'nesse trajecto, aos pes da sua Rainha e do seu Rei!

Alvorocára-se de contentamento o genio da industria 'num dos angulos do paiz, descerrára elle de par em par os áditos do seu templo, mandára tanger os sinos a rebate de festa nacional, e apontando para as capellas desnudadas conclamára aos povos todos: «entrae, e na pedra de ara uni a ésta data o vosso nome.»

O grito convidativo galgou aos paços da realza, ergueram-se do escabello as magestades, e uma á outra disseram: «Vamos nós tambem, e vamos ser alli os ultimos romeiros; os ultimos, porque fica sempre mais viçosa a derradeira flor na Jerusalem visitada:» 'neste repente vem cortal-os o lacrimoso vagido de uma creancinha onde foi aninhar-se a alma d'elles ambos, e que como elles sera Rei um dia; gela o susto nos ouvidos onde o echo se apagou, mas a alma forte dos Reis de Portugal, revoando aos labios, disse: «os netos de D. Pedro IV e do martyr de Novara aprenderam ja nos fastos de seus

avoengos que o mais bello e suberbo impulso de um Rei é fazer hecatombe dos affectos da sua paternidade particular aos deveres da sua paternidade pública! Quando o rei Dom Carlos acordar do somno da sua infancia encontrará no seu berço gravada com as lagrimas de sua mãe uma data, que sera ao mesmo tempo uma gloria esplendida no passado d'ella, uma lição magnifica para o futuro d'elle! Spartano heroismo! A academia de Coimbra curva-se diante d'elle!

Rei de Portugal! a mocidade academica tem para vós uma saudação, livre, liberrima, e amoro-sissima, porque vós sois para ella, como para o mundo todo, o capitulo de uma historia ja muito avançada em tradições gloriosas, porque sois na terra a synthese das liberdades públicas portuguezas; porque sois para ella so, alem de tudo isso, o primeiro mestre, o primeiro pae e o primeiro amigo!

Rainha dos portuguezes! a mocidade academica tem para vós um voto, sincero, expansivo, ardente! Nas régias mãos o acolhei, se vos não pesa, e comvosco o deixae ir até ao recesso dos vossos paços! Este voto, nós aqui o jurámos todos com a mão sôbre o coração da patria, é o voto pela felicidade de Dom Carlos, voto de lealdade e amor eterno ao nome do vosso filho! *voto eterno*, e assellado ja, porque nos vem a consciencia instruindo a todos de quão magnanimas devem de ser as virtudes insufladas pela filha de Victor Manuel ao neto do libertador da Italia! Tendes, Rainha, uma aurora a educar. Esplendida e coruscante deve ella romper pelo horizonte dos mundos, porque 'nesta hora renasce do augusto consorcio em que um elo uniu a estrella de Italia com o sol de Portugal! E tambem, Rainha, quando no meio dia do seu curso mais fulgidos rebrilharem os raios d'esse astro educado por vós, então, e sempre, e eternamente, a mocidade academica, nós ou nossos filhos, procuraremos a vossa imagem no mais formoso d'esses raios!

Reis de Portugal! A academia de Coimbra tem uma cabeça para pensar em vós, um braço para vos servir, e um coração para vos amar. Assim felicitarão sempre as academias os Reis que eram como vós. Assim felicita a academia de hoje os Reis que são como os Reis da historia!

Coimbra, dezembro de 1863.

A commissão academica: — *José Cardoso Vieira de Castro, Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, José Braz de Mendonça Furtado, José Leite Monteiro, Manuel de Oliveira Chaves e Castro.*

RESPOSTA DE SUA Magestade

«Fulge o ardor do enthusiasmo nas expressões que me dirige a brilhante mocidade academica.

«Sente-se bem e muito 'nessa quadra da vida. Como as flores da primavera brotam os affectos ao sol dos primeiros annos. São das almas juvenis os impulsos generosos.

«Toda a mocidade é esperanza e a mocidade estudiosa verdadeira esperanza é da patria e do futuro.

«Sahem do coração as manifestações da vossa dedicação. Do coração as agradeço e retribuo.

«Aos Reis livres de um povo livre so prazem os livres applausos. Retribuo-os e agradeço-os tanto mais, quanto mais espontaneos, tanto melhor, quanto abrangem tudo o que no mundo me desvella — a minha familia como homem, a minha grande familia como Rei.

«Nas festas da industria, ou da sciencia ha sempre o mesmo pensamento fecundo — honrar o concurso dos prestantes labores — recompensar os que se avantajam nas pacificas lides.

«Operarios da civilisação são todos os que nas diversas espheras da intelligencia e do trabalho, á sombra da paz, cooperam na obra commum.

«Distinguir esses é glorificar a um tempo o seculo e o paiz; e os mais invejaveis titulos dos soberanos são hoje os de paes e amigos do seu povo.

«Aceito-os com alvoroço, e peço a Deus que me dê constantemente inspiração e forças para bem os desempenhar.»

FELICITAÇÃO DA ACADEMIA DRAMATICA

Senhor!

A Vossa Magestade, tão intelligente e desvelado cultor e protector das bellas artes, vem a academia dramatica, penetrada de profunda estima, render preito do mais acrisolado amor e dedicação.

O feriar os estudos graves e as boas letras no seio convidativo das artes bellas, foi sempre empenho d'espíritos bem nascidos, motivo a louvores sempre recrescentes. Consagram-se ao agradável as sobras do util.

O culto das artes no throno attrae-lhe redobrado o culto d'affeição nos povos.

Um sceptro que viceja palmas captiva corações: um diadema que as artes esmaltam, tem fulgor mais vivaz, luz mais vivificadora.

No solio, ao lado de Vossa Magestade enle-

va-nos a filha d'Italia, da patria das artes: — é mais um segurissimo penhor do seu progresso.

Acolha, pois, benigno Vossa Magestade os cordeaes votos que fazemos pela prosperidade do seu reinado.

Antonio Ayres de Gouveia, Macario de Sousa, Rodrigo Velloso.

RESPOSTA DE SUA Magestade

«Agradeço á academia dramatica os cordeaes votos que faz pela prosperidade do meu reinado, e farei quanto em mim caiba para corresponder a esses votos.»

'Nesta mesma occasião se apresentaram tambem os voluntarios da Rainha fardados. Depois de beijarem as régias mãos de SS. MM., El-Rei, dirigindo-se ao sr. dr. Manuel dos Sanctos Pereira Jardim, que elles levavam á sua frente, lhe disse, para o transmittir aos seus camaradas «que muito lhe aprazia os cumprimentos dos restos do bravo regimento de voluntarios, que tantos serviços havia prestado á causa da liberdade; que desejava ver-se sempre cercado d'estes veteranos, restos de uma falange que fôra sempre tão cara a seu Avô e a sua Mãe, e que jamais esqueceria os seus serviços á patria.»

De tarde teve logar no jardim botanico um abundante jantar, dado pela briosa academia a mais de 200 pobres. Mais de 150 tinham sido os convidados, mas a este número accresceram muitos mais, que todos foram acolhidos da melhor vontade, sahindo todos saciados e ainda com muito comer de sobra, que levavam para os dias seguintes.

Alem da muita abundancia e decencia com que as mesas estavam dispostas, a comida era de excellente qualidade e muito bem feita.

Tinham alem de sopa, cozido e arroz, dois pratos do meio, e duas qualidades de sobremesa, tudo acompanhado de vinho com abundancia.

Passava-se ésta scena de caridade no terra-pleno arborizado que limita o jardim pelo lado do Seminario. Tinham sido alli collocadas duas longas e largas mesas em separado, uma para mulheres e crianças, outra para homens.

Eram guarneçadas de lindos e bem dispostos vasos de flores, e as arvores todas enfeitadas com festões e bandeiras de varias côres, offerecendo tudo uma vista pittoresca, mais para observar-se que para descrever-se.

Os pobres eram todos servidos por estudantes e tocavam as muzicas do 14, Philharmonica Boa-União, e Conimbricense, em roda era a massa compacta do povo observando a satisfação e a alegria a transluzir nos rostos d'aquelles infelizes! Quadro sublime de caridade, mais digno por certo do pincel d'um poeta inspirado, que dos traços da minha pobre penna, jamais a mão do tempo pretenderá riscar-te dos fastos da academia de 1863! Acções assim tão virtuosas são gravadas *in aeternum* pelo dedo de Deus no coração de quem as recebe, e na historia de quem as practica! honra ao digno inventor de tão grandiosa ideia... parabens a todos que do coração a acolheram! Practique assim sempre a academia acções tão grandes como ella, e la ao longe soará que é muito outra do que por la se julga; que em corações de vinte annos todos vida, esperança e amor tambem se esconde para apparecer, quando *il faut*, a mimosa e meiga flor da caridade.

Quasi no fim do jantar appareceu Sua Magestade El-Rei no jardim, tendo ido a pe desde os paços da Universidade até alli, para visitar a festa dos estudantes e dos pobres. Quando o Rei chegou ao lugar onde era o jantar, o enthusiasmo tocou o delirio; alguns voluntarios da Rainha chegaram a subir a cima das mesas do budo, e agitando os bonets e derramando lagrimas de contentamento, soltavam freneticos vivas ao Rei caritativo e á mocidade academica.

« É a festa que mais tem encantado o meu coração » disse o Rei. E nem admira. Que outra causa poderia ter dicto d'uma acção tão virtuosa, uma alma toda bondade e virtude?!

A commissão academica, que promoveu e dirigiu ésta tão louvavel festa da caridade, foi composta dos dignos academicos, os srs. José Pereira Pinto dos Sanctos, Manuel d'Oliveira Chaves e Castro,

José de Mendonça Cardoso Lemos e Mello, João Freire Themudo d'Oliveira, Francisco Augusto Castello-Branco, Manuel Ferreira da Silva, e Thomé de Britto Pinto e Albuquerque.

Sua Magestade El-Rei, depois de ter percorrido todo o jardim e examinado com interesse a estufa que se anda concluindo, debaixo da direcção do incansavel director do Jardim Botanico e Lente de Botanica, o ex^{mo} sr. dr. Henrique do Couto, recolheu-se outra vez a pe aos paços da Universidade. Em seguida, teve lugar o jantar, para assistir ao qual SS. MM. se dignaram convidar dois estudantes premiados por cada faculdade.

Seguiu-se depois do jantar, espetaculo gratuito no theatro de D. Luiz I, a que SS. MM. se dignaram assistir, sahindo depois dos dois primeiros actos, por encommodo de S. M. a Rainha, e vindo a pe para o real palacio.

Ao levantar do panno appareceu a sala do palco ricamente mobilada, e ornada ao fundo com um brazão d'armas, e a companhia dos meninos florentinos cantando acompanhados pela orchestra, o hymno de Sua Magestade El-Rei, e o hymno italiano, conservando-se durante este acto todos os espectadores de pe. Foi uma feliz lembrança da direcção do theatro, pelo que lhe damos os parabens.

Seguiram-se depois as *Cartas do Conde Duque*, comedia-drama em dois actos, de maravilhoso effeito e rara invenção poetica, principalmente no segundo acto. Achámos as *Cartas* bem desempenhadas por todos os actores. Em cada entre-acto houve um bailado dos *meninos florentinos*, distinguindo-se por entre todas as meninas *Innocenti, Flori, Liberti, Concheta*, e... e os meninos *Valdechi* e *José Tiroco*.

O theatro estava enfeitado com singeleza, mas com muito gôsto e arte.

Os intervallos dos camarotes eram ornados com festões de flôres e emblemas das casas de Bragança e Saboya, e alternados com grinaldas de camelias perolas e rubis, dentro dos quaes se entrelaçavam as letras significativas *L. M.*

Cs camarotes eram todos lindas cornucopias de flôres, e algumas de bem

mimosas côres; a plateia era uma pinha de gente, tendo de ficar muitos espectadores de pe. As vistas fugiam todas do palco para se irem cravar continuamente nos rostos sympathicos de SS. MM., que, tanto ao entrar como ao sahir da tribuna real, foram victoriados com entusiasticos e acalorados vivas.

Na manhan do dia 8, terça-feira, foram os voluntarios da Rainha cumprimentar a ex.^{ma} Duqueza da Terceira; s. ex.^a apresentou-se pelo braço do ex.^{mo} sr. marquez de Ficalho — typo venerando de verdadeira nobreza e fidalguia; — e apenas o sr. dr. Jardim, á frente d'aquelle trôço de bravos da Asseiceira e da Villa da Praia, principiou a falar, copiosas e eloquentes lagrimas se viram deslisar pelo rosto da nobre duqueza.

Os voluntarios resolveram então entregar a sua felicitação por escripto a s. ex.^a que lhes agradeceu tão delicado cumprimento, retirando-se summaamente penhorada, bem como o ex.^{mo} marquez de Ficalho, tambem soldado valoroso das campanhas da liberdade, a que estes actos sensibilisam sempre; em seguida foi convidada, alem d'outros distinctos personagens, uma commissão dos mesmos voluntarios para o almôço de SS. MM. que, principiando ás onze horas, terminou á uma da tarde. Findo elle SS. MM. dirigiram-se para a real capella da universidade, a ouvir missa. Depois de missa acompanhados pelo corpo cathedratico seguiram para a sala dos capellos.

Sua Magestade El-Rei tomou assento na cadeira real por baixo do docel, e Sua Magestade a Rainha occupava a tribuna á sua direita, assistida pela ex.^{ma} duqueza da Terceira e pelo ex.^{mo} conde de Valle de Reis, ás suas ordens. Sempre singela e afavel, o seu rosto angelical era 'neste dia mais alegre e risonho que no antecedente.

Dispostas todas as coisas convenientemente, tomaram o grau de doutor na faculdade de direito os srs. José Joaquim Fernandes Vaz, e Macario de Castro e Sousa Pinto Cardoso. Do primeiro foi padrinho Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I; e do segundo Sua Magestade

El-Rei o Senhor D. Fernando, representados pelos srs. ministros da marinha e marquez de Ficalho.

A vasta sala dos capellos esteve sempre litteralmente cheia de espectadores, e o corpo da universidade apresentou-se em grande número.

Todas as tribunas d'um lado e d'outro eram apinhadas de senhoras d'entre as familias mais distinctas.

Cumpridas todas as ceremonias determinadas no programma para este acto solemne, foi Sua Magestade El-Rei acompanhado até aos seus reaes aposentos pelo corpo cathedratico.

De tarde, Sua Magestade El-Rei achou-se encommodado, em virtude do que não pôde visitar alguns estabelecimentos publicos. Foram, pela sua real pessoa, os srs. ministros do reino e da marinha, a pe e vestidos á particular, e visitaram o Museu, o Laboratorio chimico, o Lyceu nacional, o Hospital universitario e a Imprensa da Universidade. Durante toda ésta visita s. ex.^a o sr. Mendes Leal nas suas bem cabidas reflexões deu mostras de seus profundos conhecimentos scientificos, e provas da mais rara delicadeza, que o tornam alem de digno d'uma pasta de ministro, um homem verdadeiramente sympathico e tractavel. Tambem nós tivemos a summa felicidade de falar com s. ex.^a, e confundiu-nos a maneira delicada e affectuosa porque aquelle sr., descendo do alto logar que occupa até nós, nos acolheu e tractou.

Á noite houve espectaculo nos dois theatros — academico e D. Luiz I.

SS. MM. não foram a nenhum dos dois pelo mesmo motivo. Foram a ambos os srs. ministros. No academico, deram-se muitos vivas a Mendes Leal.

Tanto 'num como 'noutro, havia enchente real; os espectadores esperavam a assistencia de SS. MM.

No academico representava-se *o anjo da paz* — e a comedia *a mulher deve acompanhar seu marido*. Em D. Luiz I eram os engraçados bailes dos *meninos florentinos*.

Na quarta-feira, 9 do corrente, por onze horas da manhan, sahiram SS. MM. para á côrte.

Duas alas de academicos no meio de continuados e delirantes vivas, todos munidos de bandeiras azues e encarnadas, o que produzia uma vista magnifica, acompanharam a real comitiva desde os paços da universidade, pela rua Larga, Jardim, Fonte Nova, Sancta Cruz, rua do Visconde da Luz, Calçada, até ao cabo da Ponte. Ahi SS. MM. apearam-se, e subindo a ladeira a pe, foram visitar a Sancta Espôsa d'El-Rei D. Diniz, ao real mosteiro de Sancta Clara. Pela ladeira acima foram sempre acompanhados de academicos e grande massa do povo.

Em quanto SS. MM. visitavam o convento, grande número de academicos, não podendo ainda largar alli o seu sympathico Rei, e a sua virtuosa Rainha, partiram com anticipação para Condeixa.

Na volta da visita do asceterio, Sua Magestade El-Rei, que ignorava a resolução que havia tomado a academia, na occasião em que ia a subir para o coche real para seguir para Lisboa, chamou o academico que se lhe achava mais proximo, o estudante do 1.º anno juridico o sr. Heitor Aambar Cabido, e dando-lhe um apertadissimo abraço, lhe disse: que compenetrado dos mais vivos e sinceros sentimentos de estima pela briosa academia de Coimbra, lhe pedia transmittisse aquelle abraço a todos os seus irmãos academicos como o mais vivo testemunho do quanto ia penhorado e a Rainha, sua augusta espôsa, pelo excellente acolhimento que tinha recebido de tão nobre e distincta classe.

O Rei não sabia que diante d'elle, com avance de mais d'uma legoa, corriam abordoados ás suas bandeiras mais de 300 estudantes, que, não podendo separar-se d'elle ainda, o queriam ver mais uma vez em Condeixa.

Este grande trôço de academicos foi apanhado pela comitiva real em Sernache.

D'alli até Condeixa, formados em duas alas, acompanharam sempre os augustos reaes viajantes, entrando na villa no meio de grande entusiasmo e alvoroço, adejando com frenesi as suas bandeiras ao som de vivas os mais delirantes e signi-

ficativos. Ouviam-se sahir do meio da multidão alguns bem expressivos como «vivam os augustos netos dos martyres da liberdade! viva o Rei sympathico e a Rainha virtuosa! viva o Rei que tem o seu throno no coração do seu povo! Etc.

Sua Magestade El-Rei dignou-se agradecer á academia, apertando a mão ao academico do 3.º anno medico o sr. Menterrozo, e pedindo-lhe que em seu real nome e da Rainha agradecesse a toda a academia as muitas e leaes provas de sympathia e affecto que lhes prodigalisaram na sua passagem por Coimbra. Que nunca se esqueceria da briosa academia de 1863!

De volta para Coimbra muitos academicos foram cavalheirosamente bem tratados pelo administrador d'este concelho o ill.^{mo} sr. Abilio Xavier Pereira, e por seu cavalheiroso pae na sua casa de Sernachê; alem de bem hospedados alli, ss. ss.^{as} dignaram-se arranjar carros para virem a cavallo, ao que os briosos academicos não quizeram annuir. Em nome de toda a academia, d'aqui agradecemos os grandiosos obsequios de tão officiosos cavalheiros.

Á proporção que todos iam chegando á ponte, a pe ou a cavallo, iam todos esperando uns pelos outros, até que, reunidos todos, percorreram as principaes ruas da cidade de bandeiras levantadas e entoando continuados vivas ao Rei e á Rainha, á Cidade das letras, á Flor da mocidade portugueza, ás esperanças da patria, etc.

Chegados á porta do seu digno chefe, o Reitor da universidade, renovaram os vivas aos *bravos* de Condeixa, ao Rei, á Patria, e ao Reitor progressista. S. Ex.^a apparecendo a uma das sacadas do seu palacete dignou-se agradecer á academia em termos breves, mas os mais cordeaes e lisongeiros.

Em seguida a academia, dispersando-se, desapareceu.

E assim terminou o regresso e a estada de SS. MM. em Coimbra.

Duarte de Vasconcellos.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado do n.º 5)

O mundo marcha para a perfeição; mas perfeição relativa em quanto ao tempo. É marcha lenta e vagarosa; porque a estrada do progresso, como todas as da vida, é cheia d'espinhos e abrolhos: esses espinhos são as luctas gigantes entre os tyrannos e os escravizados, entre os amigos da luz e os amigos das trevas.

Apparece hoje o vulto radiante de gloria de um Garibaldi, e ainda se lhe apresenta fronteira a figura sinistra de um Muravieff; mas Garibaldi é filho de Veneza, Genova, Florença e Piza, cidades que na civilisação europeia deram o primeiro passo; Muravieff é filho de Moskou, cidade que, sendo a primeira, talvez, do imperio, foi reduzida a cinzas pelos seus proprios habitantes, o que certamente comprova a sua barbaria: Garibaldi, representando a europa progressista, está em linha com o seculo dezenove; Muravieff, representando a Russia e a Siberia, é um phantasma do seculo onze.

Ainda hoje ha guerras sanguinolentas, é verdade, e ha de havel-as em quanto houver homens; porque nós, tendo algum conhecimento do coração humano, não acreditamos nas utopias dos que imaginaram uma paz perpétua. Mas a differença está nos meios com que hoje se fazem, e nos motivos que as determinam.

As guerras de hoje fazem-se de govêrno a govêrno, segundo os mais sanctos principios do direito das gentes; os soldados d'ambos os campos são inimigos politicos, e não pessoas. A guerra que ainda anda ateadada na America não é de assassinatos e atrocidades, como a do seculo dezeseis entre os hespanhoes e os indigenas.

As questões de independencia, liberdade e soberania dos povos, quando não são decididas nos congressos, ou pelas nações escolhidas para árbitras, são as que no seculo dezenove originam essas luctas gigantes de nação a nação, e muitas vezes de mundo a mundo; nos tempos anteriores eram a escravatura, a conquista e o roubo.

As nações de hoje convenceram-se de que os meios mais estaveis de prosperidade e adiantamento, e mais conformes com a lei de Deus e da natureza, eram o trabalho, a industria, o commercio: os povos do seculo dezenove, esclarecidos pelo brilhantismo do progresso, não seguem a nefanda e falsa politica de se enriquecerem uns á custa do suor dos outros.

Antes d'essa tremenda explosão de 1789 os reis eram tudo, os povos eram nada, porque eram máchinas dos reis; os reis consideravam-se delegados de Deus; tendo recebido o poder de Deus, so elle lh'o podia tirar — diziam elles. Que cegueira, que loucura!... Mas, pouco depois, os thronos vacillaram, a cabeça d'um monarcha rolou aos pes do algoz: os reis foram chamados a responder pelas suas iniquidades perante o tribunal supremo e terrivel do povo!... Quem sabe de Deus a justiça?... Quem sabe se um so pagaria pelos attentados de toda uma dynastia?...

Seguiu-se depois Waterloo, que produziu esse sudario de 1815. Quiz a realza oppor este dique á manifestação da liberdade que por toda a parte se pronunciava; mas, baldada pretensão! o despotismo tornou a baquear em França no anno de 1830, e os povos, que tinham a vista nos destinos da França, seguiram o seu exemplo.

Hoje, no seculo das máchinas a vapor, dos caminhos de ferro e das telegraphias electricas, todos os povos conhecem a sua situação no universo; todos sabem que vivem para si, para viverem para os outros. O regimen liberal predomina em quasi toda a Europa. É sublime ver como o homem se tem elevado em dignidade moral!

Em vista de todas éstas considerações, quem negará a superioridade do seculo dezenove, com razão chamado das luzes, sôbre os outros?...

Com este pequeno esbôço quizemos demonstrar a excellencia do seculo, em que felizmente vivemos, sôbre a dos ja passados, apresentando as difficuldades que o homem encontra na senda do progresso. Adduzimos primeiramente os argumentos, que nos poderiam aventar os apologistas de Eugenio Huzar, para depois os refutarmos, o que nos parece termos feito.

Até aqui temos considerado o homem no seu desinvolvimento social; nos numeros seguintes havemos de estudal-o isoladamente nas suas faculdades — *razão, liberdade e sensibilidade.*

(*Continua.*)

Coimbra, 2 de dezembro de 1863.

A. Eduardo de Moura.

ADORMECIDA

Dorme, estatua de neve,
Vergontea de marfim!
J. de Deus.

Silencio!... Falae baixo!... Dorme a bella!...
Adeja-lhe nos labios um sorriso
Que o dissereis um ar do paraiso
A perfumar-lhe as faces, a involvel-a!

Não sabeis que existencia é um sonho, quando
Brotta em sorrisos taes 'num labio puro!
É como, se, ao sahir d'um antro escuro,
Entrassemos 'num templo venerando.

Que linda!... Ai! Eu não sei se a flor curvada
Ao beijo perfumado d'uma aurora
Tem mais mimo e frescor do que ella agora,
Assim, soltas as tranças, reclinada.

Eu ja vi nos meus sonhos, pelas séstas,
Surgir ao pe de mim, mas não sei d'onde,
Um anjo que se curva e que me esconde
Nas tranças que eu jurava serem éstas.

As tranças eram de oiro... vi-as perto...
E o mesmo ar socegado e o mesmo riso!...
E se a dormir seus olhos não diviso,
Nunca eu d'uns olhos soube a côr ao certo.

Não é visão, não é!... Visões tão bellas!
E uma visão não dorme nem respira!...
E se ha visões assim, quem não suspira
Por ter 'num sonho uma visão d'aquellas?

Quem a vida levára assim sonhando!
Ao menos não te vira a ti dormindo,
Anjo que me roubaste a alma sorrindo,
Sem eu saber porque, nem como e quando.

Porto, 26 de novembro de 1863.

Alexandre da Conceição.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

IV

Decorreram dois mezes.

'Num Eden devem florir sorrisos: na mu-
tuidade do amor a ventura, um beijo, o anhel

do infinito — a suprema felicidade! Mas é que no Eden rastejou a maldicta serpente: no amor ha um não sei que de triste; 'num beijo ha o veneno da posse. E essa serpente e essa tristeza e esse veneno, estudei-os e apalpei-os evidentemente através do devaneiar de dois amantes: através d'essa sua philosophia epistolar 'nalguns trechos de Gustavo. A última missiva que Eulalia escreveu para Coimbra a Gustavo, era uma propheta que um sonho lhe inspirára: essa propheta reduzia-se a que morreria dentro de poucos dias.

«Recostemo-nos um pouco, escrevia Eulalia, no travesseiro dos prejuizos. Analyseemos com o escalpello do espirito melindroso, o que quer dizer esse sonho que te relatei... Por ventura poderei eu affiançar que esse sonho symbolisa a minha última hora? Attende Gustavo. O Senhor falou sempre a favor dos seus por meio de signaes, por meio de symbolos. Aos primeiros patriarchas appareceu-lhes pessoalmente: e depois essa columna de fogo conduziu o povo de Deus ao deserto. E por meio de visões falou a Pharaó, a Abimelech, a Nabuchodonosor, a Balthasar: e quem foi que inspirou essa formosa Judith a salvar Oseas e os seus, senão uma inspiração divina que o Senhor lhe innoculou por meio de algum symbolo?! Em quanto os prophetas viveram, falou Deus aos homens por meio da bôcca d'elles, e depois que esses nuncios do Omnipotente deixaram de existir tem falado, como diz Vieira, aos homens por meio de cometas: sendo certo que esses signaes celestes so appareceram depois da morte de Malachias, o último dos prophetas.

Ora porque não devemos nós crer que os sonhos são tambem visões enviadas pelo Senhor, para govêrno nosso?»

O sonho de Eulalia reduzia-se a ella ver-se 'num feretro abraçada a Gustavo e á mãe de Gustavo. Em redor á direita alavam muitas cohortes de anjos, e á esquerda havia um abysmo negro e medonho, d'onde sahiam uivos que eram abafados pelas harmonias que os anjos menezes treis entoavam em citharas e harpas.

De repente o feretro se desfaz, e ella era levada mais a mãe de Gustavo para o Ceu: Gustavo ficára em baixo. Neste ponto diz Eulalia que accordára.

Cogitando 'nesse sonho repetidas vezes uma arruinadora tristeza se apossou de Eulalia. De-finhava visivelmente, de dia em dia.

Gustavo sabendo do estado de sua amante, vem, dando algumas faltas, vel-a.

Esteve algumas horas juncto d'ella, e a donzella pareceu viver como aos quinze annos.

À despedida, Eulalia tomada repentinamente de um pezar íntimo, disse a Gustavo:

— Não ves a minha magreza?

— Vejo, filha, e tenho medo.

— Também eu, porque tu possues um bom coração e eu queria que tu fosses feliz, visto que o não posso eu ser.

— Mas eu amo-te tanto!

— Bem sei... Eu devia gozar muito com isso mas acho so prazer em pensar na soledade, no cemiterio, na morte.

— É célebre!

— Gustavo, ve se me podes esquecer.

— Nunca! Nunca!

— Has de esquecer-me, porque dentro em breve estarei alem por detraz d'aquella floresta d'onde soam — não ouves? as notas plangentes e funereas que symbolisam um ataude?

— Eulalia, tu matas-me!

— Vae-te! Vae-te! Sê feliz! Ve se me podes esquecer... Parece que uma mortifera e contaminosa ideia se me inoculou 'nalma! Foge-me que te assassino com este veneno que me myrrha!

— Adeus Eulalia! Pedirei a Deus por ti!

Mal tinha chegado a Coimbra o mancebo, quando uma carta da thia de Eulalia o chamava a toda a pressa.

Gustavo estarrecido com as fibras do coração fistulado, antes de doze horas estava de novo juncto do leito de Eulalia.

A virgem em delirio pronunciava o nome do amante. Este estremecia, estorcia-se 'num marasmio lethifero.

Gustavo ao depois, narrando-me estes tristes acontecimentos, me dizia:

«Não sabes, amigo, o que é subir ás fauces um fogo devorador que o coração dardeja para todas as arterias, voltejar o craneo como soterrado por massa de Adamastor, e cahir de bruços sôbre o leito do amor agonisante sem poder lacrimar sem poder haurir um rocio d'allivio no presente? Essa agonia me repellia para longe d'aquelle leito da morte!

E arrastado por uma pressão incognita, procurei um padre para que nos abençoasse, para que eu ouvisse entre as benções sacerdotaes o celeste *sim*, que Eulalia me daria no fim de minha formatura!»

Com effeito, o levita acompanhou Gustavo.

Na ausencia d'este, Eulalia tinha recuperado os sentidos. Ao vel-o, ella deu um grito, levantou-se no leito, pronunciou o nome do amante e cahiu depois esbracejando. Gustavo em desespero clamou:

— Eulalia! Eulalia!...

— Gus...tavo! mal pronunciou ella.

Duas lagrimas vidradas lhe rolavam pela tez pallicenta. Sua voz enrouquecida mal souou aos ouvidos:

— Quanto sou feliz por te ver ainda Gustavo!

— Eulalia! Tu não me ouves! Aqui está este padre para nos abençoar, dá ca a tua mão!...

— A minha mão... não é para ti é para os vermes: a minha alma se não voejasse agora para Deus, t'a poderia dar toda: mas ainda assim eu te levo gravado: a tua doce lembrança sera o sol que me ha de guiar aos Ceus!...

— Eulalia, a tua mão!

— A mi...nha mão... eil-a... Gustavo!...

O moço aperta a mão ja fria: olha para a face da donzella, e ve gradualmente os olhos cerrando-se: um último grito que lhe ressurtiu no íntimo, lhe evidenciou que aquella mão era d'um cadaver!

Gustavo permaneceu tempo immenso 'naquella postura. De quando em quando, apenas o fazia estremecer uma surda voz que perto era articulada. Essa voz cessou de se ouvir, e Gustavo sentiu-se como excitado por choque electrico:

— Ajoelha infeliz!... Deixa a materia — essa é para a terra — de laolveu. Ajoelha e eleva o espirito a Deus que a ésta hora está recebendo no seu infinito imperio mais um anjo!...

O mancebo ajoelhou.

Segundo depois elle me disse, d'esse instante de nada positivo se recordava.

— «Não sei o que orei, me dizia elle. So me apparecem vislumbres d'um côro angelico: que parecia acompanhar a alma de Eulalia aos Ceus.

Uma harmonia, ora melodiosa, ora estridente, mas sempre surda, me soava ao ouvido. Depois, de repente, pareceu-me cahir-me um peso enorme em meu craneo, que me fez derrear. Nada mais soube de mim!

Um dia como que nasci de novo para este mundo. Acordei sem saber onde estava, e porque alli era. O primeiro gôsto que me veio ao ver minha mãe juncto de meu leito, foi sorrir-lhe, e ao ver as lagrimas d'ella, chorar também. Quando escutei a voz suave e materna, senti no coração uma dor aguda, e a imaginação como que se nublou. Meus labios pronunciaram então sequiosos o nome de Eulalia!

Desde então foi um continuo soffrer.

Passaram seis mezes: parecia que andava quasi bom, voltei para Coimbra matricular-me, para obedecer a minha mãe. D'estes quatro mezes anteriores, sabes tu a metade de minha vida. Nas poesias que te tenho lido tens visto a lin-

guagem d'um profundo soffrimento; em meus passeios solitarios, o misantropismo excruciante da dor; 'nessa orgia, a que tantas vezes te tenho arrastado, o soffrimento em excesso e mal reprimido pelas bebidas alchoolicas. Na minha *cábula* a não interrupção da dor.

O soffrimento é o suicido lento do genio!»

Eis como até se embota e se apaga essa scintilla que do infinito nos veio!

O amor dá a morte da alma, e este estado um marasmo que corta os voos á imaginação, que tripudiá a ascensão do genio! Emfim ha muito genio suicidado pelo amor.

A mulher que amei fez-me homem! Para ella estudava, para guindar-me ás nuvens do esplendor glorioso para mais lhe agradar: essa mulher morreu-me, e minha poesia e minha alma e meu genio desceram á sepultura com ella!

Várias tentativas tenho feito para me reabilitar.

Impossivel!

Ha uma campa de marmore chumbada por tal fórma, que minha intelligencia so com a resurreição d'essa mulher poderia ressuscitar-me!

E gósto de todas essas excruciantes agonias, pois quanto mais soffro, mais perto d'ella estou!

(*Continúa*).

Manuel S. Alegre.

CONVERTIDA

Outr'ora tu vinhas galante, mui bella,
Qual fada corrias por entre os salões,
A fronte altaneira, mas nunca singela,
Fazia captivos a mil corações.

Esguia palmeira do vento embalada
A copa não ousa volver para o chão;
Mal sabe se fôra da brisa curvada
A flor debilsinha, que surge em botão.

Assim tu pairavas nas azas do espaço,
E cega não vias, sedenta d'amor!
Falcão atrevido não sente cansaço,
Nem teme que as azas derreta o calor!

No baile, que louca, que insana vertigem
Fazia teu corpo gentil palpitar!
Se alguém te dizia — eu adoro-te ó virgem! —
Tu tal ousadia fazias pagar!

Franzino veado que vae perseguido,
O raio imitando veloz a correr,
E vae nem que houvera seus olhos perdido
A bella armadura nas folhas prender!

E fica espantado, debalde forceja!

Não sabe que força seus passos detem!
Qual homem sem tino, que breme, pragueja,
Que ja do lab'rinto o bom fio não tem!.....

Tambem tu perdeste teu guia incansavel,
Que a altura tamanha teus passos guiou;
E vendo a teus pes um abysmo insondavel
Teu corpo mimoso, gentil, vacillou!

Modorra espalhada por sôbre a cabeça
O fogo em que ardias mui breve extinguiu;
Em ti mais e mais a tristeza s'espessa,
De ti a alegria virente fugiu!

Depressa deixaste mundano attractivo
«Protheu não varia com mais rapidez!»
E vejo-te agora d'olhar pensativo,
O mundo desprezas, no mundo não crês.

Bem hajas porisso, o porvir te esperava,
Julgaste ser culpa viveres assim;
Tombou-se-te o calix, que fezes te dava
A ti, ebria sempre d'immenso festim!

Os rizos trocaste por votos sentidos,
Que á noute se elevam, que vão até Deus,
Teus passos agora ja não são perdidos,
A vista ja pôdes erguer para os ceus!

Ruido de festa ja não te embriaga,
Ja não dás ouvidos ao teu anjo mau,
O brilho fingido dos lumes se apaga,
E vaes para a egreja, não vaes pr'o sarau!

E, vendo-te agora tão triste, sentida
Não penses que triste me ponha a chorar!
Eu gósto de ver-te d'orgulho despida,
Talvez eu te possa assim mais adorar!

Tu és melancholica estatua de sancta,
Que a fe do bom povo achar foi no val,
E agora na egreja, que a todos espanta,
So d'ella o contacto nos livra do mal.

Outr'ora nas dansas, na douda folia
Diziam-te «és moura formosa, és huri!»
Christão cavalleiro, na dura porfia,
Venceu teu rival, e te oscula — sorri! —

No sancto baptismo, que graça divina,
Que unção sacrosancta te deu tanta luz?
Que fe no porvir te encaminha, e te ensina
Preceito sagrado, que ao ceu te conduz?! -

Porto — agosto de 1863.

F. M. de Sousa Viterbo.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

(Continuado do n.º 5)

—Hoje sôbre que havemos de discutir?

—Eu entendo, que sôbre partidos politicos.

—Valeu. E ahi vae ja formulada a questão: Os partidos são um bem ou um mal, para as nações?

—Eu estou tão convencido, de que são um bem, que vou mais longe; sustento ainda, que são uma condição essencial da vida e progresso das nações.

—O que?! Sera possivel que fales com a sinceridade da convicção?... Ignoras por ventura, que os partidos são uns insaciaveis abutres, que se disputam as entranhas dos povos? E senão vejamos: por quem são constituídos? Unicamente por ambiciosos e esfaimados, que em grande parte têm inutilmente batido ás portas da industria, da arte e da sciencia. Qual é o seu fim? Empunhar as redeas do poder, para acarvarem as mãos nos cofres dos estados. Quaes os meios que empregam? O embuste, a calúmnia, a traição, e toda a especie de violencia, como a revolta, o tumulto, etc.; porque os partidos não discutem meios: para elles todos são legitimos, com tanto que os conduzam ao poder.

D'ahi odios, vinganças, rivalidades represalias e dissensões, que esfriam o espirito de sociabilidade, com gravissimo prejuizo da civilização, que sem a unidade de esforços é impossivel.

Alem d'isso compromettem fatalmente o futuro, porque não so fazem mentir a historia, explicando-a em proveito de seus interesses, mas porque desvirtuam todas as revoluções, que preparam, fazendo-lhes assumir uma physionomia apropriada ás suas conveniencias.

E, se as minhas palavras te não merecem credito, consulta a historia contemporanea, que la verás a minha opinião sobejamente confirmada.

Ágora ve se podes adduzir razões em abono da tua atrevida proposição — que os partidos são uma condição essencial da vida e progresso das nações. —

—Comêço por advertir-te, que com abusos nunca se argumenta, porque o homem em todas as manifestações da sua actividade ha de revelar a imperfeição da sua natureza. Alem d'isso, o que tu esboçaste com tão negras côres, não tem no *Diccionario politico* o nome de

partido, mas de facção, que são coisas mui distinctas. Os partidos representam sempre um sistema de principios, porque os espiritos so podem ligar-se pela unidade de crenças. E desde o momento, em que o principio, a ideia, cedem o lugar ao interesse, o partido perdeu a sua razão de ser, o seu caracter fundamental, e degenerou em facção.

Posto isto, vou ver se demonstro a minha proposição.

Está hoje reconhecido, que o estado tem a grande e espinhosa missão de fornecer a todos os órgãos do corpo social meios exteriores de vida, e desinvolvimento. Como porém a civilização moderna é complexa, multipla e variadissima, é mister, não digo bem, é indispensavel, que esses meios revistam o mesmo caracter, isto é, sejam complexos, multiplos, etc. D'ahi a necessidade de tantos grupos d'homens patriotas e progressistas, isto é, de tantos partidos «quantos são os systemas dos principios sociaes, para os estudarem, desinvolverem, elaborarem e applicarem, principalmente quando forem chamados a dirigir o leme do estado: porque é forçoso confessar, que um so partido não pôde tornar-se práctico e especial nas diversas ordens de ideias, que hoje se cruzam nos horizontes politicos.

Alem d'isso influem immenso na moralidade pública, porque os partidos são rivaes que se não poupam; e até mesmo os seus membros, cada um de per si, andam sempre com toda a cautella e prudencia, para não fazerem cousas que deshonrariam o seu partido, e o exporiam ao desprezo e ás censuras implacaveis do partido contrário.

E mandas-me interpellar a historia! E que me diz ella? Que os partidos têm feito correr o sangue das nações, não é assim? Mas que prova isso? Que a humanidade não pôde dar um passo *en avant* sem um sacrificio. É a ordem natural das cousas. Sim, o christianismo não poderia succeder ao mosaismo sem a tragedia sublime de Golgotha, e o astro da liberdade não illuminaria hoje a Europa, sem o cruento martyrio de 93. Mas, porque o viageiro encontra um obstaculo no meio do caminho, ha de sentar-se, e firmar a face 'numa das mãos? 'Nesse caso deviamos voltar a estatua da humanidade para o passado. Mas não! O mundo marcha; e portanto os partidos são indispensaveis.

Agora ouve o que diz o ardente apostolo do progresso, — E. Pelletan.

«Os partidos representam as diversas opiniões d'um paiz, cada um no seu lugar, e na sua medida. Sua lucta contribue tanto para a

grandeza d'uma nação, como a concorrência para o desinvolvimento da industria... Se não houvesse sobre a terra, senão o partido do progresso, a humanidade não teria tempo para reflectir; se não houvesse senão o partido do passado, a humanidade não aperfeiçoaria nunca o seu destino. A acção e a reacção dos partidos no corpo social, como a acção e a reacção dos órgãos no corpo humano, dão pois o movimento a uma nação, e, por seu contra-pêso reciproco, a regularidade ao movimento.»

Basta por hoje que estou incommodado.

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

SACERDOS LACRYMANS

(A THEOPHILO BRAGA)

In recondito sacello,
super fuso longo velo
totum corpus,
per dolorem, quem sentiebat,
multas lacrymas fundebat
genuflexus!

Qualis supplex, timorata,
virgo Deo consecrata
prope aras,
candelabros, et incensum,
viditque Jesum suspensum
super crucem!...

Contristatur pungens multum
cor afflictum et sepultum
in dolore!...
post, voce moribundi
volvens facta hujus mundi
rursus gemuit!

In silentio murmuravit,
solus, secum suspiravit
in moestitia;
inde surgens album velum,
ponens spem ad altum coelum,
abii lacrymans.

J. Simões Dias.

AHI VAE! (a)

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

«Desde que a espada deixou de ser argumento unico, a palavra e a escripta, ajudadas da imprensa que as reproduz, tornaram a ter grande valor.

Os homens que, falando ou escrevendo, chegaram a convencer os outros e a obrigar-os a mudar de opinião, vieram a ser tão célebres como os antigos capitães, e tão poderosos como os reis. A sua voz marcharam os povos no caminho da civilisação, e a penna veio a ser o sceptro da nova realza!»

O Sampaio, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.

I

Sempre imparcial em seus oráculos, quando inspirada so pelo amor á verdade, e registrando as evoluções incessantes, pelas quaes a humanidade tem passado atraves os longos seculos do seu peregrinar constante sobre a terra, a historia, na dupla qualidade de *pregoeira da antiguidade e mestra da vida*, como lhe chamou o grande escriptor romano (b), ensina-nos que a infancia de muitas gerações, embaladas e adormecidas ao som das lyras pastoris, foi gemida e soluçada nas solidões, em quanto aquellas vagavam errantes pelos desertos, onde uma população ainda minguada, bem que crescente sempre, não consentia semear frequentes domicilios, para abrigo certo e commodo das alternativas do tempo.

E tal fôra um dos primeiros e mais longos periodos da vida dos *orientaes*, quando menos dados ja ao exercicio da caça, que antes se tornára o fito a que mirava sua actividade nascente, começavam de alongar suas vistas em de redor do berço, que escutára os primeiros vagidos da humanidade embryonnaria.

Cresceram depois, com ao mesmo tempo se multiplicaram cada vez mais as necessidades; e a intelligencia, halito divino soprado no homem, alargava a sua esphera, á medida que a geração assumia tambem proporções mais vastas, importando sempre necessidades d'outro genero.

(a) E vae *qua tal*, sem alteração nem, talvez, modificação; porque persiste a intenção e tambem o fim, embora diverso o meio de manifestar aquella e de chegar a este. Cedi então; e era em particular, podia fazel-o como quizesse: accederei hoje; va, mas usando da mesma liberdade. So sinto perfilhar hoje o que aliás engeitava como anonymo. A necessidade se attribua, e so a ella.— De resto,— *quod scripsi, scripsi*,— como dizia o outro.

(b) Cicero, o orador-philosopho.

Mal eram satisfeitas éstas, appareciam logo outras, e a industria nascente, offerecendo e prestando sem reserva os seus recursos, em sua mesma liberalidade provava quanto, de dia a dia era mais fecunda, até que na ampliação do seu ambito chegára a receber perfillhados os primeiros rudimentos da arte.

Ésta, por seu turno, accitendo tambem o novo desinvolvimento, que lhe offertava uma cultura progressiva, posto que lenta e vagarosa, ja começava de antever o grau de aperfeiçoamento, a que seria levada, quando os primores do genio do homem lhe viessem insuflar mais vida, e, depurando os preceitos d'ella no cadiño da intelligencia, os despissem dos andrajos da sua pobreza, tão propria e proverbial sempre de tudo que é incipiente.

Assim se progredia então. (Continúa).

G. Pereira.

SONHO E REALIDADE

Quem és tu, Virgem celeste,
que em meus sonhos de delirio,
contra os meus imprimes soffrega
os teus labios côr de lyrio?

E nos sorrisos da aurora
que sorris tão meiga e bella?
E me soltas mil suspiros
na canção de philomela?...

Quem és tu, que eu mal diviso
entr'as vagas da neblina
acenando-me risonha
la do cimo da collina?

Seras um anjo baixado
da mãsão celestial,
p'r'arrancar minha alma triste
a este abysmo infernal?

Ou bussola, que norteie
meu baixel?... Oh! desalento!...
És apenas uma filha
do meu vago pensamento!...

1862.

J.

CHRONICA

Ser *chronista* é ser martyr; e por fim a palma d'este martyrio é o epitheto de... *sandeu!* Declaro que de muito boamente cederia a mi-

nha *palma* a quem m'a deu, e deixaria por uma vez de ser *chronista*, se uma dura necessidade me não obrigasse a sel-o.— Ésta necessidade nasce da *chronica* constituir *parte obrigada*, introduzida a capricho 'num jornal litterario.

Alem d'isso, a nossa fe de christão leva-nos a crer que *nosso padrinho* ja goza da sua nó ceu, porque o ceu é a *patria dos pobres...* d'espirito. No céu nos veremos! mas em quanto não vou, va de la escutando as minhas *sandices*.— O que me admira é que ellas subam tão alto! É que no meio das nossas *sandices*, ha alguma cousa de verdadeiro; e a verdade é como o sol que, depois de reflectido, volta ao ponto d'onde partiu. Ella toda do ceu, filha a mais querida de Deus, volta a procurar o seio d'onde nasceu.

E nem se julge que o que deixámos dicto é *espirro* filho da pitada que nos dêram; não. É fraco de mais o *seu rapé* para nos fazer *espirrar...*; e parece-nos até que V. S.^a so para entreter o *vicio-moda...* de correspondente, em vez de rapé cheira... *pós de sapateiro!*

Pois meu caro senhor, guarde la para si as suas *pitadas*, que julgo lhe hão de fazer bem, porque ao que parece padete bastante... da cabeça; e em quanto o meu caro vae *cheirando* vou eu alivanhando, bem ou mal, ésta *chronica*.

Falar inda hoje aqui ás caras leitoras na viagem de SS. MM. e na sua estada em Coimbra seria tornar-mo-nos, se não *sandeu*, porque ja o somos, pelo menos *semsaborão*. O assumpto é altamente importante, mas ja tão falado e repetido! e alem d'isso ja lhe consagramos não uma *chronica*, mas um número intero d'este jornal; por isso fugiremos para os theatros, que são o *refugi*o... *dos chronistas*.

Antes da volta de SS. MM. do Porto, tinha havido no theatro de D. Luiz o beneficio da muito interessante e sympatica bailarina, a menina *Natalini Innocenti*. Admirou-nos na verdade que o mimo da companhia dos *meninos florentinos*: a predilecta da plateia e dos camarotes tivesse tão pouco concorrido o seu beneficio.

Não obstante a falta de concurrencia e desanimação que n'aquella noite reinava para todo o theatro, o que não era de esperar, por ser aquella criança de tanto interesse e merecimento, inda teve muitas corôas, flores do Japão, pombas, e as duas seguintes poesias:

A NATALINA INNOCENTI

Na quadra singela d'amenos folgares,
No palco dominas cercada de luz;

E ves alastrada de lyrios e rosas
A senda, que ao templo da gloria conduz.

O genio e a innocencia, 'num mystico abraço,
T'esmaltam a fronte serena e gentil;
Fieis te dirijam os timidos passos,
E intacta conservem tu'alma infantil!

Ó flor, que estremeces ao sôpro das auras,
Não venha uma nuvem toldar-te o porvir;
E os anjos, teus socios, co'as candidas azas,
Amparem, protejam teu casto florir.

Dos coros celestes nas azas do genio
Pousou no proscenio cercada de luz!
E Deus á pombinha perdida do ninho
Mostrou-lhe o caminho que á gloria conduz!

Da coroa dos anjos, florinha mimosa,
Cahiste no palco, teu berço infantil;
E á sombra de palmas, na aurora da vida,
Vegetas agora, qual rosa d'abril.

O norte não venha roubar-te os encantos,
Beber-te os perfumes, queimar-te o frescor!
Os ceus te protejam, e os anjos em cantos
T'exaltem, e cubram de bençãos d'amor!

Duarte de Vasconcellos.

Pelos camarotes ou nada havia digno de menção especial n'aquella noite, ou de todo nos esqueceu. Já ha tanto tempo!

Depois da partida dos reaes viajantes houve duas recitas so. Uma no theatro academico, outra no de D. Luiz.

No Academico foi á scena repetido pela segunda vez o drama *D. Maria de Alemcastro*; e a comedia-drama o *Anjo da paz*. Tanto uma como outra peça agradaram muito.

Soares Franco, Valle, Callado e Nuno são sempre bons e cada vez melhores. No drama revelam tambem bastante talento dramatico. Tello e D. Guedes.

O *Anjo da Paz* é uma verdadeira lição de moral. O vicio que ella tem por fim rebater é uma das feições mais predominantes da nossa epocha. Oxalá que ella aproveitasse a muita gente e que pôr uma vez a mulher se convencesse que a felicidade se não esconde muitas vezes debaixo d'um montê d'oiro!

C. Castello-Branco foi dar com ella debaixo d'uma tábua carunchosa, eu, parece-me que se um dia me deitasse á busca d'ella, havia de ir

encontral-a aninhada entre dois corações que bem se amassem!

D'esta vez tivemos a felicidade de admirar de perto dois olhos azues, que já d'outra vez chamámos pretos. Parece que o nosso engano chegou a produzir descontentamento; mas esperámos que nos seja perdoado o engano, filho sem dúvida da distancia a que os viramos, e nunca de desconsideração de côr. Pretos ou azues são sempre lindos e de interesse para o chronista; então, pretos contemplava-os por que via n'elles a côr do seu viver; agora azues admira-os e estima-os porque ve n'elles o céu que é a sua esperanza!

Em D. Luiz levaram os *meninos* á scena o aparatoso baile *Ezilda*.

No 1.º acto ha uma vista de mar, que podia não ser feia, se tivesse sido bem executada. O embate das ondas assim tão regular torna-se monotono e tira toda a verosimilhança, e por consequencia todo o interesse — além d'isso o machinismo dos barcos mal preparado e mal executado fez naufragar a peça logo no principio. Entrego a descripção do prematuro naufragio, assim como o piloto *inexperiente* ao espirito do collega do *Atilla*.

A vista do 2.º acto seria surprehendente, se não fôra a imperfeição do repucho. O jacto principal era cousa de fazer arripiar. Inda assim o resto da vista pôde dizer-se obra prima no seu genero.

No 4.º acto foi bem executado e produziu maravilhoso effeito o incendio do castello.

Valdechi tambem não podia andar melhor no episodio da defeza contra os seus aggressores.

Nos bailes foram rainhas como sempre *Flori*, e *Imocenti*. Foram tambem muito admiradas e applaudidas *Liberti* e *Concheta*.

O throno das rainhas do theatro era o camarote n.º 8 da 1.ª ordem. Aquelles sorrisos dê desdem e desprezo é que fazem feios dois rostos que são tão lindos!

Coimbra, 19 de dezembro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes que se dignem pagar a importancia da sua assignatura. De fôra podem procurar os seus recibos nas seguintes partes — na Redinha, em casa do sr. Francisco Manso Preto; em Lisboa, em casa do sr. José Rocha da Silva Sanches; em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Pires Marques, e em casa do ill.º sr. José Espirito Sancto Caio.



AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

(Continuado de pag. 54)

V

'Num d'esses dias de agonia, em que Gustavo timbrava immergir-se, em que a luz nos parece a chamma morbida, que nos apascenta a atrophia moral, 'num d'esses ensejos em que a vida nos parece o ante-soffrimento da morte, debruçava-se o mancebo 'num compendio da aula. Embalde concentrava no livro da sciencia o seu pensamento.

Ao lado era, como phantasma agonisante, um craneo, cujas bossas frontaes preeminentes tocavam ao vivo.

— Quem sabe! murmurou Gustavo, que alma agigantada não seria a d'este individuo!

E, fascinado, abriu o livro para estudar a phrenologia de Gall.

Depois de alguns minutos exclamou o academico:

— Que Byron sublime não poderia ter sido este pobre desconhecido!... este pobre lavrador que eu no anno anterior ajudei a retalhar! E que fez a sociedade d'este genio, que petrificou em embryão?.....

Se este homem nascesse rico, seu nome se reuniria, como flor aromatica, á grinalda da immortalidade! Mas como nasceu na lama da sociedade, perpassou pela estrada como o animal sem razão! Mais infeliz do que elle, pois, o borbulhar do seu genio devia tortural-o quando seus vãos cahissem ao golpe da miseria!

Este homem foi um algarismo da sociedade, algarismo perdido entre o chaos da arithmetica social, que não sabe *dividir* com egualdade!

Gustavo embrenhava-se 'nestes e outros scismares quando de subito estremece a uma lembrança que lhe occorreu.

— Que imaginas tu que seria, amigo?.....

Uma hora depois que o academico teve essa lembrança montava a cavallo. Eu, que o vi partir para o norte de Coimbra, parecia ver um d'esses genios da mythologia, atravessando em-

pavidos as cumiadas e as planicies sem tocarem nem de leve no solo!

Sube depois que no dia seguinte, a horas mortas, entrava Gustavo na igreja de... com outro homem que levava aos hombros uma pa e um alvião. A campa n.º 3 foi aberta. O mancebo hirto, qual o proprio cadaver, esperava com ancia o momento em que um cesto que ao lado estava fôsse cheio de uma ossada.

Causava um certo terror o movimento automatico do alvião do coveiro, ao lado um lampeão, bruxeleando uma vaga luz para cima da nave do templo, uma lampada cujo pallor amortecido ia lambar os cravos de Christo na cruz, e em pe, mal respirando, pallido como o finado, Gustavo com um frasco de fragancias na mão!

O moço deu um grunhido — último uivo da agonia — quando é lançado no cesto o primeiro osso. Ao estalido sécco de outros tantos ossos, correspondia um estertor gemente do mancebo. Quando o coveiro começou a deitar para a cova a terra que era ao lado da sepultura, Gustavo desaparecera com a ossada.

Esses ossos eram de Eulalia.

Não te posso exprimir bem a sensação, o estremecimento, que me assomou quando Gustavo me narrava a realisação da lembrança que tivera, estudando o systema de Gall.

O academico me continuou a narração de suas emoções em puro delirio:

— O meu primeiro trabalho, dizia elle, foi laval-o com soes, depois reunir as peças com arames. Assim predisposto colloquei-o aos pes do meu leito. Essé esqueleto, pois, que vês lá é de Eulalia! Essa fronte e essa face, que eu a sós á meia noite no silencio das trevas beijava, seguro de que ninguem me presenciava senão a alma d'ella, é de Eulalia! É ella que eu vejo quando quero e com quem converso, apesar de ella nada dizer.

Sim! 'naquella mudez esqueletada phantasio ainda os braços d'ella cingindo-me a cintura, cuido oscular ainda os labios d'ella, rubros de amor e de delicias, penso sorver ainda 'naquella sua formosa face a ambrosia d'uma paixão que os mais felizes invejariam: sim! 'naquellas fossas orbitarias phantasio á noite, ao reverbero da lua e das estrellas, o movimento de seus fulveos supercilios, e por baixo os seus olhos azues, mais poeticos, mais amorosos, mais bellos do que o azul dos ceus, illuminado á tarde pelo crepusculo moribundo.

E é para mim phantasioso ao duodecimo som do campanario, som que se melancholisa por entre as grimpas do mosteiro proximo, olhar para esse todo esqueletico, dar-lhe pouco a pouco

as fôrmas vivas, evocar á minha imaginação o passado, como pombinha que traz o ramo de oliveira, e fazer d'aquelle liame d'ossos uma mulher bella e formosa—Venus em formosura; Sapho em poesia; Heloisa no reverdecer d'amor; Natercia no prometter d'esperanças!

Uma noite passo eu assim 'nesse desvanecer até que o dia, com sua luz aborrecida, me turva os olhos, chamando-os á realidade da vida e lhes diz:

—Eulalia é morta!

Oh! então grunho rugidos de bronco sceptico! Embalde invoco as sombras da noite, mas ellas fogem horrorisadas do meu sonhar, tão ficticias, mas tão mysticas de sabores para a minha alma!

Um dia d'esses lancei insensivelmente mão de um revolver, ia atravessar o craneo com uma bala. 'Nesse instante mesmo lembro-me de minha mãe: mal pude affastar o cano, pois que uma bala inda roçou na minha frente — d'onde me proveio a cicatriz que 'nella vês: e cahindo no chão pareceu-me que Eulalia alli viera soprar-me a vida, pois quando accordei d'uma syncope estava no leito!

A vida, que até hoje se me alimentava, era por amor de minha mãe, por amor d'aquelles cabellos brancos que eu tanta vez beijei com veneração!

Agora... nada tenho a esperar! Morri para o mundo, pois que minha mãe acaba de morrer!

Tenho vinte e dois annos e os cabellos me enbranquecem: são intensissimas as borrascas sob-eraneanas! Minha imaginação amortece-se em devanear no esqueleto de Eulalia, vejo so ossos! Por ventura posso viver assim?

— Talvez, amigo, lhe reflecti eu.

— Como?

— Busca o abrigo sancto da religião!

— Religião! Fallas-me em religião, continuou Gustavo. É cousa que eu não posso buscar: tenho a alma morta. Ha um pensamento terrivel que volteja constantemente em frente dos olhos para eu ler: é — *Deus podia dar-me Eulalia!*

— Medita bem: o suicidio equivale a não se acreditar em Deus!

— Deus! murmurou meditabundo Gustavo, recostando-se no seu leito.

Previ que uma grande tempestade, uma grande batalha ia dar-se no intimo do amigo. Deixei-o. Apenas lhe reflecti ao sahir:

— Christo resignou-se!

Não sei bem que pensamentos torturaram o pobre moço. Deviam ser agudos e dolorosos como espinhos: como quem está entre dois abysmos

e caminha por uma agreste vereda, resvalando quasi a cada passada que dá; e julgo isto pois que no outro dia recebi um bilhete de Gustavo, em que me dizia que ia deixar Coimbra, voltando so para outubro matricular-se em theologia.

Era a unica tábua de salvamento onde poderia o martyr viver e não resvalar no pelago do crime!

Hoje, se passares pela aldeia de... e perguntares pelo padre... ouvirás dizer a uma unisona voz — é um sancto o sr. prior!

Tu, observador, admirarás a ordem, a abundancia e felicidade de toda a parochia, e até engraxarás com o bom prior, que debaixo de uma imponente calva occulta trinta inverniás! No seu quarto vês apenas duas esteiras, servindo-lhe de leito, uma rude caixa, onde podes observar todos os papeis d'onde tirei estes apontamentos, e a um canto uma tábua, similhando uma cantoneira. Abrirás uma porta falsa, e la dentro encontrarás o esqueleto de Eulalia!

Vês sorrir constantemente o padre; esses sorrisos querem dizer que ha um unico amor de salvação; é aquelle que é apascentado pelas letras do evangelho.

Manuel Simões Alegre.

CIUMES

A. M. P...

ao fundo do coração
desgostos, penas, ciume,
de dores todo o cardume,
todo o peso da afflicção...

A. A. da Fonseca Pinto.

É noite — vae alta a lua,
e alem na janella tua
se espelha o baço clarão!
é noite — esvoaça a brisa
sobre o arroio que deslisa
mansamente pelo chão!
é noite — 'nesta clausura,
sinto a lia da amargura
cahir em meu coração!

Infeliz, embalde almeijo
imprimir-te doce beijo
na frente celestial! —
da brisa tenho ciumes,
que alem rouba mil perfumes
ao odorifero rosal,
e d'elles vae arroubada